



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Ana Lúcia de Oliveira

**A História da Erva**

Florianópolis

2022

Ana Lúdia de Oliveira

**A História de Erva**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestrado.

Orientador: Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Ana Lúcia  
A História da Erva / Ana Lúcia Oliveira ; orientador,  
Letícia Cesarino, 2022.  
108 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. maconha. 3. cannabis. 4.  
cannabis. 5. antropologia multiespécie. I. Cesarino, Letícia  
. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Ana Lúdia de Oliveira

**A História da Erva**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino  
(PPGAS/UFSC) – Orientadora

Prof. Dr. Eduardo Viana Vargas  
(DAA/UFMG)

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos  
(PPGAS/UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Antropologia Social

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Viviane Vedana  
Coordenadora do PPGAS/UFSC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Letícia Maria Costa da Nóbrega Cesarino  
(PPGAS/UFSC) – Orientadora

Florianópolis, 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Eu gostaria de agradecer algumas pessoas, sem as quais este trabalho seria impossível. Em primeiro lugar agradeço a minha orientadora, Letícia Cesarino, por confiar na minha capacidade de dar vida às minhas ideias e por me oferecer toda a liberdade necessária para criar. Agradeço também a minha família. Pai e mãe obrigada pelo suporte e Naju pelo apoio e parceria. Um agradecimento especial aos meus amigos que acompanharam mais ou menos de perto o desenvolvimento desta pesquisa, alguns lendo, outros comentando, todos sempre me incentivando. E a todos aqueles que conversaram comigo sobre essa planta. Meu agradecimento se estende ao pessoal da erva-mate, pessoas com as quais dialoguei no início deste projeto enquanto ele ainda se interessava por outras plantas. Por fim, agradeço a Flor da Vida, associação de maconha medicinal que eu pude conhecer poucos dias antes da entrega da versão final deste trabalho. Saudações à Universidade Federal de Santa Catarina, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e ao Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (Canoa). Obrigada pela acolhida durante a execução do mestrado. E ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo financiamento da pesquisa.

A todos vocês, minha mais sincera gratidão!

## RESUMO

Na esteira dos estudos feministas e das abordagens etnográficas multiespécie e levando a sério a crítica pós-colonial, este trabalho pretende apresentar a história ambiental da maconha de um ponto de vista ficcional. Cobre desde o momento em que ela estava limitada a seu ambiente nativo (na Ásia) até os dias de hoje, quando ela se encontra espalhada por todos os continentes tornando-se a planta mais consumida de forma ilícita no mundo. Tomando, então, essa planta como ponto de partida etnográfico e buscando reunir o máximo daquilo que ela converge em torno de si, pretende-se apresentar uma estória enigmática, carregada de mistérios, conflitos e controvérsias científicas. Como uma experimentação etnográfica e um exercício de aproximação entre antropologia e literatura, *A História da Erva* apresenta um texto onde uma erva conta a sua própria história, ou melhor, a história da relação ancestral que estabeleceu com os seres humanos. Um olhar para os modos de definir das ciências e para os seus processos de classificação caracteriza uma das principais preocupações deste trabalho. Pretende-se, assim, colocar em relação discursos diversos, demonstrando como o debate público foi influenciado pelo conhecimento científico e apontar alguns caminhos para a discussão da temática. Em relação à história brasileira, focando especialmente na chegada dessa planta ao Brasil (tanto por vias europeias quanto por africanas), o texto pretende narrar o processo de proibição no país, apresentando suas controvérsias e argumentando que essa foi uma ação repressiva colonialista e racista, apoiada inclusive em produções científicas. A narrativa pretende explorar ainda os efeitos da maconha no corpo humano, seus usos religiosos, terapêuticos e recreativos, sejam eles tradicionais ou modernos, e a sua definição enquanto droga, remédio, planta de poder e psicodélico. Refletir sobre o processo de legalização mundial em andamento e sobre as suas consequências no âmbito nacional também é objetivo do trabalho, bem como atentar para o modo como tudo isso converge no mercado canábico atual, em larga expansão. Acreditando no poder da imaginação, vinculando estética e política, este trabalho aposta na possibilidade de se fazer uma descrição crítica, uma fabulação especulativa, ou seja, uma ficção etnográfica que ajude a contar outras histórias e, assim, a recontar a história.

**Palavras-chave:** 1. Maconha; 2. Cannabis; 3. Canabis; 4. Antropologia Multiespécie

## ABSTRACT

In the wake of feminist studies and multispecies ethnographic approaches, and taking post-colonial criticism seriously, this thesis presents an environmental history of marijuana. It ranges from the time when it was limited to its native environment (in Asia) to today, when it spread across all continents, becoming the world's most consumed illicit plant. Taking this plant as ethnographic starting point, I assemble multiple threads around it, to present an enigmatic history full of mystery, conflict, and scientific controversy. As an ethnographic experiment and an exercise in bringing anthropology and literature together, *The Herb's History* offers a text where an herb tells its own story, or rather, the story of the ancestral relationship it established with human beings. This work concerns how the sciences and their classification processes come about, but also relate it to different discourses. It demonstrates how scientific knowledge has influenced public debate, and point out contemporary paths for such discussions. Locally, I focus on the plant's arrival in Brazil (through European and African routes), and narrate the process of its prohibition in the country, presenting it as colonialist and racist repression, supported by biased scientific production. The narrative also explores marijuana's effects on the human body, its religious, therapeutic and recreational uses (whether traditional or modern), and its definition as a drug or medicine, plant of power and psychoactive substance. Reflecting on the ongoing global legalization process and its consequences at the national level, this work also draws attention to how all this flows into contemporary, growing cannabis markets. Grounded on the power of imagination and the overlapping of aesthetics and politics, this work bets on the possibility of making at once critical description, speculative fabulation, and ethnographic fiction, in order to tell other stories.

**Keywords:** 1. Cannabis; 2. Marijuana; 3. Maconha; 4. Multispecies studies

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>RELATO DE VIAGEM.....</b>	<b>8</b>
1.1	UMA BREVE INTRODUÇÃO .....	9
1.2	PARA AQUELES QUE GOSTAM DE MAPAS E CONCEITOS .....	12
1.3	AS PORTAS.....	19
1.4	PENSANDO SOBRE O PENSAMENTO .....	30
1.5	E SE EU CONTASSE UMA ESTÓRIA? .....	37
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DA ERVA .....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>105</b>



## 1 RELATO DE VIAGEM

O cientista puro deixa de crer no que gosta, mas não pode impedir-se de gostar do que crê. (LISPECTOR, 1980)

Devemos nos manter próximos da natureza humana. É preciso viver entre os vivos. Devemos rejeitar qualquer excentricidade ou refinamento que nos separe de nossos semelhantes. Abençoados são aqueles que conversam facilmente com seus vizinhos sobre o seu esporte ou as suas construções ou as suas brigas e honestamente apreciam a conversa de carpinteiros e jardineiros. Comunicar é a nossa principal tarefa; a associação e a amizade são nossos principais prazeres; e ler, não para adquirir conhecimento, não para ganhar a vida, mas para ampliar nossa interação para além de nossa época e de nossa província. Há tantas maravilhas no mundo; alcíones e terras não descobertas, homens com cabeça de cachorro e olhos no peito, e leis e costumes, é bem possível, muito superiores aos nossos. É possível que estejamos adormecidos neste mundo; é possível que haja algum outro que é visível a seres com um sentido que agora nos falta. (WOOLF, 2017)

## 1.1 UMA BREVE INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre uma planta tão polêmica como é essa, muitas coisas podem surgir instantaneamente na cabeça das pessoas. Maconha é ainda hoje um tabu. Por isso eu fiquei muito tempo pensando sobre como este texto poderia ser escrito, qual seria a melhor abordagem, sobre o que eu queria falar de verdade, numa tentativa de esboçar a real complexidade do assunto. Enquanto essa pesquisa se desenvolvia e o tempo se desenrolava, povoiei a minha mente com histórias e teorias, li clássicos da literatura e cientistas contemporâneos, além de ouvir muita música.<sup>1</sup> Eu pensei em escrever este texto de diversas formas. Quem sabe falar sobre os efeitos da maconha no corpo humano, sobre seus usos religiosos, medicinais e recreativos, seus potenciais terapêuticos e a sua dimensão espiritual.

---

<sup>1</sup> Para Paul Gilroy (2012), a música é um elemento central da cultura negra. A música é uma cultura expressiva, tradição oral e gestual. É considerada por esse autor como uma das expressões máximas da resistência cultural dos povos escravizados e, por isso, algo extremamente relevante para se pensar a diáspora africana e o Atlântico negro. Em suas palavras: “Examinar o lugar da música no mundo do Atlântico negro significa observar a autocompreensão articulada pelos músicos que a têm produzido, o uso simbólico que lhe é dado por outros artistas e escritores negros e as relações sociais que têm produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música constitui um elemento central e mesmo fundamental. Desejo propor que o compartilhamento das formas culturais negras pós-escravidão seja abordado por meio de questões relacionadas que convergem na análise da música negra e das relações sociais que a sustentam” (GILROY, 2012, p. 161). Isso implica atentar para o que dizem esses músicos que são, na visão do autor, intelectuais orgânicos. Em outra passagem: “As tradições inventadas de expressão musical, que constituem aqui meu objeto, são igualmente importantes no estudo dos negros da diáspora e da modernidade porque elas têm apoiado a formação de uma casta distinta, muitas vezes sacerdotal, de intelectuais orgânicos cujas experiências nos permitem focalizar com particular clareza a crise da modernidade e dos valores modernos. Essas pessoas geralmente têm sido intelectuais no sentido gramsciano, operando sem os benefícios que fluem ora de uma relação com o estado moderno, ora de posições institucionais seguras no interior das indústrias culturais. Elas têm procurado papéis que escapam à classificação como prática de legisladores ou intérpretes e, em lugar disso, têm se apresentado como guardiões temporários de uma sensibilidade cultural distinta e entrincheirada que também tem operado como um recurso político e filosófico. Os ritmos irreprimíveis do tambor, outrora proibido, muitas vezes ainda são audíveis em seu trabalho. Suas síncopes características ainda animam os desejos básicos – serem livres e serem eles mesmos – revelados nesta conjunção única de corpo e música da contracultura. A música, o dom relutante que supostamente compensava os escravos, não só por seu exílio dos legados ambíguos da razão prática, mas também por sua total exclusão da sociedade política moderna, tem sido refinada e desenvolvida de sorte que ela propicia um modo melhorado de comunicação para além do insignificante poder das palavras – faladas ou escritas” (GILROY, 2012, p. 163 e 164). Ainda segundo Gilroy “[...] a lição mais importante que a música ainda tem a nos ensinar é que seus segredos íntimos e suas regras étnicas podem ser ensinadas e aprendidas” (GILROY, 2012, p. 221). Esse autor explica o que intuitivamente sinto ao entrar em contato com certas músicas, em especial o rap brasileiro. Vem daí a ideia de usar suas letras como material de pesquisa. Importante ressaltar que a trilha sonora desta dissertação não é uma mera ilustração do que vem escrito em forma de prosa. As letras das músicas se apresentam quebrando a narrativa como se a voz desses músicos se intrometesse na tradição discursiva escrita. Essa é uma tentativa de considerar o que as pessoas estão falando sobre o assunto fora do debate acadêmico.

Senti, ao mesmo tempo, uma forte necessidade de contextualizar a sua proibição no Brasil, de mostrar o que as pessoas disseram e escreveram a seu respeito ao longo do tempo e de apresentar as últimas descobertas científicas sobre o assunto. Eu tinha tantas ideias... Todas elas poderiam ser desdobradas e me levariam a lugares mais ou menos inexplorados. Mas não acho que é assim que se faz pesquisa, muito menos se escreve uma dissertação de mestrado. Acredito que um texto, assim como o seu argumento, não existe antes de estar escrito. Além do mais, é sempre uma escolha mais ou menos arbitrária a forma como ele é montado. De qualquer modo, me ajuda pensar antes de tudo na própria forma textual. Que forma que eu gostaria de dar pra esse texto? De que tipo ele deveria ser? Qual seria o melhor formato? E também refletir a respeito do propósito que o motiva. Qual a minha intenção com ele? Pensar, sobretudo, na sua utilidade pragmática. Vem daí a ideia de manter nessa primeira parte do texto o foco no processo criativo da escrita.

Desnecessário dizer que a minha prática etnográfica foi completamente influenciada por certas correntes teóricas. Alguns conceitos ficaram fermentando dentro da minha cabeça por anos junto com ideias vindas de outros lugares, gêneros textuais ou áreas do conhecimento. É hora de apresentar minhas filiações teóricas e inspirações literárias. É aqui que eu me situo, apresentando as teorias que me ajudaram a pensar sobre esse assunto. Discutirei, então, ao longo desta primeira parte principalmente teoria e prática etnográficas, como duas coisas conectadas. A ideia é apresentar, a partir de agora, os contornos que essa pesquisa foi tomando ao longo do tempo, suas motivações e frustrações, além de suas descobertas. Gostaria de passear pelos mesmos lugares onde andaram vagueando os meus pensamentos. Refazer caminhos neurais, fortalecer conexões mentais. Fazer um compilado dos meus devaneios e reunir em um só lugar as minhas divagações e especulações científicas. Gosto de pensar que é como se eu desenhasse um *mapa*<sup>2</sup> dos caminhos que eu percorri em pensamento desde o início da pesquisa até o presente momento, ainda que eu concorde com uma das premissas básicas de Gregory Bateson (1986), aquela que deixa claro desde o início que *o mapa não é o território*<sup>3</sup>. Cabe uma instrução... Caso queira explorar o mundo canábico

---

<sup>2</sup> Esse conceito será discutido na seção 1.2, mais especificamente na nota 4.

<sup>3</sup> No livro *Mente e Natureza*, Gregory Bateson (1986) apresenta algumas pressuposições que todas as mentes devem compartilhar ou então características básicas de comunicação. Em suas próprias palavras: “No Capítulo 2,

por si mesmo, esqueça o mapa! Pule esse relato pessoal e siga diretamente para a segunda parte do texto, *A História da Erva*. Ela vai direto ao ponto. Quem escolher iniciar a leitura por esta primeira parte se envolverá em uma discussão mais teórica e abstrata. Pressuponho que haja algum interesse em temas relacionados à antropologia e/ou etnografia. Dou-me, então, a liberdade de usar um pouco mais descaradamente o jargão antropológico e de mobilizar com sutileza alguns de seus conceitos. No mais, mantenha-se confortável e hidratado. E aproveite a viagem!

---

*Every Schoolboy Knows*, reunirei para o leitor alguns exemplos do que encaro como pequenas verdades necessárias – necessárias em primeiro lugar para que o estudante possa um dia aprender a pensar e, em segundo lugar, porque, como acredito, o mundo biológico está encaixado nessas simples suposições” (BATESON, 1986, p. 29). Estou me referindo aqui à suposição de número dois: *O mapa não é o território, e o nome não é a coisa designada*. Segundo essa premissa, “[...] Em todo pensamento, percepção ou comunicação há uma transformação, uma *codificação*, entre o relatório e a coisa relatada”. (BATESON, 1986, p. 36, grifo original). Discuto melhor as ideias desse autor nas notas 11, 20, 30, 39, 43, 44 e 45.

## 1.2 PARA AQUELES QUE GOSTAM DE MAPAS E CONCEITOS

Antes de tudo, o que é um *mapa*? Um mapa é uma representação visual de uma região. Um espaço multidimensional apresentado em um único plano. Algum lugar do mundo que pode ser visto fora de escala e de longe. Resumindo, um mapa é uma imagem. E aqui mapa também é um conceito: “Uma experimentação ancorada no real”.<sup>4</sup> Mas o que realmente importa é que um mapa é sempre aberto... É um convite à exploração, já que permite entradas e saídas, além de infinitas interpretações. Ainda assim, não se pode dizer que um mapa é feito sem um propósito. Dos antigos mapas dos exploradores europeus à cartografia social contemporânea, mapas não são feitos sem intenções. Uns servem para dominar, outros para recuperar territórios. Escrever como se faz cartografia, como ensinou Deleuze e Guattari (2011). Contra a pretensão de alcançar a verdade a partir da representação de uma realidade objetiva, fazer mapa e não decalque. Prezar pela performance antes de comprovar a competência. E, assim, transmitir mesmo que de forma subliminar ideias revolucionárias. Produzir uma máquina literária. “O livro-máquina de guerra, contra o livro-aparelho de Estado”<sup>5</sup>, já que “a única questão, quando se escreve, é saber com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve estar ligada para funcionar”.<sup>6</sup> Vem daí a insistência na experimentação literária aqui apresentada. Inspirada no trabalho desses autores, esta

---

<sup>4</sup> Como definiram Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011): “[...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para *uma experimentação ancorada no real*. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. [...] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre “ao mesmo”. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida “competência”” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 30, grifo adicionado).

<sup>5</sup> Citação completa: “[...] O ideal de um livro seria expor toda coisa sobre um plano de exterioridade, sobre uma única página, sobre uma mesma paragem: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais. Kleist inventou uma escrita deste tipo, um encadeamento quebradiço de afetos com velocidades variáveis, precipitações e transformações, sempre em correlação com o fora. Anéis abertos. Assim, seus textos se opõem de todos os pontos de vista ao livro clássico e romântico, constituído pela interioridade de uma substância ou de um sujeito. *O livro-máquina de guerra, contra o livro-aparelho de Estado*” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 25, grifo adicionado).

<sup>6</sup> In: DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 19.

etnografia pretende cartografar ao invés de capturar algo que está agora em estado de emergência. Sem deixar, é claro, de vislumbrar à frente regiões que ainda estão por vir<sup>7</sup>.

Explicada a inspiração fundamental do trabalho, podemos seguir para a sua apresentação propriamente dita. Mas que tal começar falando antes sobre a antropologia em que eu acredito? E se eu começasse definindo para mim mesma o que é antropologia? Antes se costumava dizer que a antropologia é a ciência que estuda o ser humano e a cultura ou, melhor, as culturas no plural. Depois esse termo passou a ser entendido como mais uma abstração teórica ou então uma categoria analítica ocidental e moderna, inventada na Europa. Ao menos desde Roy Wagner (2012) sabe-se que a cultura é na verdade uma invenção.<sup>8</sup> Como nem todo mundo tem cultura, do modo como a antropologia a concebe, essa palavra passou a ser usada apenas como um apoio para se referir aquilo que é na verdade criatividade, humana ou não-humana. O que eu quero dizer é que com o tempo o campo da antropologia foi se alargando... Hoje, essa é uma ciência que se dedica ao estudo de alguma dimensão da vida social em profundidade. Ela se interessa por aquilo que é complexo, aberto, criativo e que, por isso, não para de se transformar. A fim de acompanhar as transformações do mundo ela própria se fez mutável. Adotou como um dos seus pressupostos básicos a plasticidade, ou seja, a capacidade de se transformar a partir do contato com aquilo que é mais ou menos próximo ou completamente diferente de si. Para isso mantém o seu foco nas relações, nos processos interativos, inclusive no que diz respeito ao seu encontro com o familiar ou o desconhecido. Por saber que só é possível falar de um dos lados da relação, de uma perspectiva subjetiva, não pretende dizer a verdade. Também não há pretensão de

---

<sup>7</sup> “[...] Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 19).

<sup>8</sup> De acordo com Roy Wagner (2012), “A antropologia estuda o fenômeno do homem – a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou de um todo. Para enfatizar esse fato e integrá-lo a seus esforços, os antropólogos tomaram uma palavra de uso corrente para nomear o fenômeno e difundiram seu uso. Essa palavra é *cultura*. Quando eles falam como se houvesse apenas uma cultura, como em “cultura humana”, isso se refere muito amplamente ao fenômeno do homem; por outro lado, quando falam sobre “uma cultura” ou sobre “as culturas da África”, a referência é a tradições geográficas e históricas específicas, casos especiais do fenômeno do homem. Assim, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre casos particulares do homem, quando visto sob uma determinada perspectiva” (WAGNER, 2012, 37, grifo original).

neutralidade, imparcialidade ou objetividade. Nem por isso, entretanto, ela deixa de ser considerada ciência.

Já a etnografia é um método de investigação, criado dentro da antropologia, baseado principalmente na realização de um trabalho de campo e no seu registro. Envolve, assim, a participação da antropóloga ou antropólogo em um dado contexto e a fabricação de um diário onde quase tudo o que é vivenciado é descrito. Como disse Marylin Strathern (2014), etnografia é *campo* e *texto* simultaneamente, duas dimensões que se alternam e mutuamente se influenciam<sup>9</sup>. O trabalho de campo pode ser comparado a uma imersão. Envolve anotar o máximo possível de informações no nosso diário, mesmo que a maior parte delas não faça no início nenhum sentido. É por isso que implica também certo deslumbramento, um sentimento que faz com que antropólogas e antropólogos colem dados mesmo antes que eles se tornem informação relevante. Fazer campo pode ser desafiador, porque se tem em mente desde sempre a escrita. Ao mesmo tempo escrever só é possível porque não se perde nunca de vista a experiência de campo. Resumindo, nossas abstrações são atravessadas por essas duas coisas.

Depois do tempo destinado ao trabalho de campo, tudo o que foi registrado é analisado e confrontado com teorias até que se transforme num texto. Quase sempre a pesquisa etnográfica se transforma em uma produção textual que nada mais é que a mistura dos aportes teóricos, das anotações de campo e de *insights* repentinos vividos pela antropóloga ou antropólogo durante o campo ou fora dele, durante o processo de escrita. Nas palavras da autora: “Como percebe o pesquisador, a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo”.<sup>10</sup> Fazer etnografia

---

<sup>9</sup> Sobre a prática etnográfica, escreve Marylin Strathern (2014): “Essa prática ocorreu sempre em dois lugares, tanto naquilo que, já há um século, chamamos tradicionalmente de “campo” como no gabinete, na escrivaninha ou no próprio colo” (STRATHERN, 2014, p. 345). Na visão da autora, a separação entre o campo e o texto, antes espacial, tornou-se temporal. E o campo deixou de ser obrigatoriamente um lugar físico e único, tornando-se também disperso ou virtual. Ainda assim, a prática etnográfica continua envolvendo um momento de imersão, denominado momento etnográfico, que é ao mesmo tempo total e parcial. Isso porque o pesquisador permanece envolvido ao mesmo tempo em mais de uma atividade, a observação ou participação e a escrita.

<sup>10</sup> Citação completa: “Na medida em que os locais que atua o(a) etnógrafo(a) podem ser vistos como alternantes, cada um deles oferece uma perspectiva sobre o outro. Um dos elementos que torna o trabalho de campo desafiador é ele ser realizado tendo em mente uma atividade muito diferente: a escrita. E o fato de o estudo que se segue acabar sendo muito mais do que uma questão de escrevê-lo o torna igualmente desafiador – pois, *como descobre o pesquisador, a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria experiência de campo.* [...] Ao mesmo tempo, as ideias e as narrativas que conferiam sentido à

é colocar essas duas dimensões sempre em relação uma com a outra. Quando se escreve cria-se um segundo campo. E a relação entre os dois campos é complexa porque cada um deles envolve ou toca parcialmente o outro, mas nunca o abrange completamente. A questão é como se deslocar entre esses campos. Isso implica pensar sobre a forma da escrita antropológica e sobre as suas implicações políticas e o desafio é definir que amplitude de informação se pode desejar atingir com os nossos escritos. A verdade é que como resultado desse tipo de pesquisa, só se pode pretender esboçar um trabalho incompleto. Mas ao assumir que nossa interpretação é apenas mais um ponto de vista, já que *toda experiência é subjetiva*<sup>11</sup>, fica essa incompletude manifesta pelo próprio exercício interpretativo, como argumentou Strathern<sup>12</sup>. Penso que talvez seja interessante incluir na análise o modo como a minha opinião foi formada e deixar claro quais são os meus pontos de partida, bem como a minha posição privilegiada. Sendo assim, assumo desde já que tudo o que está escrito aqui só diz respeito ao meu ponto de vista, parcial, subjetivo e apaixonado.<sup>13</sup>

---

experiência de campo cotidiana têm de ser rearranjadas para fazer sentido no contexto dos argumentos e das análises dirigidos a outro público. Em vez de ser uma atividade derivada ou residual, como se pode pensar de um relatório ou reportagem, a escrita etnográfica cria um segundo campo. A relação entre esses dois campos, portanto, pode ser descrita como “complexa”, no sentido de que cada um deles constitui uma ordem de envolvimento que habita ou toca parcialmente, mas não abrange a outra. Na verdade, cada um dos campos parece girar em sua própria órbita. Cada ponto de envolvimento constitui, assim, um reposicionamento ou reordenação de elementos localizados em um campo totalmente separado de atividade e observação, e o sentido de perda ou de incompletude que acompanha isso, a compreensão de que nenhum deles jamais estará em conformidade com o outro, é uma experiência antropológica comum. Assim, torna-se uma espécie de premonição talvez levar a perda consigo” (STRATHERN, 2014, p. 345 e 346, grifo adicionado).

<sup>11</sup> Refiro-me aqui à premissa três de Gregory Bateson (1986): *Não existe experiência objetiva*. Toda experiência é subjetiva, já que enquanto pensamos nossos cérebros fabricam imagens mentais que nós pensamos perceber. Na visão desse autor, os processos de formação de imagens são inconscientes. Em suas palavras: “A experiência do exterior sofre sempre a interveniência do órgão sensorial específico e de caminhos neurais. Os objetos são assim minha criação, e minha experiência com ele é subjetiva e não objetiva. Não é, entretanto, uma afirmação trivial observar que muito poucas pessoas, pelo menos na cultura ocidental, duvidam da objetividade de tais elementos sensoriais ou de suas imagens visuais no mundo externo. Nossa civilização está profundamente baseada nessa ilusão” (BATESON, 1986, p. 37 e 38). Nesse sentido, a própria ciência é considerada por ele uma maneira de perceber. Para ele, ela nunca prova nada, mas investiga. “As regras do universo que acreditamos conhecer estão profundamente enterradas em nossos processos de percepção” (BATESON, 1986, p. 42). Levar a sério tanto a nossa inconsciência quanto as nossas pressuposições é, na visão do autor, o início de uma epistemologia empírica.

<sup>12</sup> Citação completa: “na verdade, quando a interpretação é imaginada como a assunção de um ponto de vista, a incompletude é tornada manifesta pelo próprio exercício interpretativo” (STRATHERN, 2014, p. 375).

<sup>13</sup> Para Marilyn Strathern (2013) “É convencional em boa parte da escrita antropológica, assim como na escrita acadêmica em geral, identificar um problema ou quebra-cabeça que o texto que se tem em mãos busca resolver.



Há quem diga que a escrita etnográfica é só mais um tipo textual. O que se sabe é que ela é um gênero literário derivado dos relatos de viagem. Segundo Mary Louise Pratt (2016), quando esses relatos surgiram na Europa eram uma combinação de narrativa na primeira pessoa, relato da viagem e descrição da flora e da fauna das regiões percorridas pelos exploradores e cientistas europeus, bem como das maneiras e dos costumes dos habitantes desses lugares. A etnografia surgiu, então, distinguindo-se dos relatos dos missionários e dos colonizadores e mesmo assim compartilha com eles algumas de suas características. Apesar da fronteira que a separa dos escritos de viagem, ela guarda uma continuidade com essa tradição, compartilhando parte de suas técnicas, formatos e, em alguns casos, suas atitudes colonialistas. A etnografia já foi em certos momentos da história uma análise predominantemente descritiva, em outros mais interpretativa. É, desde o início, uma mistura de narrativa pessoal e descrição mais ou menos objetiva. Para Pratt (2016) esses são os dois componentes essenciais de um texto etnográfico. A narrativa pessoal pode ser considerada um subgênero antropológico e um componente convencional da antropologia presente inclusive nos clássicos da disciplina. Mesmo assim ela ocupa um lugar ambíguo, estando quase sempre concentrada na parte inicial do texto<sup>14</sup>. É ainda hoje na narrativa introdutória que a antropóloga ou antropólogo podem, se esse for do interesse, reclamar a sua autoridade sobre determinado assunto ou, melhor, a autoridade etnográfica. Apesar do relato pessoal aqui apresentado, essa não é a minha intenção.

---

Estou certa de que divido com muitos colegas a experiência de descobrir que um problema intelectual também é um problema pessoal, ou melhor, que o problema é conduzido por uma necessidade intelectual que também é emocional” (STRATHERN, 2013, p. 22).

<sup>14</sup> Tal como foi exposto por Mary Louise Pratt (2016): “Mesmo quando não há um volume autobiográfico separado, a narrativa pessoal é um componente convencional das etnografias. Ela surge quase sempre que invariavelmente com a Introdução ou primeiro capítulo, nos quais as narrativas de abertura costumam lembrar a chegada do escritor ao campo, por exemplo, a recepção inicial pelos moradores, o lento e agonizante processo de aprender a língua e superar a rejeição, a angústia e o sentimento de perda da partida. Embora só existam nas margens da descrição etnográfica formal, essas narrativas de abertura convencionais não são triviais. Elas desempenham o papel crucial de ancorar a descrição na experiência pessoal do trabalho de campo, experiência esta intensa e fonte de autoridade. Simbólica e ideologicamente ricas, elas, muitas vezes, acabam por ser os fragmentos mais memoráveis de uma obra etnográfica – ninguém se esquece da introdução eivada de frustrações de Evans-Pritchard em Os Nuer. São também responsáveis por definir as posições iniciais dos sujeitos do texto etnográfico: o etnógrafo, o nativo e o leitor” (PRATT, 2016, p. 68 e 69).

Uma etnografia pode ser mais literária ou cientificista<sup>15</sup>. Independentemente do tom adotado e da forma textual escolhida, é uma produção criativa e uma forma de comunicar. Ela cria um contexto em que fenômenos do mundo podem assumir propriedades e contornos particulares. Além de um texto de divulgação científica, o resultado do trabalho etnográfico pode ser encarado como uma *descrição crítica*<sup>16</sup> e como uma *ficção persuasiva*<sup>17</sup> ou então uma *fabulação especulativa*<sup>18</sup>. Entre as definições de etnografia que eu mais gosto, está aquela que a encara a partir do seu efeito<sup>19</sup>. Gosto de pensar a etnografia como um gênero literário que pode produzir efeitos no mundo, mesmo que se tenha em mente que *o efeito não é a causa*, assim como *o mapa não é o território*<sup>20</sup>. Mas um trabalho de antropologia é também sobre antropologia, e às vezes antes de tudo. E já que a antropologia é em boa medida sobre si mesma, me pergunto junto com Wagner (2012): “O que essa antropologia idealmente constituída produziria? (E a resposta é, evidentemente, mais antropologia)”<sup>21</sup>. Levando a

---

<sup>15</sup> Para Marylin Strathern (2013), “Marcar uma obra escrita como “literária” é como marcar uma pessoa como detentora de “personalidade”. Obviamente, uma vez que qualquer obra escrita busca um certo efeito, isso só pode ser uma produção literária” (STRATHERN, 2013, p. 42).

<sup>16</sup> Na visão de Anna Tsing (2019), uma *descrição crítica* envolve a não replicação de estruturas hegemônicas e dominantes. Em suas próprias palavras: “Vou chamar esse trabalho de descrição crítica: crítica porque ela faz perguntas urgentes; e descrição porque amplia e disciplina a curiosidade sobre a vida” (TSING, 2019, p. 120). Desenvolvo melhor ideias vinculada a esse tipo de descrição nas notas 25, 26, 27 e 37.

<sup>17</sup> *Ficção persuasiva* é um termo que Marylin Strathern (2013) usa para caracterizar a escrita antropológica.

<sup>18</sup> *Fabulação especulativa e ficção científica* são propostas de Donna Haraway (2016), dentro do que ela chama de *feminismo especulativo* (No original: *speculative fabulation, science fiction, speculative feminism*).

<sup>19</sup> É o que Strathern (2014) chama de *efeito etnográfico*. Discuto melhor os efeitos da etnografia nas notas 54 e 60.

<sup>20</sup> Além da já citada premissa número dois de Bateson (1986), *O mapa não é o território, e o nome não é a coisa designada*, estou me referindo aqui também à premissa número treze: *A lógica é um modelo medíocre de causa e efeito*. Isso porque, na visão desse autor, ela não pode simular todas as sequências de causa e efeito, já que não inclui o fator tempo. “Quando as sequências de causa e efeito se tornam circulares (ou mais complexas do que circulares), a descrição ou planejamento dessas sequências em lógica sem limite de tempo torna-a autocontraditória. São gerados paradoxos que a lógica pura não pode tolerar” (BATESON, 1986, 67). “O se... então da causalidade contém um fator tempo, mas o se... então da lógica não inclui esse fator. Podemos concluir que a lógica é um modelo incompleto de causalidade” (BATESON, 1986, p. 68). Decorre disso que o efeito de alguma coisa nunca pode ser previsto.

<sup>21</sup> Citação completa: “Mas visto que a antropologia, assim como a maioria dos empreendimentos modernos, é em boa medida “sobre” si mesma, a melhor questão seria: o que essa antropologia idealmente constituída produziria? (E a resposta é, evidentemente, “mais antropologia”)” (WAGNER, 2012, p. 34 e 35).

questão dele um pouco adiante, persisto: O que a antropologia é capaz de produzir, além de mais antropologia?

Já disse que ao fazer uma etnografia se tem como resultado quase sempre um texto. Mas como fazer esse texto e o que fazer com ele? De volta à escrita... Como se escreve um texto etnográfico? Que voz do discurso eu deveria usar? Que tom ele deveria ter? Para o que, afinal, ele serve? E quem é que vai ler? Eu poderia escrever mais um texto convencional ou então... Como seria um texto que imitasse a forma de alguma coisa do mundo? Onde as categorias nativas caminham em pé de igualdade com os conceitos teóricos e teoria e prática andam juntas e lado a lado. Quem sabe se eu pudesse escrever um texto que utilizasse tanto da forma como de seus argumentos, conteúdo e performance, para transmitir uma mensagem. *E se eu contasse uma estória?*<sup>22</sup> Mas, antes disso, como foi que tudo começou?

---

<sup>22</sup> Essa questão é discutida na seção 1.5.

### 1.3 AS PORTAS

A cronologia ainda me ajuda a pensar. Talvez isso seja fruto de uma herança intelectual que vê na passagem do tempo a única forma de interpretação de que é capaz o pensamento humano. Mas isso não é o que mais importa agora. Enquanto penso, estou apenas resgatando memórias e construindo lembranças... O fato é que quando, ainda na adolescência, eu comecei a ficar curiosa e a buscar entender o que eram afinal as drogas, foi o clássico ensaio *As portas da percepção* de Aldous Huxley que me fez imaginar pela primeira vez como seria uma experiência psicodélica ou em suas palavras o mundo da experiência visionária<sup>23</sup>. O meu encontro com esse livro aconteceu quase ao mesmo tempo em que eu conheci a maconha. Naquela época eu sequer imaginava onde essa pesquisa poderia chegar, mas creio que esse foi o começo de tudo. Ou talvez eu só tivesse gostado tanto do texto, a ponto de usá-lo um pouco mais tarde como meu primeiro material de pesquisa. Isso porque nele toda a reflexão está misturada às descrições das sensações sentidas pelo próprio autor sob o efeito da *mescalina*, a substância sobre a qual ele escreve no ensaio. Além, é claro, das descrições, me interessava, sobretudo, o seu método de investigação. Experimentar, observar, registrar e refletir. É por isso que eu acredito que essa seja a minha porta de entrada teórica.

Mas a aspirante à antropóloga que eu era na graduação não sabia de quase nada. Naquela época eu passava quase todo o meu tempo no mundo das ideias. Nunca tinha ido

---

<sup>23</sup> O ensaio de Aldous Huxley (2002) parte de densas descrições da experiência sensível e estética vivenciada pelo autor a partir do contato com a *mescalina*, uma substância psicoativa extraída de uma raiz chamada peiote. Ainda assim, ele não deixa de propor, ao longo do livro, a construção de abstrações teóricas referentes ao universo da percepção sensorial, além de apontamentos sólidos sobre o uso de drogas. No Prefácio Manuel da Costa Pinto aponta: “*As portas da Percepção* (1954) e *Céu e Inferno* (1956) são mediações escritas à luz radiosa da razão, relatos de experiências com a mescalina que não conduzem a uma adesão imediata aos paraísos artificiais, mas sim uma ideia de alargamento da consciência que não elide seu elemento reflexivo” (HUXLEY, 2002, p. 11, grifos adicionados). Nas palavras do próprio autor: “Parece extremamente improvável que a humanidade, de um modo geral, algum dia seja capaz de passar sem paraísos artificiais. A maioria dos homens e mulheres leva uma vida tão sofredora em seus pontos baixos e tão monótona em suas eminências, tão pobre e limitada, que os desejos de fuga, os anseios por superar-se, ainda que por uns breves momentos, estão e têm estado sempre entre os principais apetites da alma. A arte e a religião, os carnavais e as saturnais, a dança e a apreciação da oratória, tudo isso tem servido, na frase de H. G. Wells, de Portas na muralha. E na vida individual, para uso cotidiano, sempre houve drogas inebriantes. Todos os sedativos e narcóticos vegetais, todos os eufóricos derivados das plantas, todos os entorpecentes que se extraem de frutos ou raízes, todos, sem exceção, são conhecidos e vêm sendo sistematicamente empregados pelos seres humanos, desde épocas imemoriais. E a esses modificadores naturais de percepção, a ciência moderna acionou sua cota de produtos sintéticos – o cloral, a benzedrina, os brometos e os barbituratos” (HUXLEY, 2022, p. 65 e 66).

verdadeiramente a campo. E eu estava apenas começando a ler e a ouvir falar das teorias antropológicas contemporâneas como os estudos multiespécie e da vida social das plantas. Autores que queriam descentrar o humano, incluir outros seres nas investigações antropológicas, romper às vezes até com a ideia de espécies e, assim, desantropologizar um pouco a antropologia. Só mais tarde eu entraria em contato com ideias ainda mais complexas e na mesma proporção interessantes... Foi durante o mestrado que eu pude começar a compreender o quanto os processos de colonização foram impactantes para os povos submetidos a esses regimes de dominação e silenciamento.<sup>24</sup> Fui aos poucos percebendo que a colonização envolveu muita violência, não só física, mas também psíquica. Sendo as suas consequências estruturais, inclusive na produção do conhecimento, não é tão fácil assim

---

<sup>24</sup> É Grada Kilomba (2019) quem diz que o projeto colonial europeu envolveu políticas sádicas de conquista e de dominação e regimes brutais de silenciamento. Segundo essa autora conhecimento e poder racial se entrelaçam. Para ela, conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. Por isso, questiona: “Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? de quem é esse conhecimento? E de quem o não é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? Fazer essas perguntas é importante porque o centro ao qual me refiro aqui, isto é, o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os brancas/os têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o “Outras/os” inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco. Nesse espaço temos sido descritas/os, classificadas/os, desumanizadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os, mortas/os. Esse não é um espaço neutro. [...] Tal posição de objetificação que comumente ocupamos, esse lugar da “Outridade” não indica como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade negra. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. [...] De ambos os modos, somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a” (KILOMBA, 2019, p. 50 e 51). “[...] o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de “raça”. Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar. Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada epistemologia – refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca. A epistemologia, derivada das palavras gregas *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência, é a ciência da aquisição de conhecimento e determina que questões merecem ser colocadas (*temas*), como analisar e explicar um fenômeno (*paradigmas*) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (*métodos*), e nesse sentido define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Mas quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas?” (KILOMBA, 2019, p. 53 e 54). Suas ideias são melhor discutidas nas notas 96, 100 e 101.

romper com as ideias que nos foram impostas. É por isso que eu acredito que descolonizar o nosso pensamento é uma tarefa fundamental e um exercício cotidiano.

Mas quando foi que essa pesquisa começou, realmente? Já faz um tempo que eu observo com atenção o mundo das plantas e das substâncias. O reino vegetal sempre me encantou e são as ervas que inspiram em mim atenção e curiosidade especiais. Mas antes de ser como é, esta pesquisa pretendia ser outra... Quando ela começou tratava, resumidamente, de outra erva. Pretendia dedicar-se especialmente à erva-mate, mas não só a ela. O projeto etnográfico agora desfeito queria aprender sobre essa planta e a sua potência de agregar em torno de si outras espécies, além de áreas diversas do conhecimento científico e de fora dele, ou seja, outros saberes. Pretendia, assim, fazer um trabalho de campo nos remanescentes florestais da mata com araucárias, localizados em propriedades da agricultura familiar no Planalto Norte Catarinense e no Centro-Sul do Paraná. No início essa pesquisa tinha como principal objetivo a observação daquilo que Anna Tsing (2019) chamou de *paisagem multiespécie*<sup>25</sup> ou *ambiente perturbado*<sup>26</sup>. Nesse momento o que me chamava era a floresta.

---

<sup>25</sup> Na visão de Anna Tsing (2019) a *paisagem* não é um mero pano de fundo, mas uma algo que surge em meio a processos histórico. Essa autora encara a paisagem a partir de sua materialidade. Para ela uma paisagem é uma reunião multiespécie, algo como uma assembleia. Constituída por padrões de atividade humana e não humana, é “um ponto de encontro para os atos humanos e não-humanos e um arquivo de atividades humanas e não-humanas do passado” (TSING, 2019, p. 17). “Paisagens são assembleias trabalhando em coordenações dentro de uma dinâmica histórica” (TSING, 2019, 94). Na visão da autora, considerar um mundo de muitas espécies em interação é o que nos permite pensar em uma socialidade mais que humana. No que diz respeito especificamente às paisagens florestais, elas emergem nas próprias relações multiespécie. Podem ser encaradas, em resumo, como assembleias florestais e são entendidas como uma composição de formas humanas e não humanas de vida, um diagrama ou, ainda, um conjunto de elementos móveis, cada um criando possibilidades de viver para os outros. O potencial compartilhado de liberdade e criação de mundo das diversas espécies que compõem essa paisagem é responsável por construir um design multiespécie não intencional e formar, assim, a arquitetura florestal. São essas características que a tornam hospitaleira para muitas, embora particulares, espécies florestais. “As matas representam uma paisagem multiespécie em que os seres humanos são uma das partes dessas coordenações multiespécie assim como dos regimes de perturbações através dos quais as assembleias florestais criam habitabilidade continuamente” (TSING, 2019, 100). Aliada a tal concepção, esta pesquisa procurava pensar a floresta com araucárias como ponto de encontro entre cientistas, agricultores, plantas, animais, fungos, bactérias e vírus e um arquivo das atividades humanas e não humanas do passado: a degradação intensiva da floresta e, ao mesmo tempo, persistência de remanescentes florestais onde a erva-mate é manejada.

<sup>26</sup> Esse é outro conceito de Anna Tsing (2019). Ao falar sobre *ambientes perturbados*, o objetivo era refletir principalmente sobre a perturbação humana e como ela ajudou a moldar a arquitetura da floresta. Interessada na forma como humanos modelam e são modelados a partir da ocupação de um espaço ou então na forma como as paisagens se transformam (ou não) ao longo do tempo, esta pesquisa pretendia descrever e analisar o processo histórico de desmatamento da floresta com araucárias e a concomitante sobrevivência de seus remanescentes, localizados onde ocorre a produção tradicional e agroecológica de erva-mate.

Eu queria mesmo era ficar o mais perto que eu pudesse das plantas. Observar o seu crescimento, suas cores, formas, texturas. Aprender a conviver com elas, cultivando-as.

Foi amor à primeira vista as araucárias avistadas na visita de campo que fiz na Embrapa e, depois, nas fazendas onde estão os poucos remanescentes do que antigamente era uma grande floresta que cobria todo o estado do Paraná, e partes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, a mata com araucárias. Depois do intenso desmatamento, que reduziu a sua extensão a um por cento da área original, as áreas mais preservadas dessa floresta restaram em propriedades agrícolas. Não por acaso, é onde estão os produtores tradicionais de erva-mate. Conscientes do quanto eles foram e são importantes para preservação dessa floresta, as pesquisas científicas desenvolvidas nesses locais pretendem dialogar com os agricultores e promover a valorização do seu conhecimento. Infelizmente eu consegui captar só um pouco do que é o mundo do mate e o sistema de cultivo dessa erva, considerado um sistema de produção tradicional e agroflorestal. De qualquer forma, eu gostei muito de conhecer a história dessa paisagem<sup>27</sup> e aprender sobre agroecologia e agricultura orgânica. Reflexivamente o que eu visualizava ou, então, vislumbrava? A emergência de um paradigma científico novo. Um jeito mais interessante de fazer ciência, justamente porque dialoga com os que estão do lado de fora dela e, é claro, com pesquisadores de áreas muito diversas do conhecimento e não apenas com os pares acadêmicos. Uma equipe multidisciplinar estabelecendo relações de parceria com os agricultores. Sinergia de ideias, diálogo de saberes e construção conjunta de conhecimento<sup>28</sup>. Era esse trabalho colaborativo entre ciência e agricultura que eu buscava ver na prática. Mas desde que eu consegui negociar pela primeira vez algumas entrevistas com os pesquisadores da Embrapa Florestas que trabalhavam na região e a autorização para acompanhar um de seus projetos tudo se transformou. Foi quando

---

<sup>27</sup> Sobre a história ambiental da floresta com araucárias ver a coletânea de artigos *Fronteiras Fluidas: Florestas com Araucárias na América Meridional* (NODARI, CARVALHO & ZARTH, 2018).

<sup>28</sup> É possível encontrar informações sobre as ações desse grupo no site do CEDerva. “O Centro de Desenvolvimento e Educação dos Sistemas Tradicionais de erva-mate é uma rede colaborativa de pessoas que possuem interesse na temática de sistemas tradicionais de produção e desenvolvimento do cultivo da erva-mate. Nossa rede é composta por pequenos produtores rurais do Paraná e Santa Catarina, sindicatos de agricultura familiar, instituições municipais, estaduais e federais, além de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, das ciências naturais às humanas, representantes de universidades e instituições científicas”. Disponível em <https://www.cederva.org/sobre>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

eu compreendi que quase tudo muda durante a execução de uma pesquisa etnográfica. Do tempo que essa pesquisa era um projeto pouca coisa sobrou...

É verdade que há muito tempo eu olhava com curiosidade para a maconha, apesar de não encará-la como o meu principal interesse de pesquisa. Nesse momento, a pesquisa como ela é agora já existia, mas ainda era uma só uma ideia pequena, uma sementinha, que vez ou outra brotava na minha mente. Acontece que com o tempo ela foi crescendo e tomando forma, criando vida própria. É claro que eu também fui adubando. O fato é que essa erva foi aos poucos tomando o primeiro plano, já que passou a ocupar a maior parte das páginas do meu diário. Até que se tornou o tema principal dessa pesquisa. Mas por que uma mudança tão grande? Importante lembrar que este trabalho foi produzido em meio a um surto viral. Diante do episódio que marcou o ano de 2020 como a eminência de uma catástrofe global e um desastre sanitário no Brasil, essa pesquisa ficou completamente modificada. Em decorrência da pandemia do Covid 19, a ideia inicial ficou impossibilitada de ser realizada. Em função do isolamento social ocorreu a suspensão das atividades de campo previstas e o projeto precisou ser alterado.

Talvez fosse impossível para mim estudar uma planta, uma floresta ou uma paisagem estando longe delas. Comecei a pensar sobre outras possibilidades etnográficas. Foi quando eu me lembrei da plasticidade antropológica. Aquilo que permite que nossos trabalhos se transformem para acompanhar o movimento da vida e as transformações do mundo. E foi então que percebi que eu sempre gostei de estudar etnografia, como método e teoria. Para mim essa é uma área do conhecimento que permanece com a cabeça no mundo da lua e, ao mesmo tempo, com os pés firmes no chão. Isso significa manter suas bases firmemente ancoradas no mundo da vida. E acho que isso quer dizer teoria conectada com a prática. O que importa é que um texto etnográfico guarda sempre dentro de si a experiência de campo. Não é atoa que dizem por aí que a cabeça pensa onde os pés pisam... Mas acho que eu também não conseguiria fazer uma pesquisa só teórica ou então uma revisão bibliográfica. Impossível estudar planta só com papel. E até porque eu não queria perder uma das melhores partes da confecção de uma etnografia, a imersão do trabalho de campo.

Diante da crise sanitária e do cenário político, comecei a pensar sobre o que ainda mexia com a minha curiosidade. O que mais estimulava a minha criatividade? E como



continuar fazendo antropologia no Brasil? Com a impossibilidade da realização de trabalho de campo, optei por reformular o projeto inicial, modificando totalmente o tema desta pesquisa. Ao invés de falar sobre plantas somente a partir de bibliografias, decidi mudar a erva que ocupava o lugar central dessa pesquisa por outra e, assim, aproveitar a bibliografia já revisada, além de manter a parte etnográfica da pesquisa da forma como ela podia ser adaptada, aproveitando para dialogar com pessoas do meu convívio cotidiano. Foi então que eu decidi transformar a maconha no meu tema principal de pesquisa e comecei a anotar tudo que eu pensava, sentia, intuía e conversava com outras pessoas em um caderno que acabou virando o meu diário de campo. Talvez esse fosse o único jeito de viajar sem sair de casa... É verdade que depois a pesquisa se expandiu para ambientes virtuais e outros lugares, assim que eu pude ir respirar outros ares. E ela sempre esteve baseada também na observação da minha interação com a planta.

Como eu disse o interesse por ervas permanece. Permanece com ele a aposta em uma alternativa de agricultura e em novas possibilidades de fazer ciência a partir de pesquisas interdisciplinares, dialógicas e colaborativas. Mas a erva mudou. E qual seria a melhor forma de estudar uma planta tão poderosa e, ao mesmo tempo, tão polêmica? Optei, desde o início, por não recortar um tema, nem definir um objeto ou sujeito de pesquisa antecipadamente. Como eu acredito que maconha abre, não quis simplesmente fechar um recorte, mas, como ela, crescer em direções variadas. Com isso quero dizer que quando eu decidi que esta seria uma pesquisa sobre maconha, eu não defini nem pra mim mesma o que era, até porque eu já sabia. Ao invés disso, eu me permiti, como aprendi com Anna Tsing (2015), abrir um campo etnográfico a partir de um ser vivo<sup>29</sup>. Encarando a maconha como uma de nossas *espécies companheiras*<sup>30</sup> mais antigas, decidi reunir o máximo de informações que eu conseguisse a

---

<sup>29</sup> Anna Tsing (2015) resolveu seguir um cogumelo, o *matsutaki* e descrever o que chamou de *mushroom fever*. Na sua escrita a forma e o argumento seguem um ao outro. Em suas próprias palavras: “Following a mushroom, this book offers such true stories. [...] I wanted them to be like the flushes of mushrooms that come up after a rain: an over-the-top bounty; a temptation to explore; an always too many. The chapters build an open-ended assemblage, not a logical machine; they gesture to the so-much-more out there. The tangle with an interrupt each other - mimicking the patchiness of the world I am trying to describe” (TSING, 2015, p. viii). Inspirada em seu trabalho, eu resolvi seguir uma planta, a maconha, pensando também sobre a sua forma enquanto construía a argumentação desenvolvida no texto.

<sup>30</sup> Co-evolução é definido no glossário de Bateson (1986) da seguinte forma: “Um sistema estocástico de mudança evolucionária no qual duas ou mais espécies interagem de uma maneira tal que as alterações na espécie

respeito dela. Mantendo as fronteiras disciplinares o mais fluidas e o pensamento o mais livre possível, expandi essa pesquisa projetando curiosos *tentáculos*<sup>31</sup> a fim de captar o máximo possível de informações e estímulos sensíveis. Desde então, meu interesse de pesquisa se tornou uma única palavra, que nem é um conceito, mas que talvez seja um anagrama<sup>32</sup>. Uma palavra que ao mesmo tempo resume e abre o interesse dessa pesquisa. Uma palavra que carrega em si uma história e muitos significados. Além, é claro, de todas as outras palavras com ela aparentadas. Seus codinomes, sinônimos, apelidos, signos e símbolos. E então o que eu vinha tentando aprender já há algum tempo sobre as plantas sem tanto sucesso nos livros começou a tomar forma. Finalmente eu poderia participar verdadeiramente de uma relação. Experimentar, observar, registrar e refletir sobre o assunto.

Mas ao entrar em uma área do conhecimento tão nova como é o estudo social das plantas percebi que essa não seria uma tarefa fácil. A verdade é que nós pouco sabemos sobre elas, apesar do nosso convívio cotidiano e da relação ancestral que estabelecemos com muitas delas<sup>33</sup>. Interagimos com as plantas desde que surgimos no mundo, ou melhor, nós e os outros

---

A determinam o campo para a seleção natural de alterações na espécie B. Mudanças posteriores na espécie B, por sua vez, determinam o campo para a seleção de mais mudanças similares na espécie A” (BATESON, 1986, 231). Esse mesmo conceito também foi usado por Donna Haraway (2003; 2007). A ele vinculam-se as ideias de co-habitação e co-adaptação, além de *espécies companheiras*. Todas elas são amplamente utilizadas nos estudos multiespécie. Inspirada no trabalho de Donna Haraway, Anna Tsing (2015<sup>a</sup>; 2015<sup>b</sup>; 2019) advoga em prol da entrada de outros seres vivos na explicação antropológica. Isso significa considerar uma socialidade mais que humana, ou seja, conceber socialidade como um conceito que não faz distinção entre humano e não-humano. Nas palavras da autora, “Como pode ter ocorrido a alguém que as coisas vivas além dos humanos não são sociais? Quanto mais pensamos sobre isso, mais ridícula se torna a oposição entre a socialidade humana e a não humana. O que é não socialidade? Se social significa “produzido em relações intrincadas com outros significantes”, claramente outros seres vivos não humanos são totalmente sociais – com ou sem humanos. No entanto, uma oposição entre natureza e sociedade tem sido bastante convencional nas humanidades e nas ciências modernas. Essa oposição define o que chamamos de ciências sociais, área que quase nunca lida com a intrínseca socialidade dos não humanos, ou seja, aquelas relações sociais que não surgem em função dos seres humanos. Eu fui treinada nessa tradição também. Fico envergonhada de ver que, em trabalhos anteriores, algumas vezes eu defini social como “tendo a ver com histórias humanas”. Agora isso me parece um tanto estranho. O conceito de socialidade não faz distinção entre humano e não humano: “socialidade mais que humana” inclui ambos” (TSING, 2019, p. 119). E a autora desempenha uma tarefa importante: a de “abrir as portas para esse tipo de trabalho, para estender o convite os cientistas sociais que não têm medo de aprender sobre novos e diferentes tipos de socialidade” (TSING, 2019, p. 120 e 121).

<sup>31</sup> Ver nota 46.

<sup>32</sup> In: CARLINI, 2006.

<sup>33</sup> Nas palavras de Emanuelle Coccia (2018): “Pouco falamos delas e mal sabemos seus nomes. A filosofia as negligenciou desde sempre, com desprezo mais do que por distração. São o ornamento cósmico, o acidente

animais só pudemos surgir graças à colonização do planeta por elas desde tempos imemoriais. Mesmo sendo a base da vida humana, já que são elas que fornecem a comida que nós comemos e o ar que respiramos, só muito recentemente viraram tema de interesse das ciências como um todo e, em especial das ciências humanas. Isso porque desde a filosofia antiga até a ciência moderna perdurou a ideia de que as plantas são seres inferiores, sem capacidade motora e órgãos sensitivos. Negligenciadas por não sentirem e não se moverem, elas só voltaram a receber atenção das ciências nos últimos séculos<sup>34</sup>. Há, entretanto, tradições de uso

inessencial e colorido relegado às margens do campo cognitivo. As metrópoles contemporâneas as consideram bibelôs supérfluos da decoração urbana. Fora dos muros da cidade, são parasitas – ervas daninhas – ou objetos de produção em massa. As plantas são a ferida sempre aberta do esnobismo metafísico que define nossa cultura. O retorno do recalçado, de que é necessário nos livrarmos para nos considerarmos diferentes: homens, racionais, seres espirituais. Elas são o tumor cósmico do humanismo, os dejetos que o espírito absoluto não consegue eliminar. As ciências da vida também as negligenciam. “A biologia atual, concebida com base no que sabemos sobre o animal, praticamente não leva em conta as plantas”; “a literatura evolucionista padrão é zoocêntrica”. E os manuais de biologia abordam “de má vontade as plantas como ornamentos sobre a árvore da vida, mais do que como as formas que permitiram a essa árvore sobreviver e crescer” (COCCIA, 2018, p. 11).

<sup>34</sup> De acordo com Peter Tompkins e Christopher Bird (1976) “O dogma aristotélico de que as plantas têm alma, mas não sensações, atravessou a Idade Média e perdurou até o século XVIII, quando Carl von Linné, o grande pioneiro da botânica moderna, declarou que as plantas só diferem dos bichos e do homem por sua falta de movimento, conceito esse que seria derrubado pelo famoso botânico Charles Darwin, o qual provou que cada gavinha está dotada de um poder de movimento independente. Segundo Darwin, as plantas “só adquirem e exibem esse poder quando isso apresenta alguma vantagem para elas”. No início do século XX, um talentoso biólogo vienense como nome gaulês de Raoul Francé lançou a ideia, chocante para os filósofos da natureza contemporâneos, de que as plantas movem seus corpos com uma liberdade, um desembaraço e uma graça tão grandes quanto o homem ou o bicho mais capacitado – e que só não apreciamos isso pelo fato de as plantas se moverem a um passo bem mais lento que o nosso. As raízes das plantas, disse Francé, escavam perscrutantemente a terra, os brotos e vergôneas giram em círculos definidos, as folhas e flores vergam e tremem com as mudanças, as gavinhas se enroscam inquiridoras e se estendem com braços fantásticos para sondar o ambiente. Apenas por não se dar ao trabalho de observá-las é que o homem julga as plantas desprovidas de movimentos e sensações. Poetas e filósofos como Johann Wolfgang von Goethe e Rudolf Steiner, que tiveram paciência de observar as plantas, descobriram que elas crescem em direções opostas, penetrando por um lado no solo, como que atraídas pela gravidade, e irrompendo, por outro, pelos ares, como que puxadas por alguma forma de antigravidade, ou *levitação*. Radículas vermiformes, que Darwin comparou a um cérebro, valem-se de finos filamentos brancos para escavar constantemente para baixo, aglomerando-se firmemente no solo e provando-o à medida que avançam. Pequenas câmaras ocas, nas quais uma bola de amido pode reter, indicam às pontas da raiz a direção e a força da gravidade”. [...] As plantas são capazes de intento, garante ainda Francé: procuram ou se estendem em direção ao que querem de maneiras tão intrigantes quanto as mais fantástica criações romanescas. Longe de levarem uma existência inerte, os seres vegetais – ou o que os antigos helenos chamavam de botânes – parecem capazes de perceber e reagir ao que acontece em seu ambiente a um nível de sofisticação que ultrapassa em muito o dos homens” (TOMPKINS & BIRD, 1976, p.10). Hoje em dia, as ciências têm voltado à atenção para a inteligência das plantas (NARBY, 2021), inclusive como modelo para a inovação humana e projeção do futuro (MANCUSO, 2019). Fala-se em uma “Virada Vegetal” (COCCIA, 2020). Dentro das pesquisas contemporâneas, destacam-se estudos multiespécies e da vida social das plantas. Numa crítica à tendência científica classificadora, Anna Tsing (2019) é uma das autoras que advoga em prol da inclusão dos outros seres vivos nos estudos das ciências humanas e, em especial, da antropologia. Ela argumenta que “As listas de espécies não são suficientes por si mesmas; precisamos de novas maneiras de narrar nossas relações uns com os outros em condições de mudança, incluindo histórias de linhas de vidas emaranhadas”

e cultivo muito antigas. A verdade é que só recentemente começamos a explorar cientificamente o que já é conhecido de outras formas há milhares de anos. É por isso que, para Emanuelle Coccia (2018; 2020), nós devemos reabrir a questão do mundo a partir da perspectiva das plantas. “Se é às plantas que devemos perguntar o que é o mundo, é porque são elas que fazem mundo”. O mundo é produzido por elas. Para ele, o “nosso mundo é um fato vegetal antes de ser um fato animal”.<sup>35</sup> As plantas são consideradas por esse autor um ponto de vista, ou de vida, privilegiado para se pensar sobre o mundo em que vivemos. A *virada vegetal* aparece no horizonte. Imaginar como é a vida das plantas parece a cada dia mais interessante.<sup>36</sup>

E o que significa aprender com uma planta? Como fazer uma antropologia menos antropocêntrica? Que tipo de prática etnográfica eu gostaria de cultivar? Em primeiro lugar, acredito que esse é um trabalho silencioso, mas nem por isso solitário. Trata-se de uma

(TSING, 2019, 41). “Em vez de simplesmente catalogar diversidade, precisamos narrar as histórias em que a diversidade emerge – isto é, admitir suas formas animadas e, portanto, contaminadas. Diversidade é criada em sinergias colaborativas, é sempre devir” (TSING, 2019, p. 24). Discuto melhor as ideias desses autores nas notas subsequentes.

<sup>35</sup> Citação completa: “*Se é às plantas que devemos perguntar o que é o mundo, é porque são elas que “fazem mundo”*”. O mundo é, para a grande maioria dos organismos, o produto da vida vegetal, o produto da colonização do planeta pelas plantas, desde tempos imemoriais. Não apenas “o organismo animal é inteiramente constituído pelas substâncias orgânicas produzidas pelas plantas”, como também “as plantas superiores representam 90% da biomassa eucariota do planeta”. O conjunto dos objetos e dos utensílios que nos cercam vem das plantas (os alimentos, o mobiliário, as roupas, o combustível, os medicamentos), mas, sobretudo, a totalidade da vida animal superior (que tem caráter aeróbico) se alimenta das trocas orgânicas desses seres (o oxigênio). *Nosso mundo é um fato vegetal antes de ser um fato animal*”. [...] Sua chegada à terra firme e sua multiplicação permitiram produzir a quantidade de matéria e de massa orgânica de que a vida superior se compõe e se alimenta. Mas também, e sobretudo, elas transformaram para sempre o rosto do nosso planeta: foi através da fotossíntese que nossa atmosfera passou a ter mais oxigênio; é ainda graças às plantas e a sua vida que os organismos animais superiores podem produzir a energia necessária a sua sobrevivência. É por e através delas que nosso planeta produz sua atmosfera e faz respirar os seres que cobrem sua pele. A vida das plantas é uma cosmogonia em ato, a gênese constante de nosso cosmos” (COCCIA, 2018, p. 15 e 16).

<sup>36</sup> Em *A Virada Vegetal*, Emanuelle Coccia (2020) faz um exercício de imaginação onde é evidenciado o ponto de vista das plantas. Na visão do autor, “Imaginar tudo isso não é uma experiência do pensamento ociosa e excêntrica. É a condição de possibilidade de toda uma cosmologia especulativa. *As plantas, de fato, representam o ponto de vista* – ou melhor, o ponto de vida – privilegiado para compreender e descrever o mundo enquanto tal, e de modo mais geral, para aprender a relação entre vida e mundo. Se esse exercício é necessário, se devemos imaginar o mundo do ponto de vida das plantas, é porque o mundo é literalmente produzido por elas. São as plantas que fazem da matéria e do espaço que nos rodeiam um mundo, que reorganizam e rearranjam a realidade tornando-a um lugar *habitável* e *vivível*. O mundo, deste ponto de vista, é antes de tudo uma *realidade vegetal*: é um jardim antes de ser um zoológico, e é somente porque é um jardim que podemos ali viver (COCCIA, 2020, p. 4 e 5).

proposta de etnografia que não passa pela conversa. Mesmo assim depende da convivência, do convívio cotidiano, de uma relação de intimidade. Isso porque aprender a cultivar demanda empenho e constância. Leva um tempo até a gente se aproximar das plantas e aprender a conviver com elas. Ao mesmo tempo é uma prática científica que precisa de tempo e passeios ao ar livre, já que observação nesse caso tem a ver não só com ver, mas com tocar, cheirar, pegar, esmagar, colecionar pedaços, ingerir... Por outro lado, uma proposta etnográfica desse tipo envolve também descentrar o humano e considerar os diversos seres que se relacionam de forma complexa e múltipla no mundo. Olhar para a vida social das plantas, significa antes de tudo considerar uma socialidade mais que humana. Conceber a Antropologia não como o estudo do homem, mas como um olhar atento à complexidade das coisas. Para isso, é preciso educar a nossa atenção e desenvolver novas tecnologias de descrição, como apontou Anna Tsing. Aprender a observar as paisagens e recuperar as suas histórias utilizando práticas científicas interdisciplinares e colaborativas. Além, é claro, de conversar com aquelas pessoas que sabem mais sobre o assunto do que nós cientistas. Fortemente inspirada em seu trabalho, esta etnografia tentou resgatar a história da maconha e brincar com a sua perspectiva de forma literária<sup>37</sup>. Nesse sentido, aprender com as plantas significou experimentar uma narrativa construída em primeira pessoa na voz de uma personagem por mim criada. Uma tentativa de deslocar a minha própria perspectiva a ponto de balançar um pouco as minhas certezas humanas e aprender sobre outra forma de vida completamente diferente da minha. Escolhi

---

<sup>37</sup> É o que Anna Tsing (2019) faz em *Strathern além dos Humanos: Testemunhos de um Esporo*, um dos textos que inspirou fortemente este trabalho. Nesse artigo a autora estende algumas ideias de Marilyn Strathern relativas à etnografia pra o mundo não-humano. “Minha comparação desloca os limites da antropologia, Stratherniana e outras, introduzindo um esporo fúngico como sujeito etnográfico. [...] O experimento aqui considera a promessa de um conhecimento multiespécie no qual a percepção da história natural e etnografia, bem como os instrumentos de construção do saber avançam e recuam na análise. O experimento faz parte de um argumento maior para a *descrição crítica*, isto é, para a arte de perceber o entrelaçamento das relações entre seres humanos e outras espécies pro meio de escalas múltiplas não aninhadas. A descrição crítica considera como mundos são feitos nas trajetórias cruzadas de muitas espécies que vivem em comum. Nem uma antropologia que quer meramente provar que está acima da filosofia, nem uma antropologia de “adicionar e agitar” agentes não humanos: descrições críticas de relações entre muitas espécies poderiam nos mostrar como olhar mais de perto bem como sacudir nossos aparatos e ampliar nosso conhecimento do mundo. Por isso, as percepções strathernianas representam um guia útil – mesmo quando o projeto alcança direções inexploradas” (TSING, 2019, p. 66). Ao orientar a sua narrativa por uma mistura de ciência e ficção, a autora aposta na potência da escrita etnográfica. “Meu objetivo, seguindo Strathern, é usar o que poderia ser apresentado como meros “fatos científicos” para perturbar o que achamos que sabemos – e então o que podemos pensar. O potencial radical da antropologia sempre foi esse: outros mundos são possíveis” (TSING, 2019, p. 68).

falar da perspectiva dela... Mas será que eu falo através da erva ou é a erva que fala através de mim?

Aprender sobre as sutilezas da interação entre os humanos e as plantas implica considerar antes de tudo a própria relação, e usá-la como base para qualquer definição. Tenho comigo que só a partir de uma relação concreta é possível fazer uma etnografia sobre maconha. E ao refletir sobre uma planta tão polêmica, me questiono sobre o que é mais importante dizer. Sobre tudo aquilo que não nos foi dito ou não se costuma falar... Revisando bibliografias científicas e resgatando tradições antigas orais e escritas é possível reunir um material de pesquisa promissor, mas ainda sinto que a dimensão sensível tem recebido pouca atenção. Em meio à divisão de importância entre os assuntos, intuo a necessidade de se falar sobre os seus efeitos concretos no corpo. Afinal, o que seria dessa pesquisa se não fosse uma experimentação? Como eu chegaria um dia a fazer tal investigação sem nunca sentir os seus efeitos? Seria possível fazer uma pesquisa sobre maconha sem conhecer essa planta? Ao olhar com atenção para a relação que os seres humanos e a maconha estabeleceram ao longo do tempo é impossível não se perguntar: Qual é ação dessa planta no corpo humano? Quase todo mundo concorda que a maconha age na mente. Mas não é muito fácil entender como isso acontece. As ciências ainda sabem muito pouco sobre o assunto, apesar do aumento significativo de investigações e das recentes descobertas. Para começar a compreender o que pesquisas atuais têm dito, precisei dar um passo atrás e tentar entender primeiro como a mente humana funciona. Quanta pretensão! Entender como ela opera é talvez o maior desafio da humanidade, ou pelo menos de algumas áreas do conhecimento científico. Não é uma tarefa fácil especular sobre o funcionamento de um sistema tão complexo. De qualquer forma pensar sobre o pensamento ainda me parece um desafio interessante.<sup>38</sup> Para onde o meu pensamento poderia me levar agora?

---

<sup>38</sup> Isso será discutido na seção 1.4.

#### 1.4 PENSANDO SOBRE O PENSAMENTO

Vejo-me de repente rodeada por infinitos pensamentos. Mas o que é um pensamento? E como ele ocorre no corpo humano? De volta ao início, retomando àquelas ideias que outrora tive... Como capturá-las? Ou antes. Pensando muito antes disso. Como nascem uma ideia? E como ela pode se transformar em um texto? Na sequência, surgem questões ainda mais profundas... Como é possível expandir a mente e a consciência? O que faz alguém abrir a cabeça? E como eu poderia incentivar essa abertura? Seria mesmo possível transformar uma ideia há muito tempo enraizada na mente de tantas pessoas? Mas pensar como a mente funciona me faz querer observar antes como a minha própria mente opera ou, melhor, como as ideias se encadearam para que este texto pudesse nascer. De novo as ideias... Tento primeiro escrevê-las como elas surgem na minha cabeça. No início tudo é bastante confuso. Até que começam a surgir conexões improváveis entre algumas delas. O pensamento nesse momento é completamente fragmentado. Daí algumas conexões começam a se mostrar mais significativas. Uma sequência de ideias desencadeia e eu fico meio aérea como se estivesse processando uma quantidade grande de informação. Nesse momento eu já sei exatamente sobre o que quero falar, ou pelo menos intuo, mas aquilo que eu quero dizer não tem ainda uma forma. É apenas emaranhado difuso que precisa de alguma organização antes de passar a existir como um argumento. Mais cedo ou mais tarde a forma como será montado o texto é escolhida e, daí em diante, as anotações de campo começam a ser organizadas com esse propósito. Cada frase escrita é conectada a outras, registradas em outros tempos e lugares. Em algum momento tudo isso fará algum sentido.

Acontece que eu gostaria não só de pensar sobre a minha mente e como ela opera, mas também refletir sobre as possibilidades de alteração. Falo sobre o modo como os pensamentos são reorientados a partir daquilo que parece ser uma expansão ou, então, os efeitos da maconha no corpo e na mente humana. Em primeiro lugar é preciso dizer que a mente é parte do corpo, apesar dessas duas coisas serem geralmente tratadas como pares de oposição. Dizer que o pensamento é um processo de simbolização até que faz sentido. Mas simbolizar sobre a simbolização ou, melhor, pensar sobre o pensamento, é bem mais complexo. É muito difícil, para não dizer impossível, entender como ele ocorre, já que grande parte do processo é inconsciente. A consciência humana existe, mas é limitada. E o conhecimento científico é só uma pequena parte de tudo que existe no mundo.

Esse assunto ativa em mim caminhos neurais que também são ativados quando eu penso em comunicação e epistemologia<sup>39</sup>, o que deixa elevada à potência máxima os níveis de abstração. A verdade é que quando eu penso sobre essas coisas eu pareço estar navegando em outro mundo, conectada em outra frequência rítmica. Seria esse o mundo das ideias? E como elas poderiam ser conectadas ao mundo da vida? Talvez podando na outra parte do texto as conceituações excessivas, usando menos conceitos e recorrendo menos explicitamente às teorias. Uma tentativa de conversar com pessoas vindas de outros lugares e não só com a academia.

De volta à matéria... O cérebro é um órgão do corpo humano pertencente ao sistema nervoso central<sup>40</sup>. Algumas ciências parecem buscar compreender o seu funcionamento dividindo-o em partes cada vez menores. Zonas cerebrais, células nervosas, neurotransmissores. Olhando para o nível celular, observando imagens dos neurônios, percebo que essa é uma célula composta essencialmente por um corpo celular e por estruturas tentaculares, os dendritos e o axônio. Olho, então, para a relação estabelecida entre duas células. Na intersecção entre elas existe uma fenda, um espaço livre. Na extensão da membrana de uma dessas células são liberadas moléculas que são absorvidas pela membrana da outra célula durante a atividade cerebral. Assim se faz a conexão entre elas, o que é conhecido como sinapse. Dentro desse sistema o impulso nervoso é uma cadeia de transmissão e recepção de moléculas e de mensagens, uma sequência de sinapses que permite

---

<sup>39</sup> Para Gregory Bateson (1986), epistemologia é “um ramo da ciência combinado com um ramo da filosofia. Como ciência, a epistemologia é o estudo de como organismos específicos ou agregados de organismos sabem, pensam e decidem. Como filosofia, a epistemologia é o estudo dos limites necessários e outras características dos processos do conhecimento, pensamento e decisão” (BATESON, 1986, p. 233). “A epistemologia é uma metaciência integrada, indivisível, cujo tema principal é o mundo da evolução, do pensamento, da adaptação, da embriologia e da genética – a ciência da mente no sentido mais amplo da palavra” (BATESON, 1986, p. 96). “A epistemologia é, entretanto, sempre e inevitavelmente pessoal. O ponto da investigação está sempre no coração do explorador: qual é a minha resposta à pergunta sobre a natureza do conhecimento? Eu me rendo à crença de que meu conhecimento é uma pequena parte de um conhecimento integrado mais amplo que une firmemente toda a biosfera da criação” (BATESON, 1986, p. 97).

<sup>40</sup> “O cérebro é constituído de diversas estruturas contendo circuitos locais de neurônios que exercem funções mais ou menos especializadas, tais como receber informações auditivas, controlar funções motoras, gerar sensações emocionais, entre outras. Não há necessariamente uma separação espacial bem definida entre alguns desses circuitos, que muitas vezes se definem mais pelos aspectos funcionais que compartilham do que por sua localização no sistema nervoso. As funções exercidas pelo cérebro geralmente representam o resultado do fluxo de informações tanto dentro quanto entre os circuitos” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 60)



a transmissão de uma informação. Apesar de conseguir visualizar melhor o processo, tudo isso não me ajuda muito a compreender como o ser humano pensa. Mas ajuda a pensar sobre o modo como nós nos acostumamos a pensar sobre tudo, além de me levar a uma reflexão sobre a construção da ciência. A ciência se habituou a dividir aquilo que considera uma totalidade em partes cada vez menores e a olhar pra o nível micro numa busca incansável por respostas últimas. Essa é uma das formas pelo qual o pensamento humano aprendeu a fluir, lógica e linearmente. A partir daí se criou uma tradição científica com um olhar, uma forma e um jeito de falar e escrever específicos. É o que se considera ainda hoje pensamento neutro e objetivo. Mas esse é apenas tipo de pensamento. Existem infinitas outras maneiras de se pensar. Acredito que as ideias possam ser cultivadas de variadas formas... Por outro lado, não acredito que o trabalho científico deva ser encarado como a tentativa de alcançar uma realidade objetiva ou a busca por verdade absoluta. O pensamento deveria, na verdade, ser livre. Quem sabe assim nossas pesquisas fossem mais divertidas e criativas.

Ideias são lampejos cintilantes, *insights* criativos. Estão carregadas de emoção e fantasia. Não estão presas em compartimentos cerebrais, mas espalhadas por todo corpo, diluídas nos tecidos, fluindo em ondas vivas e difusas. As ideias estão nas fendas, nos buracos, nos espaços livres.<sup>41</sup> Nesse sentido o pensamento não é algo que posse ser compreendido estudando somente o nível celular ou molecular. A mente humana deveria ser estudada como sistema complexo que é, levando-se em consideração toda essa complexidade. O foco deveria estar não no estudo minucioso de cada uma das suas partes isoladas, mas na interação entre elas. E isso significa que ao olhar para a ação da maconha na mente-corpo humano talvez fosse interessante pensar sobre isso a partir de uma perspectiva sistêmica.

---

<sup>41</sup> “O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada. O que se chama equivocadamente de “dendritos” não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima destas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema, probabilístico incerto, *uncertain nervous system*. Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore. “O axônio e o dendrito enrolam-se um ao redor do outro como a campanulácia em torno de espinheiro, com uma sinapse em cada espinho” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 34 e 35).

Retomando o interesse principal dessa pesquisa... É sabido hoje que a maconha age no corpo humano de forma complexa e generalizada<sup>42</sup>. Ela atua inclusive no sistema nervoso, promovendo a regeneração de neurônios e o estímulo de antigas e novas sinapses, modulando os neurotransmissores e, portanto, modificando a atividade cerebral. É certo que ela amplia a nossa percepção. Talvez por isso o pensamento flua mais livre e criativo... Seria possível dizer que essa planta nos permite pensar a partir de outras vias e a fazer conexões improváveis? E o que isso tem a ver com criatividade?

Desde que li Gregory Bateson pela primeira vez, eu acredito que existe um *padrão que liga* todas as coisas vivas e que a mente é aquilo que nos aproxima das plantas e dos seres vivos no geral. Para Bateson *uma mente é um agregado de partes ou componentes que interagem*.<sup>43</sup> Na visão desse autor ela é mais do que partes conectadas, ela é a própria conexão entre elas. Nesse sentido, o processo mental ou, melhor, o funcionamento da mente, é descrito por ele como *uma dança das partes*. O conhecimento, por sua vez, se constrói a partir da apreensão e da codificação de informações que captamos do mundo. O aprendizado depende da percepção de uma diferença que é transformada em informação. E a criatividade depende do acaso e da persistência.<sup>44</sup> Ainda segundo Bateson (1986), estórias e imagens são as

---

<sup>42</sup> Na segunda parte do texto discuto um pouco melhor essa ideia a partir da apresentação do sistema endocanabinoide.

<sup>43</sup> Esse é o primeiro critério apontado por Gregory Bateson (1986) para definir mente. Segundo esse autor, “A explicação do fenômeno mental deve sempre se basear na organização e na interação de partes múltiplas” (BATESON, 1986, p. 101, grifo original). Em outras palavras, a sua teoria da mente é holista, ou seja, está baseada nas diferenciações e interações das partes. Isso significa que é impossível na visão desse autor compreender a mente olhando apenas para suas partes isoladas.

<sup>44</sup> Segundo critério mental apontado por Bateson (1986): *A interação entre partes da mente é acionada por diferença*. A diferença entre duas coisas se transforma em informação. “De todos os exemplos, o mais simples, porém o mais profundo, é o fato de que são necessárias pelo menos duas coisas para criar uma diferença. Para produzir novidades de diferença, isto é, informação, devem existir duas entidades (reais ou imaginárias) tais que a diferença entre elas possa ser tal que as informações de suas diferenças possam ser representadas como uma diferença dentro de alguma entidade de informação-processamento, como um cérebro ou talvez um computador” (BATESON, 1986, p. 76). Para Bateson, o pensamento é um processo estocástico, ou seja, parcialmente aleatório. Ele é uma sequência de eventos que combina um componente aleatório com um processo seletivo. Nesse sentido, no processo mental, o novo só poderá ser extraído do acaso. “E para tirar o novo do acaso, se e quando ocorre ele mostrar, é necessário um certo tipo de maquinaria seletiva para explicar a persistência de novas ideias. [...] Para resistir, o novo deve ser um tipo tal que resista mais que as alternativas. O que dura mais entre as ondulações do acaso deverá durar mais do que as ondulações que não duram tanto” (BATESON, 1986, p. 52). Para além dos mundos da reprodução, “existe todo o mundo da criatividade, da arte, do aprendizado e da evolução. [...] A essência do aprendizado e da evolução é a exploração e a mudança” (BATESON, 1986, p. 55).

principais características do pensamento humano. Nós humanos aprendemos a partir de estórias e fabricamos imagens mentais. Pensar por estórias significa pensar em termos de pertinência e contexto, ambos responsáveis por produzir significado.<sup>45</sup> Acredito que as teorias científicas nos ajudam a pensar, mas talvez com as estórias o pensamento possa ir ainda mais longe. Para além dos conceitos, nós pensamos também através de metáforas. Ou seria melhor apostar no poder das imagens? Quais conceitos, metáforas e imagens podem nos ajudar a pensar sobre o pensamento? E se o pensamento fosse tentacular...

Prolongamentos e camadas de ideias ajudam a compor uma imagem: tentáculos. Crescendo, prolongando-se, infiltrando-se, emaranhando-se, regenerando-se... O que é um tentáculo? E o que Donna Haraway quer nos dizer com isso?<sup>46</sup> Um tentáculo é um apêndice animal que serve para tocar, apalpar, atacar, seduzir. Um órgão usado para sentir as coisas. Sentir e tentar... É o que fazem as aranhas, os polvos, as trepadeiras e também os seres humanos. Nossos neurônios enquanto pensam e nossos dedos enquanto escrevem também são tentáculos. O *rizoma* é outra uma imagem boa para se pensar sobre o pensamento. E o que é

---

<sup>45</sup> “Uma história é um pequeno grupo ou complexo dessa espécie de ligação que chamamos pertinência” (BATESON, 1986, p. 21). “Nada tem significado a não ser que seja visualizado como estando em algum contexto” (BATESON, 1986, p. 23). “‘Contexto’ está ligado a outra noção indefinida chamada ‘significado’. Sem contexto, palavras e ações não têm qualquer significado. Isso é verdade não somente para a comunicação humana através de palavras mas também para todos os tipos de comunicação, de todo o processo mental, de toda mente, inclusive daquela que diz à anêmona-do-mar como crescer e à ameoba o que fazer a seguir” (BATESON, 1986, p. 23).

<sup>46</sup> Donna Haraway (2016) escreve sobre tentáculos e os usa como uma imagem ou, melhor, um tropo teórico. “I remember that tentacle comes from the Latin *tentaculum*, meaning “feeler”, and *tentare*, meaning “to feel” and “to try”, and I know that my leggy spider has many-armed allies. Myriad tentacles will be needed to tell the story of the Chthulucene. The tentacular ones tangle me in SF. Their many appenges make string figures; they entwine me in the poiesis - the making - of speculative fabulation science fiction, science fact, speculative feminism, so in the ficelle, so far. The tentacular ones make attachments and detachments; they ake cuts ant knots; they make a difference; they weave paths and consequences but not determinisms; they are both open and knotted in some ways and not others. SF is storyteling and fact telling; it is the patterning of possible worlds and possible times, material-semiotic worlds, gone, here, and yet to come. I work with string figures as a theoretical trope, a way to think-with a host of companions in sympoietic threading, feltin, tangling, tracking, and sorting. I work with and in SF as material-semiotic composting, as theory n the mud, as muddle. The tentacular are not disembodied figures; they are cnidarians, spiders, fingery beings like humans and raccons, squid, jellyfish, neural extravaganzas, fibrous entities, flagellated beings, myofribial braids, matted and felted microbial and fungal tangles, probing creepers, swelling roots, reaching and clinbing tendrilled ones. The tentacular are also nets and networks, IT critter; in the out of clouds. Tentacularity is about life lived along lines - and such a wealth of lines - not at points, not in spheres. “The inhabitants of the world, creatures of all kinds, human and non-human, are wayfareres”; generations are like “a series of interlaced trails”. String figures all” (HARAWAY, 2016, P. 31 e 32).

um rizoma? Resumindo, é uma *multiplicidade*, feita de dimensões variáveis e de direções movediças.<sup>47</sup> Nas palavras de Deleuze e Guattari: “Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda”.<sup>48</sup> Se o pensamento é rizomático significa dizer que qualquer um dos seus pontos pode ser conectado a todos os outros. Assim, ele até pode ser interrompido em algum lugar, mas retoma sempre em outra linha.

Vem daí a ideia de realizar um trabalho que não é linear em sua composição. Um texto que se faz de pedaços, construído a partir da conexão de muitos fragmentos de ideias e pensamentos soltos. Em outras palavras o que quero dizer é que este texto não pretende representar uma totalidade. Também não se incomoda de fazer apenas *conexões parciais*<sup>49</sup>, já que busca permitir assim sempre novos *acoplamentos*<sup>50</sup>. Imitando a o crescimento das plantas e o fluxo do pensamento ele busca crescer em direções variadas, se ligando a coisas mais ou menos aleatórias, fazendo rizoma com muitas coisas no mundo... Cada ideia deste texto foi com o passar do tempo crescendo e ganhando profundidade, se ligando a outras ideias e se fortalecendo. Por isso, cada parte foi pensada como se fosse um tentáculo ainda em crescimento. Visualizado esta parte como mais um tentáculo, permiti que ele crescesse pensando sobre o próprio pensamento e desde então comecei a seguir uma das *linhas de fuga*<sup>51</sup> que me leva ao estudo da mente humana. Mas, como disse Deleuze e Guattari, “não é fácil ver a erva nas coisas e nas palavras”<sup>52</sup>, assim como não é fácil compreender o pensamento. Depois de muito pensar sobre todos esses assuntos, cheguei a uma pequena

---

<sup>47</sup> Na definição de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 23). Sendo uma *multiplicidade*, “[...] O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. [...] Oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”. (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 43).

<sup>48</sup> In: DELEUZE, 2011.

<sup>49</sup> In: STRATHERN, 1991.

<sup>50</sup> In: DELEUZE, 2011.

<sup>51</sup> In: DELEUZE, 2011.

<sup>52</sup> In: DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 46.

conclusão: pensar é colocar em relação. Uma ideia pode se referir ao mesmo tempo a muitas coisas... E ela existe para ser colocada em relação com outras ideias do mundo.

Lembro-me de ter lido certa vez em algum lugar: Pense como um jardineiro! Plante algo, nutra, regue, deixe crescer. Onde foi eu já não me lembro... Ainda bem que a memória humana compreende o esquecimento como parte essencial do processo.<sup>53</sup> O fato é que a partir daí eu comecei a exercitar uma prática etnográfica inspirada no cultivo. Escrever, assim como cuidar de uma planta, leva tempo e energia. Assim como as plantas, as ideias têm um crescimento lento. E a criatividade requer carinho e cuidado, inclusive com nós mesmos. Por isso, cultivar nossas ideias pelo tempo necessário de vê-las brotar e crescer, tomando forma e ganhando profundidade me parece revolucionário. Eu falo sobre estratégias de guerrilha... Nesse sentido, este trabalho pretende ser o esboço de um mapa de reconquista ou então uma máquina literária de guerra. É derivado de um pensamento nômade e de uma escrita rizomática. Mas será que o mapa que eu estou fazendo permite entradas e saídas? E com o que essa máquina literária poderia funcionar melhor? Como foi mesmo que eu vim parar aqui?

---

<sup>53</sup> “Esplendor de uma Ideia curta: escreve-se com a memória curta, logo, com ideias curtas, mesmo que se leia e releia com a longa memória dos longos conceitos. A memória curta compreende o esquecimento como processo” (DELEUZE & GUATTARI, 2011, p. 35).

## 1.5 E SE EU CONTASSE UMA ESTÓRIA?

Para escrever essa dissertação li e reli minhas anotações de campo dezenas de vezes. Aconteceram dentro da minha cabeça sinapses e mais sinapses... Muitos impulsos nervosos percorrendo lugares similares. O que eu quero dizer é que para que este texto pudesse nascer os mesmos caminhos mentais precisaram ser muitas vezes refeitos. Algumas ideias precisaram ser digeridas, outras completamente modificadas. Foi um longo tempo até que tantos pensamentos soltos pudessem ser amarrados uns nos outros e transformados em um argumento. Precisei quebrar a cabeça muitas vezes até que eu conseguisse materializar a minha ideia inicial de contar uma estória. Mas no fim talvez tudo isso soe mais como uma grande viagem. Como eu poderia evitar? Considerando seriamente a possibilidade optei por nomear a parte do texto onde estão concentrados os meus relatos pessoais dessa forma. Olhando para o principal ofício do antropólogo, a escrita etnográfica, decidi focar em um primeiro momento no próprio escrever, tentando entender como funciona o meu processo de aprendizagem e de criação e pensando sobre escrita criativa a partir de uma prática experimental.

Devo isso à tradição acadêmica na qual eu me formei. Como eu disse foi a antropologia que me ensinou a participar e observar um determinado contexto, a registrar tudo que o que eu pudesse no meu diário de campo e a descrever densamente. Antropólogos são, antes de tudo, criadores de textos. E o trabalho antropológico requer o domínio de certas estratégias literárias. Para Strathern, “o efeito de uma boa descrição é alargar a experiência do leitor”.<sup>54</sup> Eu acho que a potência da etnografia está em conseguir transmitir uma mensagem,

---

<sup>54</sup> Citação completa: “Isso é parte de um problema geral de comunicação: “fazer uma ponte na divisa entre a experiência do leitor e as experiências das pessoas que o pesquisador deseja descrever para ele. *O efeito de uma boa descrição é alargar a experiência do leitor*. Mas essas muitas experiências do leitor são elas mesmas um problema – o que garante que a descrição não estará cheia de preconceitos, e que não irá, longe de alargar, meramente aumentar a perspectiva estreita? Nós pensamos nos antropólogos como os típicos criadores de dispositivos por meio dos quais é possível compreender o que outras pessoas acham e em que acreditam. E, claro, como simultaneamente empenhados em construir dispositivos através dos quais se pode afetar aquilo que seu público acha e acredita. Preparar uma descrição requer estratégias literárias específicas, a construção de uma ficção persuasiva: uma monografia precisa estar arranjada de tal maneira que possa expressar novas composições de ideias. Essa se torna uma questão sobre sua própria composição interna, a organização da análise, a sequência pela qual o leitor é introduzido a conceitos, o modo como as categorias são justapostas ou os dualismos são invertidos. Confrontar o problema é confrontar o arranjo do texto. Dessa forma, quando o escritor escolhe (digamos) o estilo “científico” ou “literário”, ele assinala o tipo de ficção que faz; não se pode fazer a escolha de evitar completamente a ficção” (STRATHERN, 2013, p. 44 e 45, grifo adicionado). “[...] Levanto uma questão

ou seja, comunicar. Acredito também que a forma como uma ideia é apresentada muda totalmente o efeito que ela pode produzir. Por isso, é fundamental para essa autora e também para mim que a forma textual escolhida nos permita expressar novas composições de ideias. “A questão não é apenas sobre como trazer certas cenas à vida, mas como trazer vida às ideias”.<sup>55</sup>

Mas talvez a minha mente precisasse estar antes povoada de muitas outras ideias, vindas de lugares variados e de diferentes áreas do conhecimento, para que esse trabalho pudesse existir da forma como ele é. Aprendi durante o processo de escrita que a criatividade é tipo um poço, que precisa estar repleto também de inutilidades. E talvez a gente tenha também que variar de assunto e vez ou outra deixar parado aquilo que estamos escrevendo para que as ideias possam assentar. A mente humana precisa de tempo para absorver conhecimento. Para criar, precisamos também de pausas. Assim se explica uma escrita que foi feita em revezamento entre duas partes principais até certo ponto independentes uma da outra e cinco tentáculos menores. A escrita de todas as partes do texto foi feita de forma concomitante, já que eu acreditava que se variasse constantemente de assunto poderia deixar a minha mente livre para que ela fizesse associações inesperadas. Nesse tempo eu quase me perdi tentando entender o hinduísmo ou, pior, como funciona a mente humana. Todos os assuntos reunidos em torno dessa planta me pareciam muito interessantes. A verdade é que é difícil focar com maconha. Diante da constante abertura do tema, de uma expansão a princípio ilimitada e da dificuldade de fechar o texto, pude enfim compreender que só é possível terminar um trabalho quando se limita ao menos uma coisa: o tempo.

Tantos caminhos possíveis... O que me levou a contar essa estória? O fato é que tudo que eu pensava me levava mais cedo ou mais tarde de volta para a colonização brasileira. Talvez eu mesma precisasse compreender um pouco melhor a formação do meu país antes de discutir a sua política de drogas. Acredito que para se avançar no debate é preciso antes politizar a discussão. E nós precisamos conhecer a nossa própria realidade antes de propor

---

circunscrita, a respeito do impacto do escritor sobre a imaginação, na perspectiva do tipo de relacionamento que se estabelece entre escritor(a) e leitor(a) e entre escritor(a) e assunto. Aqui as mediações se dão através de relações internas ao texto, pelo modo como o escritor arranja suas ideias” (STRATHERN, 2013, p. 42).

<sup>55</sup> In: STRATHERN, 2013, 45.

qualquer transformação. Daí a tentativa de compreender o processo de formação do Brasil, com todas as suas assimetrias de poder e desigualdades sociais e raciais, juntamente com a história da maconha nesse território.

Ao longo da segunda parte do texto, apresento a História da Erva. A partir de uma montagem dialógica, tento horizontalizar relações assimétricas e colocar vozes vindas de lugares diversos em relação. Essa é uma tentativa de reunir diferentes opiniões sobre o assunto. Contarei a mesma estória de sempre, a História do Brasil, só que agora acrescida de detalhes que geralmente não são contados. Acho que é por isso que muita coisa permanece mal entendida. Mas como eu poderia contar essa história de uma forma simples? Simplicidade no sentido de compreensão e didática... E como eu poderia contar essa história deixando claro que ela tem buracos? Como contar uma história fragmentada? Uma história que foi em certos momentos apagada ou escondida. Em primeiro lugar, é preciso dizer que escrever de forma simples não é tão fácil como parece. Além de exigir muito trabalho, a simplicidade é uma opção cotidiana, já que ela tem uma intenção muito clara: a comunicação.

Para mim contar uma estória como essa e explicar o que me levou a contá-la só poderia ter sido feito de maneira difusa. Penso comigo: como o pensamento não é algo linear, um texto também não precisa ser. Mas como levar a descontinuidade do pensamento para o texto? Será que um texto pode não ser linear e mesmo assim comunicar? Pergunto-me se é possível escrever um texto que imite o ritmo do pensamento, ou, melhor, o fluxo da mente. E se eu contasse uma história alternativa, capaz de seduzir com a fantasia e também de informar. Uma história que tivesse ainda o poder de suggestionar... E se eu inventasse uma fábula? Talvez se eu criasse uma personagem e descobrisse o tom perfeito para ela eu assim puderia experimentar também o meu próprio *flow*. Será que eu conseguiria transmitir uma mensagem?

Uma ideia na cabeça é só uma ideia. Quando escrita se transforma em um texto (e um argumento) e quando trocada com outras pessoas, possibilita o surgimento de outras ideias. Uma ideia dentro de uma cabeça pode ir para muitos lugares. Mas trocar ideia com outras pessoas pode nos levar ainda mais longe. Dialogar é importante, sobre tudo e qualquer coisa. Saber ouvir é muito importante... Antes de tentar convencer alguém, ou seja, enfiar uma ideia na cabeça de outra pessoa é necessário abrir um diálogo. E a primeira coisa a se fazer



talvez seja povoar essas mentes com outras estórias. Contra a história oficial, as velhas narrativas de conquista e de anticonquista<sup>56</sup>, tendo em mente os perigos de uma história única<sup>57</sup>, continuo apostando na possibilidade de contar outras estórias...

Para confeccionar esse texto tal como foi feito parto de uma hipótese importante. Talvez existam outras formas de entender tudo o que está aqui escrito, derivadas de outros pontos de vistas. Uma pergunta: É possível me comunicar com elas? Acredito que é sim possível um diálogo entre os nossos textos e campos. E é por isso que eu insisto que a resposta talvez esteja na forma. Não só no conteúdo dos nossos textos e discursos, mas na forma com que escrevemos e falamos. Para contar uma estória envolvente, escrever uma

---

<sup>56</sup>Além dos *relatos de conquista*, Mary Louise Pratt (1999) fala também sobre os *relatos de anticonquista*. Essas são, na visão da autora, duas expressões diferentes do olhar imperial. Mas enquanto na primeira o objetivo da conquista é explícito, na segunda ele se torna velado. Por *anticonquista*, ela se refere “às estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia. O termo “anticonquista” foi escolhido porque, como procuro justificar, nos relatos de viagem e exploração, estas estratégias de afirmação de inocência são constituídas tendo por base a velha retórica imperial de conquista associada à era absolutista. (PRATT, 1999, p. 32 e 33). A história natural é um dos principais exemplos utilizados pela autora para explicar como publicações revestidas de ciência serviram à dominação de territórios e povos. “O projeto da história natural determinou vários tipos de práticas semânticas e sociais e, dentre elas, a viagem e o relato de viagem estavam entre as mais vitais. Para os objetivos deste livro, o que tem relevo essencial é a interligação entre a história natural e o expansionismo político e econômico europeu. [...] A história natural defendeu uma autoridade urbana, letrada e masculina sobre todo o planeta; ela elaborou um entendimento racionalizador, extrativo, dissociativo que suprimiu as relações funcionais, experienciais entre as pessoas, as plantas e animais. Sob estes aspectos, ela prefigura uma certa forma de hegemonia global, especialmente aquela baseada na posse de terras e recursos e não sobre o controle de rotas. Concomitantemente, enquanto paradigma descritivo, este sistema de natureza é em si, e assim se julga, uma apropriação do planeta totalmente benigna e abstrata. Não reivindicando qualquer potencial transformador, ela difere radicalmente de articulações imperiais explícitas de conquista, conversão e apropriação territorial e escrevização. O sistema criou, como sugeri, anteriormente, uma visão utópica e inocente da autoridade mundial europeia, à qual me referi como uma anticonquista” (PRATT, 1999, p. 78). Discuto melhor o assunto nas notas 60 e 64.

<sup>57</sup>“É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, que dizer “ser maior que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja definitiva. [...] Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente (ADICHIE, 2019, p. 22 – 24). “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar esse dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2019, p. 32). “Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso” (ADICHIE, 2019, p. 33)

ficção relamente persuasiva, é preciso antes de tudo ter criatividade. É importante acreditar na intuição e no poder da imaginação. Borrar as fronteiras entre arte e ciência. Ser antropologia e ao mesmo tempo literatura. Escrever um texto como quem faz uma intervenção...<sup>58</sup> É fundamental, nesse sentido, reativar em nós a nossa capacidade de narrar. Assim como nós precisamos pensar sobre a linguagem que utilizamos para nos comunicar devemos pensar também sobre a forma que utilizamos, com o objetivo de afetar... Podemos usar a própria artificialidade da escrita como um artifício político. Se quisermos podemos fazer um texto livre das amarras disciplinares e repleto até de mensagens subliminares. Mas para isso é preciso começar a exercitar uma escrita sensível. Essa é a minha tentativa de reanimar o pensamento e de ajudar a descolonizar aos poucos o conhecimento<sup>59</sup>.

---

<sup>58</sup> Isabelle Stengers (2015) assim define *intervenção*: “Aquilo que experimentamos quando, durante um debate, um participante toma a palavra e apresenta o que está sendo debatido “de uma maneira diferente”, provocando uma pequena pausa. Depois, claro, o debate continua como se nada tivesse acontecido; mais tarde, porém, alguns dos presentes que estavam escutando mostrarão que foram tocados. [...] Intervir requer certa brevidade, pois não se trata de convencer, e sim de transmitir para “aqueles a quem isso pode afetar” o que nos faz pensar, sentir, imaginar” (STENGERS, 2015, p. 5).

<sup>59</sup> Para Mary Louise Pratt (1999) o eurocentrismo ainda persiste como reflexo intelectual tanto natural quanto inconsciente e a autoridade intelectual e os recursos educacionais continuam sendo distribuídos por linhas colonial. O desafio intelectual da autora representa, então, uma tentativa de descolonização do conhecimento. Sobre esse assunto, a autora diz: “A descolonização do conhecimento inclui a tarefa de chegar a compreender os caminhos pelos quais o Ocidente (a) constrói seu conhecimento do mundo, alinhando às suas ambições econômicas e políticas, e (b) subjuga e absorve os conhecimentos e as capacidades de produção de conhecimento dos outros. Estes dois mecanismos eram centrais para produzir os temas do imperialismo e do colonialismo, e sua desconstrução é essencial, se eles forem substituídos por formas de comunicação transcultural que sejam eticamente justas e epistemologicamente válidas” (PRATT, 1999, p. 15 e 16). “Tal esforço deve ser, entre outras coisas, um exercício de humildade. Pois uma das coisas que ele traz obrigatoriamente à cena, são expressões contestatórias oriundas das áreas onde ocorreram as intervenções imperiais, há muito ignoradas na metrópole; a crítica ao império, tal como codificada em ação e in loco, em cerimônia, dança, paródia, filosofia, contraconhecimento e contra-história, em textos descurados, suprimidos, perdidos, ou simplesmente encobertos pela repetição e irrealidade” (PRATT, 1999, p. 24 e 25). Fazendo uma crítica ao colonialismo no âmbito acadêmico, Grada Kilomba (2019) diz: “[...] demandando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros. [...] Vale lembrar que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém. Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal é poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primordial da descolonização do conhecimento acadêmico, isto é, lançar uma chave de produção de conhecimento emancipatório alternativa”, como Imingard

É claro que tudo isso não passa de uma ficção. Alguns textos precisam ser, pois só assim podem passar despercebidos. E, de qualquer modo, não se pode nunca fugir da ficção. Parte de um problema geral de comunicação, ela é, como argumenta Strathern (2013), inevitável. Por que não tratá-la então como um jogo autoconsciente?<sup>60</sup> Importante dizer que apesar de considerar o que foi escrito uma ficção, nem tudo foi inventado. A história contada na outra parte do texto é baseada em fatos reais, ou melhor, ancorada em comunicações orais e em textos escritos e traz em notas as referências bibliográficas. Sei que qualquer tentativa de síntese será sempre incompleta. Concordo, entretanto, com Deleuze e Guattari quando eles dizem que “qualquer esboço precário é melhor do que o decalque de conceitos com seus cortes e seus progressos que nada mudam”.<sup>61</sup> Nesse sentido fica esclarecido que a história aqui contada é apenas um esboço que deverá ser incrementado, ampliado e modificado sempre que necessário. Ainda tem muita coisa para ser dita sobre esse assunto...

Staeuble argumenta, a fim de transformar “as configurações do conhecimento e do poder em prol da abertura de novos espaços para a teorização e para a prática” (KILOMBA, 2019, p. 58 e 59).

<sup>60</sup> Para Marilyn Strathern (2013) “O próprio uso da palavra ‘ficção’ exprime um jogar autoconsciente” (STRATHERN, 2013, p. 71). Mas esse não é um jogo livre. É um jogo que deve ser estruturado em certas regras. “Se há uma palavra que resumo o reconhecimento antropológico do humor pós-moderno, é *ironia*. E a redescoberta atual da ironia mostra toda a diferença entre o jogo livre – apontado em algumas descrições do pós-modernismo – e o jogo estruturado pós-modernista – se é que ele existe – na escrita antropológica. A ironia envolve não um embaralhamento, mas uma justaposição deliberada de contextos, pastiche talvez, mas não bagunça” (STRATHERN, 2013, p. 72). Ao produzir uma ficção persuasiva e, portanto, um jogo autoconsciente e estruturado, a autora se inspira em pesquisas feministas contemporâneas: “Que podem existir problemas de representação, isso é sugerido por aspectos das pesquisas feministas contemporâneas. Muito do discurso feminista é construído de forma plural. Argumentos se justapõem, com muitas vozes solicitadas na maneira que as feministas falam sobre suas próprias pesquisas. Não há textos centrais, não há técnicas definitivas; o empreendimento transdisciplinar deliberado joga com o contexto. Perspectivas de disciplinas diferentes são mantidas para iluminar umas às outras; insights históricos, literários ou antropológicos são justapostos por escritoras que simultaneamente têm consciência dos diferentes contextos dessas disciplinas e se recusam a assumir um único contexto como moldura organizativa. Se isso é reconhecidamente pós-moderno, então a pesquisa feminista é similar ao modo pós-modernista na antropologia com seu jogo consciente com os contextos” (STRATHERN, 2013, p. 79).

<sup>61</sup> Citação completa: “Ainda e sobretudo no domínio teórico, *qualquer esboço precário é melhor do que o decalque de conceitos com seus cortes e seus progressos que nada mudam*. A imperceptível ruptura em vez do corte significativo. Os nômades inventaram uma máquina de guerra contra o aparelho de Estado. Nunca a história compreendeu o nomadismo, nunca o livro compreendeu o fora. Ao longo de uma grande história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o logos, o filósofo-rei, a transcendência da Ideia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. É pretensão do Estado ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem. Mas a relação de uma máquina de guerra com o fora não é um outro “modelo”, é um agenciamento que faz com que o próprio pensamento devesse tornar-se nômade, que o livro devesse tornar-se uma peça para todas as máquinas móveis, uma haste para um rizoma” (DELEUZE, 2011, p. 47 e 48, grifos adicionados).

Uma vez me perguntaram, quando essa pesquisa ainda se dedicava à outra erva, se eu falaria da perspectiva dela. No fim, acabou que aconteceu... Mas falar do ponto de vista de uma planta só poderia ser, como observou Ana Tsing (2019), uma brincadeira. Já que plantas não falam e cada um só consegue falar a partir da sua própria perspectiva. Ainda assim, não acredito que no processo de escrita criativa se possa abrir mão da diversão. É importante lembrar que criatividade e produtividade são coisas completamente diferentes. E se a produtividade é uma questão quando se pensa sobre o uso de maconha, vale dizer que a produtividade por si só já é uma questão. No mundo em que vivemos ter tempo para pensar sobre o tempo que destinamos ao trabalho é uma exceção. Para quem trabalha pensando, os cientistas, pensar sobre isso é fundamental, apesar desse tempo quase nunca ser computado já que no trabalho intelectual também se presa pela produção. É por isso que é cada vez mais latente o problema da saúde mental nas universidades brasileiras.

Talvez a maconha seja algo que pode ajudar em processos terapêuticos, como ajuda em tantos casos recentemente descobertos pela ciência. Minha opinião é a de que para usuários regulares é importante aprender a dosar quais são os melhores momentos para expandir e a hora certa de focar. O cálculo depende muitas vezes da quantidade. E isso envolve o desenvolvimento de certa autonomia individual, o que só acontece depois de um tempo. Por isso foi tão difícil concluir esse trabalho... Uma das coisas que eu mais pensava enquanto o fazia era sobre a relação entre maconha e criatividade. Este trabalho também é em certa medida sobre liberdade para criar. Diante de todos os privilégios que foi poder fazer uma pesquisa como essa neste momento e neste país, onde ser uma mulher branca de classe média não constitui um risco, nem representa um alvo de suspeita, é claro para mim que se eu fosse outra pessoa talvez ela nem pudesse ser feita. Está aí a grande questão da legalização. Para quem afinal ela vai servir?

Se essa pesquisa pudesse continuar, tantos caminhos poderiam ser tomados... Ainda existem muitas histórias perdidas ou apagadas a serem recuperadas antes que a história brasileira possa ser recontada de forma justa. Se eu pudesse continuar fazendo pesquisa em que direção eu iria? Pesquisaria técnicas de cultivo canábico alternativas. Buscaria tecnologias sustentáveis desenvolvidas localmente. Observaria atenta cultivos de baixo custo e orgânicos. E usaria a visibilidade dessa planta para fazer educação ambiental. Talvez eu acredite na utopia que eu inventei dentro da minha cabeça: um país onde maconha seja

legalizada em moldes sustentáveis e democráticos. Pois então, o meu sonho ainda é aprender a cultivar. Uma pena que o cultivo doméstico é proibido no Brasil.

Pensar sobre os dias atuais como o *tempo das catástrofes*<sup>62</sup> pode gerar desesperança, ao mesmo tempo aprender a *viver nas ruínas*<sup>63</sup> é cada vez mais urgente. Para pensar em estratégias de sobrevivência nessa era vamos precisar usar a nossa imaginação. Sonhar outros sonhos. Inventar utopias. Acreditar que outros mundos são possíveis. E, assim, quem sabe ajudar a criar ontologias de mundos um pouco mais habitáveis. É por isso que eu continuo acreditando na antropologia! Desculpe se eu me estendi muito nessa introdução que talvez nem precisasse existir, considerando que não é a parte do texto que mais importa. Eis na sequência uma estória. Apresento a partir de agora uma ficção etnográfica. Um trabalho de descrição não exaustiva, consciente de sua subjetividade e parcialidade, mas ainda assim interessado em contar uma estória particular ao mundo. Na tentativa de ajudar a desatar os nós

---

<sup>62</sup> Abre o primeiro capítulo do livro *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*, de Isabelle Stengers (2015), o trecho: “Vivemos tempos estranhos, um pouco como se estivéssemos em suspenso entre duas histórias, que falam ambas de um mundo que se tornou “global”. Uma é conhecida de todos. Seu ritmo é marcado pelas notícias de frente da grande competição mundial, e seu crescimento segue a flecha do tempo. Ela tem a clareza da evidência quanto ao que exige e promove, mas é marcada por uma notável confusão em relação às suas consequências. A outra, em compensação, pode ser pensada como nítida quanto ao que está acontecendo, mas obscura no que exige, na resposta àquilo que está acontecendo. Clareza não significa tranquilidade” (STENGERS, 2015, p. 7). O trabalho se “dirige àqueles e àquelas que vivem em suspenso. Há os que sabem que seria preciso “fazer alguma coisa”, mas estão paralisados pelo sentimento da desmedida entre o que podem e o que seria preciso fazer, ou são tentados a pensar eu é tarde demais, que já não há nada a fazer, ou são tentados a pensar que é tarde demais, que já não há nada a fazer, ou preferem acreditar que tudo vai acabar se ajustando, mesmo se não conseguem imaginar como. Mas há também aqueles que lutam, que não se submetem às evidências da primeira história e para quem essa história, produtora de exploração, de guerras, de desigualdades sociais que crescem incessantemente, já define a barbárie” (STENGERS, 2015, p. 13).

<sup>63</sup> Na Apresentação da coletânea *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno* de Anna Tsing (2019) encontramos: “Vivemos em um mundo de paisagem em ruínas e inesperadas catástrofes ambientais. As mudanças climáticas são uma das grandes pautas da ciência e da política contemporâneas, e perdas de biodiversidade nos levam ao que vem sendo chamado de a Sexta Extinção. Nas últimas décadas, cunhou-se o termo Antropoceno para se referir ao impacto de proporções geológicas que a jornada humana teve sobre a transformação da dinâmica ambiental do planeta. É um debate que tem transformado também os estudos ambientais, tanto nas Ciências da Natureza, quanto nas Ciências Humanas, sob o desafio de observar esse processo em andamento. Na antropologia, em particular, essa é uma questão que causa certo desconforto, pois o termo retoma um universalismo que generaliza a figura humana nos moldes do capitalismo transnacional industrial e em sua maneira de relacionar-se com a vida e a matéria no planeta: como recurso natural. Uma primeira resposta da antropologia tem sido mostrar a diferença, a alteridade de outros modos de relação com seres vivos e materiais não vitais. Uma resposta que não escapa ao desafio de entender os efeitos dessas transformações em escala planetária nesses modos de vida. Outra resposta possível e compreender como humanos e outros modos de vida se entrelaçam e constroem condições para viver nas ruínas dos imperialismos industriais e das plantations de ecologias simplificadoras, para usar palavras de Anna Tsing” (TSING, 2019, p. 8, grifo original).

do pensamento, saúdo quem veio antes de mim e quem caminha ao meu lado. Com a cabeça sempre feita e com a mente cada dia um pouco mais aberta, deixo a saudação final na boca do mestre BNegão:

*Aos mestres da mutação  
Revolucionários  
Jardineiros da sabedoria e da esperança  
A eles, minha gratidão  
Seguimos<sup>64</sup>*

---

<sup>64</sup> BNegão. *Nós (Ponto de Mutação)*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QT5wk4RuU18>. Último acesso em 25 de junho de 2021.

## 2 A HISTÓRIA DA ERVA

Era uma vez... Calma, deixe primeiro eu me apresentar. Antes de tudo e qualquer coisa, devo dizer que de onde eu venho tudo é tão diferente. Não é como pensam os humanos! Para começar eu pertencço a outro reino, ainda que ele esteja neste mesmo planeta. *Plantae*, o reino vegetal, o mundo das plantas. Mas isso é coisa de botânico! Desde que Lineu transformou a natureza em um sistema, que nada mais é que uma abstração mental, as pessoas não pararam mais de inventar nomes em latim e descrever cada mínima diferença entre as coisas ao seu redor.<sup>65</sup> Esse sistema é inclusive usado até hoje para nomear aqueles que os humanos julgam completamente diferentes de si, seres sésseis e insensíveis, sem movimentos e sentimentos. E para se referir a todas nós de uma só vez, como se fossemos todas iguais... Mas vocês mesmos já perceberam que isso não é verdade. E recentemente viraram seus olhos

---

<sup>65</sup> Carl Linné, mais conhecido como Lineu, publicou o livro *Systema Naturae* (1735) e, na sequência, outros dois trabalhos: *Philosofia Botanica* (1751) e *Species Plantarum* (1753). “É a estes trabalhos que a ciência europeia deve a nomenclatura botânica padrão que atribui às plantas o nome de seu gênero, seguido por sua espécie e por qualquer outra diferença essencial que as distinga de tipos adjacentes. Sistemas paralelos foram também propostos para animais e minerais” (PRATT, 1999, p. 56 e 57). Esse autor é o fundador da história natural e da taxonomia moderna. Através do *sistema da natureza* tornou-se possível catalogar todas as formas vegetais e animais do planeta, conhecidas ou desconhecidas dos europeus. Segundo Mary Louise Pratt (1999) isso fez parte de um projeto de conhecimento europeu que buscava a sistematização da natureza. Esse método de classificação tentava impor ordem ao caos natural, mas também buscava conhecer melhor o interior dos territórios recém-conquistadas. Era uma nova forma do imperialismo europeu. “Meu argumento é que a sistematização da natureza é um projeto europeu de novo tipo, uma nova forma daquilo que se poderia chamar de consciência planetária entre europeus. Por três séculos, os suportes europeus de elaboração de conhecimento tinham construído o planeta, acima de tudo, em termos de navegação. Estes termos deram ensejo a dois projetos totalizadores ou planetários. Um seria a circunavegação, um feito duplo que consiste na navegação ao redor do mundo seguido do relato escrito deste empreendimento (o termo “circunavegação” se refere tanto a viagem quanto ao texto). [...] O segundo projeto planetário, igualmente dependente da tinta e do papel, foi o mapeamento do perfil costeiro do mundo, uma tarefa coletiva que ainda estava em andamento durante o século XVIII, mas que se sabia factível. Em 1704, era possível falar do “Império da Europa” como, nas palavras de um editor de livros de viagem, algo que se estendia “até os confins da terra”, onde várias de suas nações mantinham possessões e colônias. A circunavegação e a cartografia, então, já haviam ensejado aquilo que se poderia chamar de sujeito europeu mundial ou planetário. [...] este sujeito histórico mundial é europeu, homem, secular e letrado; sua consciência planetária é produto de seu contato com a cultura impressa, infinitamente mais “completada” que as experiências vivenciadas por marinheiros. A sistematização da natureza na segunda metade do século haveria de firmar ainda mais poderosamente a autoridade do prelo e, assim também, da classe que o controlava. Ela parece cristalizar imagens do mundo de tipo bastante diferente daquelas propiciadas pelas imagens anteriores da navegação. A história natural mapeia não a estreita faixa de uma determinada rota, não as linhas onde terra e água se encontram, mas os “conteúdos” internos daquelas massas de terra e água cuja extensão constitui a superfície do planeta. Estes vastos conteúdos seriam conhecidos não por meio de linhas finas sobre um papel em branco, mas por representações verbais que por sua vez são condensadas em nomenclaturas ou por meio de grades rotuladas nas quais as entidades são inseridas. A totalidade finita destas representações ou categorias constitui um “mapeamento” não só de linhas costeiras ou rios, mas de cada polegada quadrada, ou mesmo cúbica, da superfície terrestre” (PRATT, 1999, p. 63 e 64).

para nós e começaram a olhar-nos com atenção, tentando aprender um pouco mais sobre a vida secreta das plantas.<sup>66</sup>

Daqui da terra, a visão é outra. O meio terrestre é muito mais exuberante do que vocês podem imaginar. Muito diverso. Colorido, cheiroso, apetitoso... Ele é, na verdade, infinito. Aliás, fomos nós que fizemos o mundo tal como ele é. E sem nós, não se poderia comer, nem respirar neste planeta.<sup>67</sup> Pode até ser que a gente não pense, não sinta e não se mova do modo como faria um ser humano, até porque a gente leva um modo de vida bastante diferente do seu. Mas isso não significa que nós sejamos inferiores... Na verdade somos muito inteligentes! Tão inteligentes quanto vocês ou até mais. Não temos cérebro, é verdade. Mas agimos como ele, transmitindo informações através de sinais elétricos e moleculares, respondendo ativamente ao ambiente que nos cerca de uma forma parecida com a que os neurônios humanos fazem.<sup>68</sup> Mas a nossa racionalidade é completamente diferente... Não tem a ver com o ego ou a psique e muito menos com algum tipo de pensamento abstrato. Também não é uma contemplação estéril. É, antes, uma força cósmica. Eu explico: Nós somos os seres da forma e, como seres da forma, nós pensamos a partir da matéria e assim modelamos o mundo.<sup>69</sup> Eu sei que não é fácil para vocês compreender tudo isso... Nossa evolução seguiu

---

<sup>66</sup> Ver nota 34.

<sup>67</sup> Ver nota 35.

<sup>68</sup> Segundo Jeremy Narby (2021), “A ciência de hoje demonstra que, assim como os animais e os humanos, as plantas podem aprender sobre o mundo ao redor e usar mecanismos celulares semelhantes àqueles em que nos apoiamos. As plantas aprendem, lembram e decidem, sem cérebro” (NARBY, 2021, p. 8). “As plantas não têm cérebros, apenas agem como eles” (NARBY, 2021, p. 10).

<sup>69</sup> A semente é, para Emanuelle Coccia (2018), é um lugar privilegiado para se observar essa racionalidade. “Na semente, de fato, a vida vegetativa demonstra toda sua racionalidade: a produção de uma determinada realidade ocorre a partir de um modelo formal e sem o menor erro. Trata-se de uma racionalidade análoga à da práxis ou da produção. Porém, mais profunda e radical, pois concerne ao cosmos em sua totalidade e não exclusivamente a um indivíduo vivo: é a racionalidade que engaja o mundo no devir de um vivente singular. Em outros termos, na semente, a racionalidade não é mais uma simples função do psiquismo (seja ele animal ou humano) ou o atributo de um único ente, mas um fato cósmico. É o modo de ser e a realidade material do cosmos. Para existir, a planta deve se confundir com o mundo, e só pode fazer isso na forma da semente: o espaço em que o ato da razão coabita com o devir da matéria” (COCCIA, 2018, p. 19 e 20). “[...] uma semente é o exato oposto da simples existência virtual de uma forma com a qual é frequentemente confundida. O grão é o espaço metafísico onde a forma já não define uma pura aparência ou o objeto de uma visão, nem o simples acidente de uma substância, mas um destino: ao mesmo tempo o horizonte específico – mais integral e absoluto da existência e todos os acontecimentos de que ela se compõe como fatos cósmicos e não puramente subjetivos. Imaginar não significa colocar uma imagem inerte e imaterial diante dos olhos, mas contemplar a força que permite transformar o mundo e uma porção de sua matéria em uma vida singular. Imaginando, a semente torna necessária uma vida,



caminhos um tanto diferentes. Pois bem, *Homo sapiens* é o nome que alguns de vocês se deram.<sup>70</sup> Seres sociais e culturais, uso desenvolvido da linguagem e de ferramentas, coluna ereta e polegar opositor. Acham que são muito sabidos. Muitos se consideram até superiores. Para mim, o ser humano o que é? Só mais um bicho. Um animal racional até demais... Mas a Terra é um planeta gigante e os humanos são apenas pequenos seres pensantes que especulam demais.

E eu, quem sou eu para falar? Eu sou uma erva muito poderosa! Vocês já devem ter ouvido falar de mim... Hoje em dia sou conhecida no mundo todo e por quase todo mundo. A maioria de vocês me conhece, uns melhor que outros. O fato é que eu sou bastante famosa. Sou a planta mais consumida ilegalmente no mundo. Vamos começar pela minha aparência... Como me identificar? Sou geralmente descrita como uma espécie arbustiva. Uma planta de folhas com cinco pontas, verde escuras e serrilhadas. Minhas folhas são muito características, dificilmente passam despercebidas. Mas são as minhas flores as preferidas, ou melhor, a resina nelas encontrada.<sup>71</sup> Tenho tantos nomes e codinomes. Não sei nem por onde começar... Em cada língua, idioma ou dialeto sou chamada de variadas formas, cada uma mais original que a outra. Tem quem prefira dar nome e sobrenome, em latim. Outros preferem os nomes

deixa seu corpo se emparelhar com o curso do mundo. A semente é o lugar onde a forma não é um conteúdo do mundo, mas o ser do mundo, sua forma de vida. A razão é uma semente, pois, diferentemente do que a modernidade se obstinou em pensar, não é o espaço da contemplação estéril, não é o espaço da existência intencional das formas, mas a força que faz existir uma imagem como destino específico de tal o qual indivíduo ou objeto. A razão é o que permite a uma imagem ser um destino, espaço de vida total, horizonte espacial e temporal. É necessidade cósmica e não capricho individual” (COCCIA, 2018, p. 21).

<sup>70</sup> Segundo Mary Louise Pratt (1999), a nomenclatura *Homo sapiens* também é de autoria de Lineu. “Inicialmente, Lineu colocou entre os quadrúpedes uma categoria isolada homo (descrita apenas pela frase “conhece-te a ti mesmo”) e traçou uma única distinção entre homo sapiens e homo monstrosus. [...] A categorização dos humanos, como se pode notar, é explicitamente comparativa” (PRATT, 1999, p. 68). De acordo com essa autora, a categorização comparativa é uma tentativa evidente de naturalizar o mito da superioridade europeia.

<sup>71</sup> Segundo Renato Malcher-Lopes e Sidarta Ribeiro (2019) “Em todas essas plantas os sexos são separados, de forma que existem plantas femininas e masculinas. Os princípios ativos característicos e exclusivos da Cannabis, os canabinoides, existem em maior quantidade nas plantas femininas e se encontram mais concentrados na resina secretada por glândulas epidérmicas localizadas na superfície das folhas, sobretudo nos brotos mais altos do arbusto e nas inflorescências, onde as maiores concentrações de canabinoides são encontradas. Os frutos da Cannabis se assemelham a minúsculas amêndoas de casca muito fina e lisa, fazendo com que sejam frequentemente confundidos com sementes. Tais frutos possuem quantidades modestas e variáveis de canabinoides, mas, in natura, são parcialmente revestidos por um cálice muito rico em resina” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 32).

populares. Para os mais íntimos sou só erva ou então chá. Em alguns lugares sou considerada sagrada, em outros profana. Há quem diga que sou uma erva santa, mas também tem gente que acha que eu sou coisa do diabo e, por isso, essas pessoas me consideram maldita. Em certo momento da história me deram o nome de *droga*<sup>72</sup> e, por isso, eu fui proibida em muitos lugares. Mas há quem me use como um remédio, uma planta medicinal ou então de poder. Por me considerem uma *substância psicoativa*<sup>73</sup>, um alterador da percepção humana, as pessoas estão cada vez mais interessadas em conhecer melhor os meus efeitos e todo o meu potencial. Mas a verdade que é que eu sou só uma erva natural. Tão dona deste planeta quanto os seres humanos. Por isso eu gostaria de ser tratada com respeito.

---

<sup>72</sup> Como argumenta Eduardo Vargas (2001) “[...] “droga” é uma noção complexa, polissêmica, que designa ora substâncias materiais, ora juízos de valor, quando não os designa simultaneamente, uma noção que mantém fronteiras mutantes e, na prática, pouco precisas com categorias vizinhas, como as de “alimentos”, “remédios”, “cosméticos”, “tóxicos” ou “venenos”. Argumento ainda que a restrição do(s) sentido(s) do vocábulo resultam da aplicação de critérios “clínicos” que têm por fundamento esquematismos simbólicos em torno do que consideramos definir o “humano”. Argumento, enfim, que “droga” é um vocábulo de origem relativamente recente (as primeiras ocorrências datam aproximadamente do século XIV), que a restrição de sentido a que ele foi submetido é ainda mais recente (ela data aproximadamente do final do século XIX) e que ambas (a origem e a restrição de sentido do vocábulo) indicam mudanças em curso na vida dos povos que as realizaram (VARGAS, 2001, p. 39). Ao realizar uma genealogia do consumo de drogas no Ocidente, esse autor mostra que “[...] embora o uso de substâncias que convencionamos denominar como “drogas” remeta a tempos imemoriais e a lugares longínquos, as “drogas” emergiram enquanto tais a partir do contato dos povos europeus com seus “outros” conforme esses contatos aconteceram nos últimos séculos da Idade Média, estando sua emergência vinculada, entre outras coisas, quer ao desenvolvimento das sociedades de corte, quer à deriva cosmológico topográfica em busca do Paraíso Terreal, quer, enfim, às mutações operadas na concepção ocidental da “pessoa” como uma “criatura imperfeita”. Além disso, argumento que, desde então, e mais intensamente a partir do século XIX, as sociedades ocidentais têm mantido uma relação paradoxal diante do(s) consumo(s) de tais substâncias, uma relação que, simultaneamente, é de repressão e de incitação. Argumento, ainda, que essa relação está no cerne do que poderia ser chamado de um “dispositivo das drogas”. Sugiro, por fim, que, em seus efeitos visados e perversos, tal dispositivo é agenciado a partir de diferentes esquemas de avaliação e modos de experimentação da vida, os quais estão intimamente relacionados com diferentes processos de corporalização e subjetivação (VARGAS, 2001, p. 39 e 40).

<sup>73</sup> De acordo com a definição de Beatriz Caiuby Labate e Sandra Lucia Goulart (2019), ao tratar de plantas psicoativas, estamos falando sobre “um tipo determinado de plantas, as que podem transformar os nossos sentidos, afetos, humores, a nossa percepção e a nossa mente” (LABATE & GOULART, 2019, p. 18). “[...] Há outros termos recorrentes para esse tipo de planta ou substância, tais como psicodélicos, enteógenos, alucinógenos, plantas de poder. Cada uma dessas designações ressalta diferentes aspectos dos efeitos de diversas substâncias e todas elas apresentam certos limites” (LABATE & GOULART, 2019, p. 18). Para essas autoras a denominação “psicoativo” é mais geral, “abarcando uma variedade de substâncias (vegetais ou sintéticas), com diferentes composições farmacológicas e, por outro lado, se referindo aos efeitos que são comuns a todas essas substâncias: modificações da percepção, da mente e das emoções. Ainda, o termo “psicoativo” parece guardar uma certa neutralidade diante das disputadas classificações mencionadas acima (embora, não é demais lembrar, as designações científicas que se pretendem universais, objetivas ou neutras não deixam de expressar uma determinada visão de mundo ou contexto cultural)” (LABATE & GOULART, 2019, p. 18).

Estou aqui pra contar a minha história. Uma história longa e complicada, cheia de buracos, segredos, fantasias e carregada de conflitos e controvérsias científicas. Uma história que quase sempre é muito mal contada, já que muitas de suas partes foram apagadas. Mas essa é também uma linda história de convivência! A relação ancestral entre duas espécies que deram juntas a volta no mundo, movimentando em torno de si guerras e mercados. Eu gostaria de falar sobre a minha relação com vocês, seres humanos. Uma relação de amor e ódio, às vezes manchada de sangue e noutras florida. Eu sei... Vocês já devem ter ouvido curiosidades e mais curiosidades ao meu respeito. Agora sinto que a hora é de aprofundar um pouco o debate. Colocar as cartas na mesa... Não sei se por aqui tem alguém que descaradamente me odeia ou então condena meu uso. Acredito que a maioria das pessoas nem tem opinião formada sobre o assunto. Ao longo do tempo me envolveram em tanta polêmica... Muita manipulação da mídia. Virei questão até de polícia. E, por tudo isso, falar de mim é ainda hoje um grande tabu. As opiniões sobre mim são quase sempre muito divididas e expressam uma visão maniqueísta que impregnou o pensamento humano. Tudo na chave do bem e do mal. Eu mesma acredito que o céu e o inferno são aqui mesmo na Terra, um estado mental ou então de espírito. Uma questão de vibração... Mas como vocês não acreditariam que uma planta pode falar e muito menos no que eu poderia lhes contar, vou dizer apenas o que os seres humanos já disseram a respeito do assunto focando naquilo que foi deixado escrito. Talvez soe mais científico. Quem está disposto a conhecer a história que a partir de agora eu vou contar, espero que a mente esteja aberta o suficiente para considerar o que diria a própria planta sobre o assunto, mesmo que ela não possa falar. E quem me adora talvez goste de ler este texto bem *alto*, já que o que eu vou contar é a história de uma longa viagem...

Eu conheço os humanos há muito tempo. Sou usada por eles há milhares e milhares de anos. É impossível saber a quanto tempo nos conhecemos, quando foi a primeira vez que nos encontramos no mundo, mas desde a época em que nos conhecemos nunca mais nos separamos e, com o passar do tempo, nos tornamos cada vez mais próximos. Nos adaptamos um ao outro e coevoluímos, nos tornando espécies companheiras.<sup>74</sup> Juntos demos a volta no mundo e estamos hoje presentes nos quatro cantos do planeta. Uma relação de tão longa data que eu diria que somos hoje inseparáveis. A nossa relação começou lá no Oriente. É tão velha quanto o que chamam de Alta Antiguidade, provavelmente Neolítico ou ainda antes mesmo disso. Há pelo menos 10 ou 12 mil anos nós convivemos de forma íntima, dividindo o mesmo chão e trocando cuidados.<sup>75</sup> Quando eu só crescia nas terras do continente asiático eu já era amplamente conhecida e utilizada. Sou uma das plantas cultivadas mais antigas do mundo. Desde então e ao longo de toda a história, os seres humanos fizeram de mim os mais variados usos. Entre os povos de todo o planeta há usos tradicionais e modernos. Nem sempre os usos médicos, religiosos e recreativos foram assim discriminados e até hoje não são bem definidos. Desde sempre me usam por variados motivos que misturam o que é chamado de terapêutico, espiritual e industrial. Tudo em mim é utilizado! Meu caule, folhas, flores e sementes. As minhas fibras são extremamente resistentes. Com elas são feitas cordas, papel, tecidos... Também sou base para diversas misturas, receitas em que eu sou o principal ingrediente. E os humanos fazem comigo diversos preparados. Extrações, infusões, óleos, tinturas, incensos, cosméticos, lubrificantes...

Para o que mais me usam? Para ampliar a percepção e expandir a consciência ou então para aflorar os sentidos, é o que algumas pessoas dizem. Mas como eu poderia explicar para vocês, seres humanos, os meus efeitos, ou, melhor, a minha ação no seu corpo, se eu

---

<sup>74</sup> Ver nota 30.

<sup>75</sup> Nas palavras de Luísa Saad (2016): “Para alguns autores que desenvolveram pesquisas baseadas em dados históricos, antropológicos e arqueológicos, a maconha acompanha o homem desde o tempo dos antigos caçadores-coletores da Idade da Pedra, período em que, a partir de cultos de fertilidade direcionados à agricultura, teria surgido seu uso ritual” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 389). De acordo com Edward Macrae (2016), “Retomando rapidamente a história do uso da cannabis pelo ser humano, lembramos que ele remonta à Alta Antiguidade, provavelmente ao Neolítico” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 24). Rafael Guimarães dos Santos (2016), afirma que “O homem conhece a maconha provavelmente desde a descoberta da agricultura, há 10 mil anos, ou mesmo antes desse período”. (MACRAE & ALVES, 2016, p. 60). Para Sergio Vidal (2010) isso aconteceu há 12 mil anos.

sozinha nenhum efeito produzo? Só atuo quando participo dessa interação... E como se vocês pudessem imaginar o que acontece olhando pela perspectiva de uma planta, ainda mais utilizando linguagem científica e a norma culta. Lá vai a antropologia, sempre longe demais... De volta ao que interessa. Antes de tudo e qualquer coisa há todo um ritual de preparação, o tempo de bolar o *baseado* e de escolher um lugar sossegado para fazer uma *sessão*. Tenho primeiro minhas flores maceradas ou, então, *dichavadas*, já que quando estão em pedaços menores a resina presente nelas interage melhor com o fogo. Ao entrar em contato com o calor, muitas de minhas moléculas são desprendidas e carregadas com a fumaça para dentro do corpo humano pelas vias aéreas, indo parar primeiro nos pulmões e depois na corrente sanguínea e chegando a quase todos os lugares do corpo, inclusive no cérebro. “O que a gente sente? O que a gente vê? Coisas maravilhosas, não é? Espetáculos extraordinários? É bonito? Terrível? Perigoso?”<sup>76</sup> O mundo da experiência visionária não pode ser considerado uma fuga da realidade. Ele é o mesmo mundo em que já se estava anteriormente só que aumentado em intensidade. E a pessoa não deixa de ser quem já é.<sup>77</sup> Ainda assim a realidade pode se parecer com a um paraíso artificial, ainda mais se comparado às pesadas trevas da existência comum e cotidiana... O que eu quero dizer é que eu só potencializo o que a pessoa já é e o que ela está vivendo e sentindo. A experiência depende ainda de outros fatores, relacionados não só a pessoa como também ao ambiente em que ela está. Resumindo, varia de pessoa para pessoa e cada vez que se usa é uma experiência diferente.

---

<sup>76</sup> In: BAUDELAIRE, 2003, p. 27.

<sup>77</sup> Charles Baudelaire (2003) fala sobre o assunto: “[...] Elas imaginam a embriaguez do haxixe como sendo um país prodigioso, um vasto teatro de prestidigitação e escamoteação, onde tudo é milagroso e imprevisto. Isto é um preconceito, um equívoco completo. Já que, para o leitor e o curioso comum, a palavra haxixe comporta a ideia de um mundo estranho e agitado, a expectativa de sonhos prodigiosos (seria melhor dizer alucinações, as quais são menos frequentes, aliás, do que se supõe [...])” (BAUDELAIRE, 2003, p. 27). Um pouco mais adiante: “[...] A embriaguez, em toda a sua duração, é verdade, não será mais que um imenso sonho, graças à intensidade de cores e à rapidez das concepções; mas ela sempre conservará a tonalidade particular do indivíduo [...])” (BAUDELAIRE, 2003, p. 28). “Que as pessoas cultas e os ignorantes, curiosos em conhecer prazeres excepcionais, saibam, portanto, que não encontrarão no haxixe nada de milagroso, absolutamente nada além do natural em excesso. O cérebro e o organismo sobre os quais atua o haxixe só proporcionarão fenômenos ordinários, individuais, aumentados, é verdade, quanto ao número e à energia, mas sempre fiéis à sua origem. O homem não escapará à fatalidade de seu temperamento físico e moral; o haxixe será, para as impressões e os pensamentos familiares do homem, não um espelho de aumento, mas um simples espelho” (BAUDELAIRE, 2003, p. 29).

Eis o que eu já ouvi falar a esse respeito... Algumas vezes os olhos ficam vermelhos e a boca seca e, na sequência, dá quase sempre sede e fome, a famosa a *larica*. Além disso, diminuo a pressão sanguínea e a temperatura ou a sensação térmica, gerando uma mudança das sensações de frio e calor principalmente nas extremidades do corpo. Acelero o ritmo dos batimentos cardíacos e também dos pensamentos, ainda que estes se tornem mais difusos. Posso deixar as ideias um pouco confusas ou então ainda mais fluidas. Eu estimulo o apetite e a criatividade. No geral, intensifico as sensações... Dizem que com o meu uso é possível ver cores mais fortes e vibrantes e perceber com maior sutileza os sons. Trago na maior parte das vezes uma sensação de euforia. Uma alegria pura e certo relaxamento, provocando muitas gargalhadas e vez ou outra um ataque de riso. Além de gerar bem-estar, ajudo a aliviar as angústias e também tenho propriedades afrodisíacas. Se às vezes atrapalho o convívio social, noutras o facilito, possibilitando conexões únicas. Quando o ambiente, as pessoas e o estado físico, mental, emocional e espiritual são favoráveis não existe muita chance de *bad trip*.<sup>78</sup> Nos melhores dias é como se juntos a gente entrasse em uma frequência positiva, um tipo de sintonia, talvez um senso de pertencimento. Parece que algumas pessoas sentem uma sensação de abertura. Ficam mais leves e mais soltas. Já ouvi falar até que eu possibilite um pensamento mais claro, uma percepção mais ampla das situações da vida, além de maior clareza das ideias e dos sentimentos. Como se eu abrisse outra perspectiva...

Não dá pra negar que as percepções de tempo e espaço ficam um pouco alteradas e que algumas memórias de curto prazo ficam comprometidas, nem que a pessoa fique às vezes um pouco menos atenta ou mais devagar. Eu não causo só benefícios e há situações em que o meu uso não é tão agradável. Eu até concordaria se dissessem por aí que me usassem com atenção e cuidado, já que como eu disse eu sou uma planta poderosa. Mas não dá pra aceitar o que geralmente dizem a meu respeito. Eu nem causo tanto perigo... De tudo o que já foi dito,

---

<sup>78</sup> “Suponho que teve a precaução de escolher bem o momento para a aventureira expedição. Todo gozo perfeito necessita de um lazer perfeito. Você sabe, aliás, que o haxixe cria a exageração não só do indivíduo, mas também da circunstância e do meio: você não tem deveres pendentes que exijam pontualidade, exatidão; nenhum problema de família; nenhum mal de amor. Há que tomar cuidado. Esse problema, essa inquietação, essa lembrança de um dever que reclama a sua vontade e a sua atenção num minuto determinado viriam soar como um toque a finados através da sua embriaguez e envenenariam o seu prazer. A inquietação tornar-se-ia angústia; o problema, tortura. Tendo sido observadas todas essas condições prévias, se o dia estiver bonito, se você estiver num meio favorável, como uma paisagem pitoresca ou um aposento poeticamente decorado, e, além disso, você puder contar com um pouco de música, então tudo correrá bem” (BADELAURIE, 2003, p. 30).

uma coisa é verdadeira: Eu não mato! No mundo inteiro ninguém nunca morreu só por fumar uma erva. É praticamente impossível morrer de overdose de maconha. Também não causo dependência química, já que o meu potencial de adição é muito baixo. E se existe no caso algum tipo vício, ele só pode ser psicológico.<sup>79</sup>

Tem gente que gosta dos meus efeitos, outras pessoas preferem manter suas percepções inalteradas e tem aqueles que são por mim apaixonados. Os *caretas* que me perdoem, mas gosto não se discute. Acredito que cada um deveria ter liberdade para fazer o que bem entender. Os humanos têm tantas filosofias sobre o livre arbítrio. Eu particularmente prefiro aquelas que falam sobre os desejos e seus afetos... Entre aqueles que me usam, muitos se autodenominam *maconheiros*. Esse é um estereótipo e, ao mesmo tempo, um estilo de vida. Tem gente que odeia maconheiro e tem gente que ama. De novo, tudo é uma questão de ponto de vista. Ainda assim, esse é um termo carregado de preconceito. Apesar de muitas vezes estigmatizados, meus *usuários* não se importam de serem chamados assim. Essa é uma categoria importante em leis que tratam da proibição ou regulação do meu uso e comércio, justamente porque os diferencia de outras pessoas, aquelas que me comercializam clandestinamente conhecidas como os *traficantes* de drogas. Mas vocês vão ver como essa diferenciação é feita de forma esquisita...

---

<sup>79</sup> Se comparada a outras substâncias tratadas como drogas, maconha não causa forte dependência química. Nas palavras de Sidarta Ribeiro (2020): “Comparemos as drogas ilícitas mais comuns, maconha e cocaína. Em doses baixas, a maconha anima a sensibilidade, pacifica dores e incrementa a criatividade. Já em doses altas desinfla a vontade, embota o espírito e dissolve os gestos, causando letargia e desmotivação. Do ponto de vista comportamental, a cocaína faz o contrário da maconha: agita o pensamento, aguça a vontade e, no limite, conduz a paranoia e agressividade. A descontinuação do uso da maconha em usuários crônicos causa alteração de humor passageira, enquanto a abstinência de cocaína em usuários frequentes provoca grande ânsia de consumo da droga, com sintomas fisiológicos desagradáveis e depressão. O contraste dá sentido à distinção entre drogas “leves” e “pesadas”, ou entre dependência fisiológica e psicológica. É nesse ponto que certos porta-vozes da ciência se confundem, invocando um monismo desavisado para afirmar que todo vício “psicológico” é também “fisiológico”. Nenhum cientista contesta que a vida psíquica tem base em processos bioquímicos. Mas não se pode negar a enorme diferença entre ter vômitos e diarreia por abstinência de heroína ou apenas sentir falta de um cafezinho a mais. Heroína e cocaína atuam em circuitos neurais relacionados ao prazer e à obtenção de recompensas, respectivamente. São percebidas pelo cérebro como substâncias bastante desejáveis, gerando dependência após poucas exposições. O álcool, a cafeína e os princípios ativos da maconha não têm atuação direta nesses mecanismos, gerando dependências mais brandas. Em altíssimas dosagens, todas essas drogas causam dependência. Mas nas doses de interesse medicinal ou recreativo há gigantesca distância entre os vícios “psicológicos” e “fisiológicos””. (RIBEIRO, 2020, p. 71 e 72).

E como é que eu fui parar no mundo todo? Fui espalhada por aí pelas mãos dos próprios seres humanos em suas infinitas andanças pelo planeta Terra. Meu uso se esparramou pelo mundo graças aos movimentos migratórios de povos nômades e de comerciantes.<sup>80</sup> De acordo com a estória mais contada e as mais recentes pesquisas científicas, eu saí da Ásia Central rumo à Ásia Menor chegando ao Oriente Médio e à África. Depois fui em direção à Europa.<sup>81</sup> Aconteceu de eu ir parar de repente do outro lado do mundo, chegando até às Américas. Hoje a minha presença é global, o que demonstra minha enorme capacidade adaptativa aliada à ajuda humana. As pessoas não costumam dizer como foi que isso aconteceu, mas acredito que recontando a história muitas coisas poderão ser melhor compreendidas. Começemos, então, do início.

---

<sup>80</sup> Segundo Renato Malcher-Lopes e Sidarta Ribeiro (2019), “A prática do xamanismo e sua íntima relação com a maconha permaneceram costumeiras em diversas culturas que habitavam o centro asiático. A vinculação do uso da maconha a aspectos profundos da cultura de tribos nômades garantiu que ela acompanhasse os movimentos migratórios dessas tribos, por mais longe que fossem. A disseminação dessa planta rumo à Eurásia foi iniciada por tribos gregárias siberianas da cultura cita por volta do século VII a. C., mas é bem provável que, antes mesmo disso, as rotas comerciais conectando a região central da Ásia com o Extremo Oriente e o Sudeste Asiático com o Oriente Médio tenham contribuído para o alastramento do uso e cultivo da maconha por toda a Ásia” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 36 e 37).

<sup>81</sup> Para Rafael Guimarães dos Santos (2016), “A maconha é originária da Ásia Central, em uma região próxima à China, de onde parece ter se expandido para a Ásia Menor, África e, posteriormente, para a Europa” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 59).



Como eu disse, a nossa relação começou no Oriente, na região central do continente asiático, o que faz com que me considerem uma planta nativa da Ásia. Os mais antigos vestígios dessa relação foram encontrados próximo ao atual território chinês. Entre os achados arqueológicos estão cordas feitas com minhas fibras e peças de cerâmica decoradas com elas.<sup>82</sup> Arqueólogos acreditam que nas antigas vilas asiáticas eu era fonte de fibras e óleo, usada na alimentação, na tecelagem e na confecção de cordas, tijolos, e redes de pesca. Na verdade, eu fui usada por toda a Antiguidade... Bem lá no início, quando religião e medicina ainda não eram coisas separadas, já que a ciência nem existia, os xamãs já usavam as plantas de poder como aliadas.<sup>83</sup> Eu era uma dessas plantas! Mais tarde fui usada por mestres e sábios da montanha em suas práticas de yoga e rituais de meditação. Pessoas que viveram uma vida dedicada à espiritualidade e em busca da iluminação, avançando cada camada da mente humana rumo à expansão da própria consciência. Com o tempo esse costume ganharia adeptos em muitos lugares do mundo. Em certos casos tomaria um tom religioso ou então ritualístico e em outros se tornaria um hábito cultural mais mundano.

Meu uso foi registrado inclusive em escritos muito antigos. Talvez os mais velhos sejam os tabletes de argila encontrados na Mesopotâmia.<sup>84</sup> E eu incorporei ao longo do tempo diferentes tipos de texto, desde manuais até escrituras sagradas. Sou citada pelo *Pen-ts' ao ching*<sup>85</sup>, um compilado de ervas medicinais baseado na tradição oral chinesa que é

---

<sup>82</sup> Ainda segundo Rafael Guimarães dos Santos (2016), “O uso da maconha parece remontar ao noroeste e centro asiático (2700ac), em uma região onde atualmente se encontra a China. Fibras e cordas de cânhamo foram encontradas na China (4000ac) e no Turquestão (3000ac)” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 60).

<sup>83</sup> Citação completa: “Para xamãs como este, as propriedades psicotrópicas e medicinais dos mais diversos princípios da natureza, inclusive maconha, eram sagradas e constituíam valiosas ferramentas farmacológicas necessárias ao ofício diário de diminuir as dores do corpo e dialogar com as diferentes dimensões da consciência. Mediante sua prática, mesmo que desprovidos de metodologia científica, esses curandeiros foram pioneiros na descoberta de fármacos e no teste de suas aplicações, fornecendo fundamentais contribuições à medicina tradicional chinesa” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 35).

<sup>84</sup> “Entre esses documentos, os mais importantes fazem parte de uma série de tabletes de argila encontrados na região da Babilônia datados do século VII a. C., os quais contém receitas milenares herdadas de sacerdotes sumérios” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 40).

<sup>85</sup> “A mais antiga farmacopeia conhecida, o *Pen-ts' ao Ching*, é também um dos registros históricos mais antigos sobre o uso medicinal da cannabis. O documento foi compilado no primeiro século da Era Cristã, mas é baseado na tradição oral chinesa do Império Shen-Nung (2.700ac). Na época, a cannabis era receitada para dores reumáticas, constipação intestinal e infertilidade feminina, dentre outras doenças” (VIDAL, 2010, p. 16). “A mais antiga farmacopeia (enciclopédia de medicamentos) do mundo, o *Pen-ts' ao ching*, foi escrita no primeiro

considerado a mais antiga farmacopeia do mundo e por pelos menos outros dois tratados médicos chineses: *Nei-Ching* e *Rh-Va*. Apareço em outros manuscritos antigos como o *Papiro de Eters*, o segundo documento médico mais antigo do mundo, e o *Papiro de Berlim*, ambos encontrados no Egito. Também estou presente em diversos textos religiosos. Dizem inclusive que sou citada pela Bíblia. Mas eu já era usada muito antes da Era Cristã.<sup>86</sup> Os Vedas, por exemplo, me tinham como uma das cinco ervas sagradas do Hinduísmo, a religião mais antiga da Terra<sup>87</sup>. Há muitas estórias de como *Shiva*<sup>88</sup> me deu de presente aos humanos. Uma delas

século depois de Cristo a partir da compilação desse conhecimento tradicional, passado de geração em geração (embora a lenda atribua a Shen Nong a autoria da maior parte do conhecimento ali contido). O *Pen-ts'ao ching* contém uma detalhada lista de centenas de princípios medicinais oriundos dos reinos mineral, animal e vegetal. Muitos destes fármacos tiveram suas propriedades psicofarmacológicas e medicinais confirmadas pelos testes da ciência moderna. Entre eles está a maconha, que era ali indicada para o tratamento de dor reumática, constipação, problemas femininos associados à menstruação, beribéri, gota, malária e falta de concentração, merecendo também uma nota emblemática sobre a melhor forma de administrá-la: “A fruta da maconha (*Ma-fen*) possui um suave sabor amargo e pode ser tóxica (...) se consumida em excesso, além de causar a visão de demônios que perambulam como loucos, mas, se for usada de forma mais esparsa, a pessoa será capaz de se comunicar com os espíritos e seu corpo será iluminado”. A expressão equivalente antiga das atuais “use com parcimônia” ou “beba com moderação” demonstra que os antepassados chineses já conheciam muito bem as propriedades psicotrópicas da maconha e os riscos de seu abuso” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 35 e 36).

<sup>86</sup> Segundo Santos (2016), além do cristianismo e do hinduísmo, há referências ao uso de maconha no budismo, no shivaísmo, zoroastrismo, judaísmo, taoísmo, xamanismo chinês, xintoísmo. “[...] Na Ásia, a maconha é associada à espiritualidade no budismo tântrico, onde seria utilizada para intensificar a meditação e para elevar a consciência. Entre os tibetanos, a maconha é considerada uma planta sagrada, e, no budismo mahayana, afirma-se que, durante suas práticas de ascetismo, que culminariam em sua iluminação, Buda teria vivido com uma dieta à base de sementes de maconha” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 60). “Entre alguns grupos muçulmanos, a maconha é considerada parte essencial da prática religiosa, enquanto na Pérsia existem evidências de que a preparação da chamada haoma, central na mitologia do zoroastrismo, poderia ser uma preparação à base de maconha. Também existem referências sobre o uso da maconha no judaísmo, taoísmo e xamanismo chinês, no xintoísmo, e mesmo no cristianismo, com alguns pesquisadores sugerindo que certas passagens da Bíblia poderiam estar referindo-se à maconha” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 60 e 61). “Diz uma lenda da corrente mahayana, do budismo tibetano, que Siddartha Gautama, a primeira encarnação de Buda, se alimentou exclusivamente de sementes de maconha, uma por dia, durante seis anos de preparação que precederam sua chegada ao Nirvana. Já na tradição do budismo tântrico, da qual Dalai Lama é o monge superior, a maconha é utilizada para facilitar a meditação e potencializar as percepções sensoriais envolvidas em cada aspecto das cerimônias tântricas, que podem ou não incluir o ato sexual” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 45).

<sup>87</sup> “Os Vedas, textos religiosos do hinduísmo que datam de aproximadamente 2000 a. C. e que são considerados os textos religiosos mais antigos do mundo, relatam o uso da maconha como um néctar divino e atribuem à planta propriedades relacionadas à alegria, felicidade, coragem, libertação, boa sorte e aumento da libido” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 60). “De acordo com os Vedas [...] os deuses teriam mandado a maconha ao homem para que este pudesse alcançar mais coragem, libido e prazer” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 43). “[...] Os Vedas também se refere à maconha, uma das cinco ervas sagradas do hinduísmo, como sendo uma fonte de alegria, regozijo e liberdade” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 44).

<sup>88</sup> Shiva é uma divindade hindu importante. Ele tem mil nomes: O Preservador, O Professor, Aquele que Cativa, Aquele que Confere Felicidade, O Selvagem, O Temível, O Destruidor... Shiva representa em um mesmo corpo

conta que um dia ele vagava solitário pelos campos depois de uma discussão com sua família, até que cansado adormeceu em baixo de uma planta de maconha. Ao acordar, viu a planta e resolveu experimentá-la. Sentiu-se revigorado e, a partir de então, fez de mim o seu alimento favorito<sup>89</sup> e me deu de presente aos humanos.

Lord Shiva me trouxe ao mundo em benefício da humanidade. Os indianos me usam, então, em sua devoção. Fazem comigo o *bhang*, uma bebida à base leite e especiarias da qual eu sou o principal ingrediente. Essa bebida é consumida durante os grandes festivais religiosos. É na Índia onde eu ainda tenho maior prestígio. Por lá sou popularmente conhecida como *ganja* e considerada sagrada. O fato é que permaneci sendo usada por toda a Idade Antiga e até hoje resisto nesses mesmos lugares. Em alguns deles ainda existo em minha forma silvestre. Perto do teto do mundo, em montanhas da cordilheira dos Himalaias cresço até hoje naturalmente. No sagrado Vale de Parvaty, eu existo em livre abundância. Esse é o lugar onde Shiva e Parvaty se casaram e onde se produz o *crème de la crème* ou, melhor, a *crema*. O *charas* é um tipo de *haxixe* artesanal fabricado a partir da coleta manual da resina produzida pelas minhas flores ainda vivas. Ele é apreciado ao redor do mundo e vendido a preços muito altos.<sup>90</sup> Também vem dessa região o conhecidíssimo *haxixe marroquino*.

---

os polos opostos da realidade cósmica. Ele é o criador, mas também o destruidor. Shiva personifica o enigma cósmico de que, sem destruição, pode haver nenhuma criação; sem morte, não pode haver vida. Ele é retratado como um asceta, sentado em pacífica contemplação e observando todos os fenômenos surgindo e desaparecendo. Shiva é “o dançarino do Hinduísmo, cuja dança no nível trivial é ao mesmo tempo criação e destruição, mas que no todo é bela” (BATESON, 1986, p. 26). Ele é equipado como o xamã primordial que tem o perfeito entendimento de todas as artes xamânicas e as ensinou à humanidade (RATSCH, 2005 apud GODLASKI, 2012).

<sup>89</sup> “Uma história conta que, em um dia ensolarado, Shiva, o deus mais importante do hinduísmo, estava aborrecido por causa de um desentendimento com sua família e saiu sozinho para caminhar nos campos, até que resolveu buscar proteção do sol sob a sombra de um majestoso arbusto de maconha. Curioso a respeito da planta que lhe dera abrigo, Shiva comeu de suas folhas e se sentiu tão revigorado que adotou a planta como sua favorita” (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 43).

<sup>90</sup> “Esses vales, na primavera, são recobertos por milhares de flores selvagens da cannabis, que, sem auxílio humano, triunfa nesses ácidos solos de altitude. Em razão de sua vasta ocorrência, as plantas quase sempre são polinizadas, gerando assim grandes volumes de sementes – garantindo a próxima geração. Enquanto a maioria das pessoas no mundo usam a inflorescência (botões) da planta fêmea, aqui, devido ao elevado número de sementes, utiliza-se a resina coletada das gemas “buds” de uma planta madura. É a resina, retirada pela fricção delicada das mãos sobre as flores, que se atribui o nome de charas” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 513). Segundo Eric Gornik de Oliveira (2016) essa região é conhecida pela produção do melhor *charas* do mundo. Enquanto a maioria das pessoas usam as inflorescências (botões) da planta fêmea, lá, devido ao elevado número de sementes, utiliza-se a resina coletada das gemas (buds) de uma planta madura. Diferente da mais tradicional resina obtida da cannabis, o *hashish* – que é feito a partir das plantas secas – o *charas* é extraído somente de

Mas há milhares de anos comecei a me esparramar pelos outros continentes com os seres humanos e hoje sou cultivada e usada em quase todos os lugares do mundo. Em algum momento eu fui parar na África... Fui da Ásia até à África, passando pelo Oriente Médio.<sup>91</sup> Cheguei provavelmente pelo Egito, trazida pelos árabes que vinham da Índia, da Pérsia e da Arábia Saudita. E aos poucos eu fui me espalhando por todo o continente, pelo interior e também pela costa através do contato daqueles que lá viviam com viajantes.<sup>92</sup> Meu uso se espalhou entre diversos grupos étnicos africanos. Eu era muito valorizada, considerada uma substância sagrada e utilizada também como medicamento. Participava de muitas cerimônias e fazia parte da vida espiritual e cotidiana das pessoas muito antes da chegada dos europeus.<sup>93</sup>

plantas frescas e ainda vivas. É fumado misturado ao tabaco em um *chillum*, cachimbos tubulares e cônicos, confeccionados em chifres de animais ou argila queimada. A tradição dos povos dessa região inclui começar o dia com um copo de chá indiano (*masala chai*), composto por especiarias, chá preto e leite, um bom *chillum* recheado de *charas* e, por fim, um pedaço de pão indiano (*chapatti*). Com isso, é formada a denominada “santa trindade”: *chai – chillum – chapatti*. Acredita-se que só assim sacia-se a sede e a fome do corpo e da alma.

<sup>91</sup> “A cannabis se consolidou como medicamento seguro, eficaz e barato na China e Índia, mas rapidamente sua fama se espalhou por todo o mundo. [...] Da Ásia para o Oriente Médio e África, a cannabis seguiu sendo cultivada e usada para tratar doenças e aliviar os sofrimentos e dores do corpo e da alma” (VIDAL, 2010, p. 17).

<sup>92</sup> Citação completa: “A maconha teria chegado à África pelo Egito, por volta do século X, trazida pelos árabes que vinham da Índia, da Pérsia e/ou da Arábia Saudita. Ao passo que se espalhava pelo interior – dentro das possibilidades climáticas de cada região – chegava por outras áreas da costa através do contato com negociantes vindos de fora. Embora nunca tenha sido parte significativa da economia africana, a planta era dotada de grande poder e valor nos negócios entre diferentes comunidades, sendo usada como moeda de transações com ovelhas e vacas, por exemplo. Escavações arqueológicas encontraram, no Zimbábue, cachimbos com vestígios de cannabis datados do século XIV, mas os pesquisadores acreditam que o uso era ainda mais antigo” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 391).

<sup>93</sup> Segundo Saad (2016): “Provavelmente a área na qual o uso cultural da maconha é mais extenso é o continente africano, onde a cultura canábica existe há séculos, como parte integral das cerimônias religiosas e já fazia parte da vida dos nativos quando o europeu chegou nas primeiras expedições. A prática observada inicialmente foi a queima de grande quantidade da erva em brasa quente ou em equipamentos de defumação, quando os africanos reuniam-se ritualisticamente em grupo – normalmente em círculo – e inalavam a fumaça. Entre outras ocasiões, a planta era queimada em um altar e a fumaça absorvida por canos. Quando o uso se expandiu as técnicas foram ficando mais elaboradas e foi desenvolvida uma grande variedade de cachimbos, tubos de bambu e cumbucas de coco” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 391). “Durante a exploração da África, no início da década de 1880, viajantes escreveram sobre a existência de largas terras no entorno das cidades que eram usadas para o cultivo da erva por um grupo denominado Bashilenge” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 393). “Os Lulua, ou Bashilenge, representaram uma fonte de escravos ao tráfico, inclusive para o Brasil, que partiu de Angola, assim como teve integrantes ligados ao comércio de marfim durante o século XIX. Originalmente, o cultivo da erva pelos Bashilenge – certamente favorecido pela proximidade a áreas bastante úmidas no entorno do rio – tinha como destino “small clubs of hemp smokers” (pequenos clubes de fumadores de maconha), onde indivíduos ligados por laços de amizade se reuniam e eventualmente formavam um culto religioso” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 394). “Exploradores portugueses, em expedição pela África entre 1877 e 1880, também relataram a existência de um grupo de homens que fumavam a erva próximos à nascente do Cambo, afluente da bacia hidrográfica do rio Congo” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 394).

Esse é provavelmente o continente onde o meu uso é ainda hoje mais extenso. Sou conhecida por lá como *kief*, *grifa* e *dagga*.<sup>94</sup> A verdade é que desde que cheguei nesse imenso continente me deparei com outro mundo. Um universo cultural completamente diferente... Foi quando eu conheci o que era música e dança. Não é atoa que dizem que o tambor é o senhor da alegria! Aliás, como é mesmo aquela canção que reconta o mito da criação do mundo? A invenção do tambor na primeira festa...

*Os mais velhos dizem que um dia, cansado da solidão do poder  
Zambiapungo, o Ser Supremo dos cultos angolo-congoleses  
Foi tomado pela tristeza e cogitou desistir da criação do mundo  
Os inquices, seus filhos, resolveram alegrá-lo para que a criação não fosse interrompida  
Katendê, o Senhor da medicina da floresta, macerou as folhas e preparou um banho para  
refrescar Zâmbi  
Zaratetime criou as estações do ano  
O calor do verão, os dias amenos do outono, o frio do inverno e as floradas da primavera  
Matamba, a dona do balé espantoso dos relâmpagos, foi a próxima a tentar alegrar  
O Pai maior  
Vunji trouxe as crianças, que começaram a dar cambalhotas e subir nas árvores  
Angorô inventou o arco-íris depois da chuvarada  
Gongobira coloriu os rios com peixes coloridos  
Dandalunda mostrou a força das cachoeiras  
Mutalambô caçou um pássaro gigante com a sua destreza de flecheiro  
Nkosi forjou ferramentas diversas  
Lembarenganga preparou um cortejo de pombas, cabras e caramujos  
Zâmbi agradeceu o esforço dos inquices, mas continuou triste*

---

<sup>94</sup> Citação completa: “A partir da Ásia Menor, a maconha também se expandiu para a África, possivelmente por influência do islamismo (por volta de 600 d. C.). A maconha foi incluída na farmacopeia e na vida espiritual de vários grupos africanos, sendo chamada *kif*, *grifa* ou *dagga*. Evidências indicam que a maconha foi utilizada como medicamento e como substância sagrada por grupos como pigmeus, zulus, balubas, hotentotes, bosquímanos, mfengus e sothos. Em alguns grupos buiti, culto religioso que utiliza a planta alucinógena iboga (*Tabranthe iboga*) como sacramento, e que está presente em países como Gabão e Congo, fumam-se cachimbos de maconha em alguns rituais” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 61).

*Finalmente restava Zazi, o Senhor do fogo  
 Saberá ele de alguma coisa que pudesse acabar com o banzo do Pai?  
 Zazi consultou o oráculo para saber como alegrar Zâmbi  
 Seguindo as ordens do adivinho, sacrificou um bode branco  
 Retirou a pele do bicho e repartiu a carne entre os inquices  
 Em seguida, usou o fogo para tornar oco o pedaço de um tronco seco da floresta  
 Sobre uma das extremidades do tronco, Zazi esticou o couro do animal e inventou  
 Ngoma, o primeiro tambor  
 Zazi começou a percutir o couro com toda a força e destreza  
 Aluvaiá, aquele que os iorubás conheciam como Exu  
 E os fons como Legbá  
 Gingou ao som do tambor de Zazi  
 Em seguida, todos os deuses do Congo  
 Ao batuque sincopado do Ngoma  
 Fizeram a primeira festa na manhã do mundo  
 Zambiapungo alegrou-se com o fuzuê  
 E deu a Zazi o título de Xicarangomo  
 Expressão oriunda do Quicongo Nsika + Ngoma  
 O tocador de tambor  
 E anunciou que a criação não iria parar  
 Que viessem crianças, mulheres e homens para escutar Ngoma  
 Cantar, dançar e alegrar a vida  
 É por isso que os bacongos dizem que Ngoma, o tambor  
 Será o pai de todos os que transgridem a dor em desafios de festa e liberdade  
 Sua benção, Ngoma, nosso pai tambor!  
 Nós estamos no mundo para celebrá-lo!<sup>95</sup>*

---

<sup>95</sup> Criolo. *Tambor, o senhor da alegria*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jLq0E0F7Da8>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

Conta a história e diversas lendas que existiu muito antigamente no Oriente uma grande cidade, talvez a primeira metrópole do mundo, chamada Babilônia. A Babilônia era um centro urbano e comercial, uma cidade com jardins e parques, torres e muralhas, dinheiro e poder. Foi por isso considerada a capital intelectual da Mesopotâmia e ficou conhecida como um dos berços da civilização humana ou pelo menos de um tipo de humano específico... Há quem considere a Babilônia um desafio a deus, um símbolo da ganância e da prepotência humana. Foi a torre de Babel uma tentativa do homem de alcançar os céus? É o que algumas pessoas acreditam... O fato é que a Babilônia antiga foi um cativeiro. Uma prisão onde povos escravizados estiveram aprisionados. E mais tarde ela assume a forma de um sistema opressor e violento. Hoje em dia ela é muito mais que isso... É algo como um estado de espírito, um tipo de prisão mental. Não é só uma cidade em ruínas. É também a representação do inimigo. Quantas vezes a Babilônia já esteve em chamas?

Não sei dizer exatamente quem foi que inaugurou esse modo de viver moderno. Isso pode ter começado na Babilônia ou então ser fruto do renascimento de outras filosofias antigas, de onde são inspiradas a cultura ocidental e a ciência moderna. Foi a Europa, entretanto, que fez de si mesma a própria imagem da modernidade. Basicamente morar na cidade e fazer comércio, sem falar do pensamento globalizado... Foi quando o Ocidente se fez o centro do mundo. Desde então os humanos não param mais de construir cidades. Uma tentativa eterna de fugir do estado de natureza e de tornar-se, a si mesmo e ao outros, a qualquer custo civilizados. Para isso, separaram a razão do mundo da vida e inventaram a ciência e, a partir dela, o estado, a sociedade, o mercado e as ideias de raça e cultura. E continuaram elaborando teorias cada vez mais complexas... Colocando o homem – ser humano branco e masculino – no centro, transformaram-no na norma e na medida de todas as coisas, fabricando um sujeito individualista e egoísta demais. E começaram a tratar os outros como objetos. Tudo isso por se considerarem povos muito mais evoluídos.

O desenvolvimento do comércio nesse continente, durante a primeira fase daquilo que nós conhecemos como sistema capitalista, esteve ligado primeiro à expansão marítima e à exploração colonial. Um empreendimento imperialista, patriarcalista e racista que aconteceu há séculos, mas que persiste impregnado em cada frestinha da vida humana por onde passou o império. Isso foi no tempo das grandes navegações, das longas viagens marítimas que ligaram os povos humanos. Caravelas que se espalharam pelo mundo todo, carregando exploradores e

navegadores europeus em busca de novas rotas de comércio e de metais preciosos, além de outros viajantes, responsáveis por escrever as narrativas da conquista ou então desenvolver pesquisas científicas. Esses navios transportaram na época muitas coisas e pessoas. Em certos casos, ambas eram tratadas como mercadorias. Além da elite europeia, eles carregaram também aqueles que eram considerados por ela povos selvagens, em grande parte das vezes escravizados.

A verdade que a expansão europeia foi baseada na invasão, conquista e exploração dos territórios que os países europeus transformaram em suas colônias. A partir desse momento o resto do mundo foi dividido com linhas imaginárias e as terras distantes começaram a ser disputadas em guerras e repartidas entre os vencedores em congressos. Todos já ouviram falar da chegada às Américas... Aquela viagem de Cristóvão Colombo em busca de uma rota alternativa para as das Índias que tentou contornar o planeta navegando na direção oposta e acabou chegando às Américas. O que ficou conhecido como a era dos descobrimentos inaugura a colonização do continente americano e a competição pelo domínio e exploração do novo mundo. A descoberta de terras além-mar significou ciência aplicada à conquista, primeiro litorânea e depois mais interiorana e a presunção europeia de dominar o globo terrestre. Pouco se diz sobre isso, mas o projeto colonial europeu envolveu políticas sádicas de dominação e regimes brutais de silenciamento daqueles povos que foram por eles dominados. Começa agora uma parte muito suja da história...<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> Sobre o que ficou conhecido como era dos descobrimentos, Grada Kilomba (2019) diz: “[...] Nos pediam para ler sobre a época dos “descobrimientos portugueses”, embora não nos lembrássemos de termos sido descobertas/os. Pediam que escrevêssemos sobre o grande legado da colonização, embora só pudéssemos lembrar do roubo e da humilhação. E nos pediam que não perguntássemos sobre nossos heróis e heroínas de África, porque elas/eles eram terroristas e rebeldes. Que ótima maneira de colonizar, isto é, ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador” (KILOMBA, 2019, p. 65). A expressão “história muito suja” (em inglês: *dirty history*) é inspirada no trabalho de Toni Morrison e foi utilizada por Kilomba (2019) para nomear os “negócios sujos do racismo”. Com relação à exposição dessa história e a sua constante negação, a autora argumenta que: “Uma vez confrontado com verdades desconfortáveis dessa *história muito suja*, o sujeito branco comumente argumenta “não saber...”, “não entender...”, “não se lembrar...”, “não acreditar...”, “não entender...”, não se lembrar...”, não acreditar...” ou “não estar convencido...”. Essas são expressões desse processo de repressão, no qual o sujeito resiste tornando consciente a informação insciente, ou seja, alguém quer fazer (e manter) o conhecido desconhecido. A repressão é, nesse sentido, a defesa pela qual o ego controla e exerce censura em relação ao que é instigado como uma verdade “desagradável”. Falar torna-se, assim, virtualmente impossível, pois, quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser dita nem tampouco ouvida” (KILOMBA, 2019, p. 42).



Portugal foi um dos pioneiros ao se aventurar no mar. A Coroa portuguesa foi uma das primeiras a investir no setor, estimulando os empreendimentos náuticos e incentivando estudos sobre técnicas de navegação. A expansão portuguesa teve início com a tomada de territórios no litoral da África e a criação de feitorias Ásia. Os portugueses começaram muito cedo a invadir territórios e a escravizar pessoas. Foram os primeiros a monopolizar o tráfico negreiro e a dominar as rotas comerciais mundiais. Isso permitiu que algumas pessoas começassem a viajar pelo mundo, entre elas muitos cientistas que partiam rumo ao desconhecido para fazer os seus estudos. Garcia da Horta foi um médico e naturalista português que se mudou para a Índia. Lá ele aprendeu sobre a medicina tradicional do povo indiano e o uso de plantas e depois publicou um livro sobre o assunto. No *Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia* esse autor dedicou algumas páginas a mim e às minhas propriedades. Dizem que ele foi um dos primeiros a relatar meus efeitos no Ocidente, escolhendo para descrevê-los a palavra *viagem*.<sup>97</sup>

Com o mesmo objetivo de ir às Índias, obcecados pelas especiarias e pelo seu comércio na Europa, foram outros portugueses na mesma direção de Colombo. Afirmando a intenção de refazer a mais longa viagem oceânica até então realizada, o caminho feito por Vasco da Gama que contornou a África chegando até a Ásia, navegaram pelo oceano atlântico e dizem que no meio do caminho avistaram por acaso as terras tropicais. Foi assim que a maior e mais equipada frota, treze caravelas fortemente armadas e a nata dos navegadores portugueses, chegou ao litoral da Bahia em abril de 1500. Essa é a história oficial que contaram e que grande parte das pessoas acredita até os dias de hoje. Uma pena como as pessoas se acostumaram a contar a história de um território a partir da sua colonização. O que chamamos hoje de Brasil nasceu no mesmo instante em que se transformou em colônia estrangeira, encontro violento ao qual se deu o nome de descobrimento. Pedro Alvarez Cabral e os outros colonizadores europeus quando pisaram no Brasil pela primeira vez, viram não só

---

<sup>97</sup> Segundo Sérgio Vidal (2010), “Em 1534, o médico naturalista português Garcia da Orta mudou-se para Goa, na Índia, onde passou a estudar medicina tradicional do povo indiano e o uso de plantas. Alguns anos depois, Orta publicou o livro *Colóquio dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*, trazendo os dados de décadas de seus estudos. Em sua obra, o autor fez descrições detalhadas dos vegetais de uso medicinal, incluindo os de propriedade psicoativas, e, entre eles, está a cannabis e sua resina. São quatro páginas dedicadas à descrição da cultura do banguê e sua propriedades terapêuticas, incluindo a primeira descrição no Ocidente sobre os efeitos psicoativos, referindo-os como o termo “viagens”” (VIDAL, 2010, p. 18).

uma terra fértil, cheia de riquezas naturais. Encontram também um território povoado por outros tipos de gente, que o habitavam de inimagináveis formas. Pura riqueza cultural! Eu estava presente nas primeiras embarcações portuguesas que chegaram ao Brasil. Naquela época, as velas e as cordas das caravelas eram feitas de *cânhamo*, que nada mais é que as minhas fibras transformadas em tecido. Desde o momento em que essas caravelas aqui chegaram, o encontro intercultural não foi nada agradável. Não parece ter havido harmonia e sim violência extrema. A verdade é que o descobrimento foi na verdade uma invasão. E os primeiros contatos entre índios e brancos mostraram a potência do desenvolvimento técnico-científico aplicado ao extermínio. Numa guerra de pólvora e flechas tanta gente saiu ferida. E a violência estava apenas começando...

Conquistaram as terras, primeiro as mais litorâneas, e dizimaram as populações nativas. Depois foram em direção ao interior... Ao adentrar nas matas brasileiras, os colonizadores precisaram dispendir um esforço maior. Para isso colocaram etnias em disputa, enganaram e roubaram os povos da floresta. E, desde então, nunca mais pararam de destruí-la e de tentar tomar os territórios daqueles que ali viviam ancestralmente. Ao genocídio dos povos indígenas seguiu o tráfico negreiro, um evento intercontinental que arrancou pessoas de seus territórios nativos plantando-as em outros lugares do mundo, repetindo o que já acontecia conosco, as plantas, só que agora desplantando pessoas e derramando muito sangue com isso<sup>98</sup>. O comércio transatlântico de escravos era altamente lucrativo, já que os escravos destinados às Américas eram trocados na África por bugigangas.<sup>99</sup> Mas a escravidão era justificada por uma ideia científica. A crença na superioridade racial e cultural dos europeus ou, então, do homem branco. Da África foram trazidas milhões de pessoas, escravizadas e vendidas aos novos donos da terra para trabalhar nas lavouras e nas minas ou como empregados domésticos em um regime de escravidão extremamente cruel e violento. Muitas

---

<sup>98</sup> In: MASTNAK; ELYACHAR & BOELLSTORFF, 2014.

<sup>99</sup> “As guerras entre esses povos favoreceram o comércio de escravos, pois os traficantes negreiros compravam os prisioneiros de guerra [na África] e os revendiam nas Américas” “Antes eram guerras nacionais, tal rei contra tal rei. Mas depois o mercantilismo ligado ao tráfico levou-os a fazer guerras de lucro para ter muitos escravos e vende-los aos navios ocidentais para receber quinquilharias, fuzis, tudo isso, escravo contra fuzil, fuzil para ir buscar o escravo tudo isso criava um circuito infernal do qual não se saía mais” (Karl Emanuel, historiador, Cotonú, Benim). In: Documentário *Atlântico Negro: Na Rota dos Orixás* (1998). Disponível em <https://youtu.be/2I0gjOhcZ-o>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

dessas pessoas, milhões delas, morreram em alto mar durante a viagem ou, então, antes mesmo disso, no processo de captura e transporte até o navio. Um grande desastre! Mas a *diáspora africana* foi muito mais que isso...

A colonização brasileira começou com a exploração das suas riquezas nativas. Primeiro do pau-brasil, depois do ouro e dos diamantes e em certo momento os europeus começaram a trazer as espécies de plantas que mais lhes interessavam para plantar nos solos tropicais. Os gêneros agrícolas que pudessem oferecer maior lucratividade para a metrópole eram produzidos a partir da implantação de um sistema de cultivo específico desenvolvido na Europa. Vieram de lá com suas técnicas modernas implementar no Brasil a *plantation*<sup>100</sup>, um modelo de agricultura intensiva baseado no plantio de um único tipo de planta em uma grande extensão de terra. E os braços que trabalhavam nessas terras eram de mulheres e homens negros que foram trazidos da África ao Brasil e escravizados. Essa era uma forma de baratear ainda mais o custo da produção, já que a metrópole não estava interessada em atender um mercado consumidor interno e sim na exportação do produto, ou seja, no mercado internacional. Os experimentos agrícolas europeus nas terras tropicais usaram primeiro a cana-de-açúcar, já que eles já tinham experiência no seu cultivo em ilhas do litoral da África e um mercado consumidor crescente para o produto na Europa. A costa nordestina brasileira produziu o açúcar que enriqueceu Portugal, a Inglaterra e outros países europeus. O tráfico de humanos também enriqueceu ambos. Isso gerou como consequência para o país uma forte

---

<sup>100</sup> Na terceira nota da tradução de *Memórias da Plantação* (no original: *Plantation Memories*), de Grada Kilomba (2019) encontramos: A *Plantation*, plantação em português, foi um sistema de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX, principalmente nas colônias europeias nas Américas, que consistia em quatro características principais: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravizado e exportação para a metrópole. Esse sistema criava ainda uma estrutura social de dominação centrada na figura do proprietário do latifúndio, o senhor, que controlava tudo e todas/os ao seu redor (KILOMBA, 2019, p. 29). Considerada em um sentido mais amplo, o termo *plantation* é assim definido por Anna Tsing (2019): “Usando o termo *plantation* em seu sentido amplo, aponto para ecologias simplificadas projetadas para criar ativos para futuros investimentos – e para impedir o ressurgimento. *Plantations* matam seres que não são reconhecidos como ativos. Eles também patrocinam novas ecologias de *proliferação*, a disseminação incontrolável da vida amplificada pela *plantation* na forma de doenças e poluição. Em oposição ao que estou chamando de ressurgimento, a *proliferação* ameaça a vida na Terra” (TSING, 2019, 226). “Nas *plantations* do agronegócio, nós coagimos as plantas a crescerem sem a ajuda de outros seres, incluindo os fungos da terra. Substituímos os nutrientes fornecidos pelos fungos por fertilizantes obtidos pela mineração e em indústrias químicas, com suas trilhas de poluição e exploração. Cultivamos nossas plantações para isolamento em estufas químicas, enfraquecendo-as como galinhas enjauladas e sem bico. Nós mutilamos e simplificamos as plantas cultivadas até que elas não mais saibam como participar em mundos de múltiplas espécies” (TSING, 2019, p. 44).

dependência externa e a formação de uma elite agrária, centrada na figura dos donos de terra, além de uma herança racista que começou com o senhor e o escravo e a cada dia se atualiza em episódios de racismo cotidiano.<sup>101</sup>

Nessa época eu também vinha escondida em forma de semente, enfiada dentro de bonecas de pano, nos porões dos navios negreiros que transportavam mulheres e homens trazidos da África até o Brasil para trabalhar como escravos nas plantações de cana-de-açúcar.

---

<sup>101</sup> Em *Memórias de Plantação*, Grada Kilomba (2019) “examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “*plantação*” e memórias”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada. É um choque violento que de repente coloca o *sujeito negro* em uma cena colonial na qual, como no cenário de uma *plantação*, ele é aprisionado como a/o “*Outra/o*” subordinado e exótico. De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o *sujeito negro* estivesse naquele passado agonizante” (KILOMBA, 2019, p. 29 e 30). A autora discute o trauma colonial e, a partir daí define racismo como algo estrutural, institucional e cotidiano. “No racismo estão presentes, de modo simultâneo, três características: a primeira é a construção de/da diferença. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. [...] Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como a norma – a norma branca. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferentes”. A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os “Outras/os” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação. A segunda característica é: essas diferenças construídas *estão inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos*. Não só o indivíduo é visto como “diferente”, mas essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade. Tais valores hierárquicos implicam um processo de naturalização, pois são aplicados a todos os membros do mesmo grupo que chegam a ser vistas/os como “a/o problemática/o”, “a/o difícil”, “a/o perigosa/o”, “a/o preguiçosa/o”, “a/o exótica/o”, “a/o colorida/o” e “a/o incomum”. Esses dois últimos processos – a construção da diferença e sua associação com uma hierarquia – formam o que também é chamado de *preconceito*. Por fim, ambos os processos são acompanhados pelo *poder*: histórico, político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, o *racismo é a supremacia branca*. Outros grupos raciais não podem ser racistas nem performar o racismo, pois não possuem esse poder. Os conflitos entre eles ou entre eles e o grupo dominante branco têm de ser organizados sob outras definições, tais como preconceito. O racismo, por sua vez inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc. (KILOMBA, 2019, p. 75 e 76). Sobre a discussão da temática dentro da ciência, ela diz: “Por muitos anos, o racismo nem foi visto nem refletido como um problema teórico e prático significativo nos discursos acadêmicos, resultando em um déficit teórico muito sério. Por um lado, esse déficit enfatiza a pouca importância que tem sido dada ao fenômeno do racismo. E, por outro lado, revela o desrespeito em relação àqueles que experienciam o racismo” (KILOMBA, 2019, p. 71). Apresenta, então, um percurso de responsabilização por meio do qual o racismo pode ser desconstruído. Esse processo envolve, na visão da autora cinco etapas: negação, a culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. “Esses diversos passos revelam a consciência sobre o racismo não como uma questão moral, mas sim como um processo psicológico que exige trabalho. Nesse sentido, em vez de fazer a clássica pergunta moral “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar: “Como eu posso dismantelar meu próprio racismo?” Tal pergunta, então, por si só, já inicia esse processo” (KILOMBA, 2019, p. 46). Nesse sentido, é importante “lembrar da importância de um percurso de consciencialização coletiva – pois uma sociedade que vive na *negação*, ou até mesmo na *glorificação* da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Nem permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento. Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento” (KILOMBA, 2019, p. 13).

Esses navios eram meios de transporte vivos pelos quais se uniram pontos diversos do mundo. Sempre em movimento, eles transitaram pelas águas que conectam a Europa, a Ásia, a África e as Américas. Desde então o oceano atlântico transformou-se em um sistema de trocas culturais, um fluxo constante que permitiu não só a circulação de pessoas, como também de ideias e a construção de narrativas revolucionárias.<sup>102</sup> Essas pessoas trouxeram consigo, além das minhas sementes, suas tradições de uso e cultivo e as memórias dos seus mitos e ritos, além da música, da dança e, é claro, do costume de me fumar...

*Da terra do ouro eu vim*

*Tentaram me enganar*

*Mas não me trouxeram sozinho*

*Eu vim com os meus orixás*

*A cultura ancestral tem raiz*

*Fincadas do lado de lá*

---

<sup>102</sup> Segundo Paul Gilroy (2012), o Atlântico negro é uma formação transcultural e internacional que emerge com a diáspora africana. Uma estrutura rizomórfica e fractal. E os navios podem ser pensados como sistemas vivos, microcosmos culturais e políticos em movimento. Eles são usados pelo autor como ponto de partida de sua análise. “Decidi-me pela imagem de navios em movimento pelos espaços entre a Europa, América, África e o Caribe como um símbolo organizador central para este empreendimento e como o meu ponto de partida. A imagem do navio – um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento – é particularmente importante por razões históricas e teóricas [...]” (GILROY, 2012, p. 38). “Deve-se enfatizar que os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam. Consequentemente, precisam ser pensados como unidades culturais e políticas em lugar de incorporações abstratas do comércio triangular. Eles eram algo mais – um meio para conduzir a dissensão política e, talvez, um modo de produção cultural distinto. O navio oferece a oportunidade de se explorar as articulações entre as histórias descontínuas dos portos da Inglaterra, suas interfaces com o mundo mais amplo. Os navios também nos reportam a *Middle Passage*, à micropolítica semilembada do tráfico de escravos e sua relação tanto com a industrialização quanto com a modernização. Subir a bordo, por assim dizer, oferece um meio para reconceituar a relação ortodoxa entre modernidade e o que é tomado como sua pré-história. Fornece um sentido diferente de onde se poderia pensar o início da modernidade em si mesma nas relações constitutivas com estrangeiros, que fundam e, ao mesmo tempo, moderam um sentido autoconsciente de civilização ocidental. Por todas essas razões, o navio é o primeiro dos cronótopos modernos pressupostos por minhas tentativas de repensar a modernidade por meio do Atlântico negro e da diáspora africana no hemisfério ocidental” (GILROY, 2012, p. 38). “Os navios imediatamente concentram a atenção na *Middle Passage*, nos vários projetos de retorno redentor para uma terra natal africana, na circulação de ideias e ativistas, bem como no movimento de artefatos culturais e políticos chave: panfletos, livros, registros fonográficos e coros” (GILROY, 2012, p. 38). “Os escravistas estavam interessados exclusivamente na força de trabalho dos africanos, mas nos porões dos navios, além de músculos, vinham ideias, sentimentos, tradições, mentalidades, hábitos alimentares, ritmos, canções, palavras, crenças religiosas, formas de ver a vida e o que é mais incrível, o africano levava tudo isso dentro da sua alma, pois não lhe era permitido carregar seus pertences”. In: Documentário *Atlântico Negro: Na Rota dos Orixás* (1998). Disponível em <https://youtu.be/2I0gjOhcZ-o>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

*Todos terão que assumir  
Todo o joelho se dobrará  
Em terras tupiniquins  
Quiseram me reeducar  
Foi onde eu me redescobri  
Cantando pra se libertar  
E você não me olhe assim  
Querendo me subjugar  
A maldade que tens contra mim  
Como um bumerangue voltará  
África  
Sou filho de África  
África  
Sou filho de África*<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> Monkey Jhayam. *Terra do Ouro*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fxORDR9gWYI>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

“A descolonização começou no primeiro dia da colonização”.<sup>104</sup> Está profundamente enganado quem pensa que aqueles que foram escravizados nada fizeram em relação a isso. Ao longo da história essas pessoas adotaram diversas estratégias de luta. Rebeliões, revoltas, insurreições... A mais simples delas e também a mais utilizada era a fuga para o mato. O abandono do cativeiro e a construção de um local de refúgio. Foi a partir daí que surgiram os quilombos e com eles a possibilidade de viver uma vida nova em liberdade.<sup>105</sup> Em Palmares, o quilombo brasileiro de que mais se ouve falar, a busca por liberdade encontrou lugar na floresta.<sup>106</sup> Lugar extremamente fértil, de terras cortadas por rios, essa floresta era repleta de árvores frutíferas e de outros tipos de planta que cresciam a sombra das palmeiras. Aqueles que ali viviam retiravam da mata o seu sustento. Os habitantes do quilombo dos Palmares caçavam, pescavam e criavam animais domésticos como porcos e aves. Fabricavam cestos, chapéus, potes e vasilhas que trocavam, junto com os frutos da terra e os animais da caça e da pesca, por ferramentas, roupas e armas nas vilas vizinhas. Eram também agricultores. Plantavam, além de mim, milho, feijão, batata-doce, mandioca, banana e cana-de-açúcar. Uma produção tão variada a qual se dá o nome de policultura, o extremo oposto da monocultura açucareira. O uso da terra era comum, tendo a sua posse temporária aquele que a

---

<sup>104</sup> In: Documentário *Descolonizações* (2020).

<sup>105</sup> Segundo Edison Carneiro (2011), Os quilombos foram resultados de um movimento coletivo que não tinham caráter agressivo. Ainda assim, esse modo de vida foi uma forte contestação do sistema escravista e colonial. “Esse movimento de fuga partia da negação da sociedade oficial e da reafirmação da cultura e estilo de vida africanos. É considerado pelo autor, portanto, como uma reação negativa – de fuga, de defesa. Foi, nesse sentido, um fenômeno *contra-aculturativo*, de rebeldia contra os padrões de vida impostos pela sociedade oficial e de restauração dos valores antigos” (CARNEIRO, 2011, p. XXXVI). “O movimento de fuga era, em si mesmo, uma negação da sociedade oficial, que oprimia os negros escravos, eliminando a sua língua, a sua religião, os seus estilos de vida. O quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos” (CARNEIRO, 2011, p. XXXVI). Era também um estímulo para os escravos das redondezas. “O quilombo era um constante chamamento, um estímulo, uma bandeira para os negros escravos das vizinhanças – um constante apelo à rebelião, à fuga para o mato, à luta pela liberdade” (CARNEIRO, 2011, p. 7).

<sup>106</sup> Ainda segundo Carneiro (2011), a floresta dos Palmares serviu de refúgio a milhares de negros que escapavam dos canaviais, dos engenhos de açúcar, dos currais de gado, das senzalas e vilas do litoral, em busca de liberdade e segurança. Essa floresta era um cordão de mata brava, impenetrável, desconhecida e hostil a alguns e acolhedora a outros. “A floresta era ínvia, impenetrável, desconhecida e hostil. Protegia os mocambos dos negros, castigando à fome e à sede os seus agressores, forçando-os a marchas exaustivas num terreno áspero e difícil, onde cada árvore, cada colina, podia ser uma emboscada fatal. Os negros, em fuga, cada vez mais atraíam para o recesso das matas as forças portuguesas que os perseguiram. Os soldados iam caíndopelo caminho, estropeados” (CARNEIRO, 2011, p. 26). Essa foi a mais prolongada tentativa de autogoverno dos povos negros do Brasil. (CARNEIRO, 2011, p. 14). Algo como um Estado negro, um pedaço da África transplantado para o Nordeste do Brasil.

cultivava. Todo o resto das terras, as matas e os rios pertenciam a todos. A organização social e política dos quilombos e o modo de cultivo é herança africana, uma tradição cultural que não se perdeu mesmo com a escravidão. Quilombo é uma estratégia real e ao mesmo tempo um símbolo de resistência. Pode ser imaginado como um espaço físico antigo que existiu em um passado não muito longínquo ou então como um devir utópico. Lugar onde reina a música, a dança e a alegria... O oposto da senzala e da Babilônia antiga ou moderna. É onde vivem aqueles que já se libertaram da opressão! Movido primeiro pelo desejo de liberdade e depois pela vontade de defendê-la a qualquer custo, o quilombo dos Palmares durou quase um século e se mantém vivo na memória até hoje. Nas terras livres dos Palmares as pessoas costumavam fumar minhas flores e tinham sonhos maravilhosos.<sup>107</sup>

Nessa época os europeus ainda não sabiam muito sobre meus efeitos no corpo humano e o meu sucesso no mercado legal ou ilegal não tinha sido se quer pressentido. Assim, nem a ciência, nem o mercado estavam tão interessados em mim. Talvez porque na maior parte desse continente de clima úmido e frio o meu desenvolvimento seja diferente daqueles lugares quentes e secos ou pelo menos ensolarados onde eu costumo crescer facilmente. Nestes lugares produzo durante o meu desenvolvimento uma quantidade enorme de resina para evitar a perda de água. E é justamente nela onde estão presentes as minhas propriedades mais interessantes. Na Europa, ao contrário, o clima úmido não favorece a produção de resina, mas de fibras. Daí a demora desses povos em conhecer minhas propriedades psicotrópicas.

A verdade é que a ciência ainda sabe muito pouco sobre mim, pois só começou a realizar pesquisas a meu respeito recentemente. Há alguns séculos os cientistas passaram a me olhar com mais atenção. Começaram, é claro, me classificando, como é de costume nas ciências naturais. Primeiro fui nomeada por Carl Linné, em seu livro *Species Plantarum*. Fui descrita e classificada por ele como uma planta pertencente a família das *cannabaceas* e recebi um nome duplo em latim: *Cannabis sativa*. Poucos anos depois o biólogo Jean-Baptiste

---

<sup>107</sup> “E, nos momentos de tristeza, de banzo, de saudade da África, os negros tinham ali à mão a liamba, de cuja inflorescência retiravam a maconha, que pitavam por um cachimbo de barro montado sobre um longo canudo de taquari atravessando uma cabaçada de água onde o fumo esfriava. (Os holandeses diziam que esses cachimbos eram feitos com os cocos das palmeiras). Era o *fumo de Angola*, a planta que dava sonhos maravilhosos” (CARNEIRO, 2011, p. 22).



Lamarck encontrou outra variedade minha e decidiu que era melhor dar uma classificação diferente. Nascia a nomenclatura *Cannabis indica* e, junto com ela, a ideia de que existiriam não uma, mas várias espécies de maconha. Desde então existe uma confusão em relação à minha classificação. Mas como todas as minhas variedades podem ser cruzadas entre si gerando descendência fértil, o que define uma espécie, fica decidido que somos todas do mesmo tipo, sendo essas classificações apenas de subespécies. Dessas variedades as mais populares são a *sativa* e a *indica*. Um par de nomes que usam até hoje para descrever minhas características e efeitos. Mas antes de receber essa nomenclatura científica, como eu disse, eu já tive muitos outros nomes e as minhas diversas aplicações já eram conhecidas há muito tempo e em muitos lugares.

Não dá para negar que os estudos científicos foram com o tempo avançando. A partir do século XIX a medicina ocidental começou a testar meus efeitos através de métodos mais ou menos objetivos. Na segunda metade do século já existiam mais de cem artigos científicos sobre as minhas propriedades medicinais. Os trabalhos mais conhecidos da época são os do psiquiatra francês Jacques-Joseph Moreau e os do médico irlandês William Brook O'Shaughnessy. O impacto do trabalho desses dois autores foi muito grande na medicina europeia, que não conhecia na época nenhum tratamento tão eficaz para os sintomas de doenças infecciosas como raiva, tétano e cólera. O'Shaughnessy aprendeu sobre mim com os médicos indianos, enquanto esteve a serviço do Império Britânico na ocupação da Índia. Na mesma época, em uma viagem ao território indiano acompanhando um paciente, Moreau vislumbrou uma possibilidade do meu uso no tratamento de distúrbios mentais e deu início às pesquisas com *haxixe* na Europa.<sup>108</sup> Mas não foi só a ciência que passou de uma hora para outra a se interessar fortemente por mim. As artes, no geral, e em especial a literatura também foram responsáveis pelo crescimento do interesse entre os intelectuais europeus. Certa vez um

---

<sup>108</sup> Citação completa: “O médico irlandês William Brook O'Shaughnessy aprendeu sobre a maconha com os médicos indianos enquanto esteve a serviço do Império Britânico durante a ocupação da Índia, impressionando-se bastante com a efetividade de seu uso no tratamento de reumatismo e das convulsões causadas por tétano e raiva. Na mesma época, em uma viagem ao território indiano acompanhando um paciente, o psiquiatra francês Jacques Moreau vislumbrou a possibilidade de aplicação da maconha no tratamento de distúrbios mentais. Quando O'Shaughnessy e Moreau retornaram e divulgaram aquilo que haviam aprendido, o impacto foi muito grande na medicina europeia, que não conhecia nenhum tratamento tão eficaz para os sintomas de doenças infecciosas como a raiva, o tétano e a cólera (MALCHER-LOPES & RIBEIRO, 2019, p. 46 e 47).

escritor francês fez para mim um poema.<sup>109</sup> Charles Baudelaire ficou muito famoso, seus sugestivos escritos rodaram o mundo... Desde essa época é comum escrever sob e sobre os efeitos. Théophile Gautier foi outro escritor a quem inspirei os trabalhos. Os dois participaram do *Clube dos Haxixins*, um grupo de pessoas que se reuniam mensalmente em um hotel de Paris<sup>110</sup> para uma imersão coletiva na embriaguez proporcionada pelo *dawamesk*<sup>111</sup>. Nesse época eu chegava à Europa vinda do Oriente. Moreau, o psiquiatra, era responsável pelo fornecimento e os escritores tratavam de usar a criatividade.

Apesar de aos poucos eu ter conquistado os intelectuais europeus, não foram eles que começaram com esse hábito. Como eu disse, em outros lugares do mundo eu já era usada há muito tempo. Eu sempre fui utilizada no Brasil. Fui usada pelos africanos trazidos para cá como escravos e depois por seus descendentes. E com o passar do tempo o meu uso começou a se disseminar entre outras pessoas que viviam no país. Fui usada desde sempre e cada vez mais... Além dos quilombos, eu era usada nos terreiros e catimbós, sambas e batucadas, em ritos, cultos e clubes. Fui apresentada também a povos nativos desse território. Algumas etnias indígenas aprenderam a cultivar-me para uso próprio e me incorporaram aos seus modos particulares de vida.<sup>112</sup> O fato é que o *fumo d'Angola* e os *cigarros índios* já

---

<sup>109</sup> O *Poema do Haxixe* foi publicado em 1850.

<sup>110</sup> Théophile Gautier (1986) escreve sobre a sua primeira vez no clube: “Uma tarde de dezembro, obedecendo a uma convocação misteriosa redigida em termos enigmáticos, compreensíveis para os iniciados e ininteligíveis para os outros, cheguei a um bairro em Paris, que o rio, rodeado com seus dois braços, parece defender contra a invasão da civilização. Estava indo pela primeira vez a uma velha casa na ilha de Saint-Louis – o Hotel Pimodan, onde o estranho clube do qual eu começava a fazer parte realizava suas reuniões mensais” (GAUTIER, 1986, p. 80).

<sup>111</sup> “O extrato oleoso do haxixe, como preparam os árabes, é obtido fervendo-se as extremidades da planta fresca na manteiga, com um pouco de água. Após a evaporação completa de toda a unidade, passa-se na peneira, obtendo-se, assim, uma preparação que tem a aparência de uma pomada de cor amarelo-esverdeado e que conserva um cheiro desagradável de haxixe e manteiga rançosa. Nessa forma é empregada em pequenas bolinhas de dois a quatro gramas; mas, devido a seu odor repugnante que aumenta com o decorrer do tempo, os árabes transformaram o extrato oleoso em geleias. A mais usual dessas, o *dawamesk*, é uma mistura de extrato oleoso, açúcar e diversas especiarias: baunilha, canela, pistache, amêndoa, almíscar. Algumas vezes, inclusive, acrescentam um pouco de cantárida, com uma finalidade que nada tem em comum com os resultados ordinários do haxixe. Nessa nova forma, o haxixe não tem nada de desagradável e pode ser tomado em doses de quinze, vinte e trinta gramas, seja enrolado numa folha de hóstia, seja numa xícara de café” (BADELAURIE, 2003, p. 23 e 24).

<sup>112</sup> Segundo Santos (2016), “[...] existem relatos do uso de maconha por grupos indígenas não identificados na região do rio São Francisco; entre os mura o rio Madeira; entre os fulniô de Águas Belas, Pernambuco, que chama a maconha de Sewlihokhlá Sedayá, que poderia ser interpretado como “folha amarga do grande avô; entre

circulavam por aqui antes mesmo de começarem a especular de onde é que eu havia vindo. O uso fumado era receitado inclusive por médicos. E desde então meu uso não parou mais de crescer. Houve um tempo no Brasil em que o meu cultivo foi estimulado pela própria Coroa portuguesa. Essa iniciativa tinha como objetivo a exploração do meu potencial econômico através da produção de cordas de *cânhamo* para navios. Mas o único interesse que eu despertava nos colonizadores nesse momento era industrial. Até então o meu uso fumado era um hábito predominante das camadas populares e foi por muito tempo praticamente ignorado pelo governo e pelas elites do país. Com o passar do tempo isso iria mudar...

Quando os homens letrados começaram a estudar os hábitos das classes mais baixas da população, eles se deram conta do meu uso por elas e trataram de dar sua opinião. No Brasil, alguns cientistas começaram a fazer pesquisas e apresentar seus resultados em congressos científicos, ou melhor, as teorias que inventaram sobre o assunto. Desde então, virei tema de interesse de muitos estudiosos no país e no mundo, particularmente os médicos. Em 1915 o médico José Rodrigues Dória fez uma apresentação no segundo *Congresso Científico Pan-Americano*, em Washington. O trabalho intitulado *Os fumadores de maconha: efeitos e males do vício* descrevia meu uso em diversas regiões do país. Como indica o título, foi tratado como um vício. Na visão desse autor, era uma prática que poderia causar delírio e loucura, além de tornar as pessoas agressivas e violentas. Produziria, assim, não só estragos individuais, mas poderia gerar graves consequências criminosas. Ele acreditava que eu tinha vindo da África junto com as pessoas que vieram de lá escravizadas e havia sido aqui introduzida pela raça negra como uma vingança pela escravidão. Por ser o primeiro intelectual brasileiro a escrever um texto unicamente dedicado ao assunto, o primeiro estudo de caráter científico produzido no país, acabou virando referência. Muitos autores fizeram das palavras dele as suas e continuaram a disseminar por aí as suas ideias. Assim, a relação entre raça negra e o vício de fumar maconha foi repetidamente retomada. Isso possibilitou a consolidação da hipótese de que eu tinha sido introduzida clandestinamente por escravos no Brasil para uso entorpecente. Mas ele nem merecia ser tão citado como foi desde então. Mal

---

os saterê-mawé do Amazonas; entre os guajajara ou tenetehara do Maranhão, que chamam a maconha de Petem-ahê, que significa “fumo bravo” e também “tabaco silvestre”, e que consomem a planta para trabalhar no campo e para favorecer a caça; entre os timbira; e entre os krahô, do Tocantins, que chamam a maconha de iamhô” (MACRAE & ALVES, 2016, p. 62).

conhecia o assunto e saiu pelo mundo afora expondo um discurso carregado de preconceito e ainda fazendo uma sugestão: a minha proibição! Ganharia fôlego no país a partir daí o discurso proibicionista.

O desinteresse por parte da elite também começou a mudar... Com o fim da escravidão a realidade brasileira havia começado a se transformar. As relações de poder já não eram mais as mesmas. Não se era dono de ninguém. Todos eram, pelo menos diante das leis, livres, independente da cor da sua pele. O que isso significava ninguém sabia e a elite branca teve que se adiantar... Preocupada em manter seus privilégios intactos tratou de demarcar o seu lugar no topo da pirâmide social criando novos mecanismos de controle para as classes subalternas. Assim conseguiria manter as pessoas recém-libertas em posições sociais inferiores. A perseguição das práticas culturais dessa população tem tudo a ver com a minha criminalização. Houve nessa época a criminalização de muitas delas, como o samba, a capoeira e o candomblé. A minha proibição estava completamente vinculada à criminalização de certas pessoas. Um discurso hegemônico começava a ser construído e eu não preciso nem dizer o quanto esse discurso é carregado de preconceito.

Aos poucos esse se tornaria um movimento de nível não só nacional como também global. De repente começaram a acontecer debates no mundo todo visando o controle de certas substâncias. Na primeira *Conferência Internacional do Ópio*, realizada em Haia, foi assinada uma convenção, o primeiro tratado internacional de controle de drogas. Eu mesma fui incluída nessa discussão só um pouco mais tarde. No início, eu não era citada nesses congressos, nem pelas legislações brasileiras. O primeiro decreto nacional sobre o tema, um projeto de regulamentação de substâncias venenosas, estabelecia regulamentos e penalidades para as contravenções relacionadas apenas à venda e ao consumo de álcool, cocaína, ópio e seus derivados<sup>113</sup>, vícios elegantes. Foi a partir da segunda *Conferência Internacional do Ópio*, em Genebra, que passaram a me incluir nos debates. O médico brasileiro Jarbas Pernambuco Filho apoiou a minha inclusão nessas discussões declarando que eu era mais perigosa que o ópio. Apesar de ser uma grande mentira, essa afirmação acabou contribuindo

---

<sup>113</sup> Decreto n.º 4.294, de 6 de julho de 1921. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4294-6-julho-1921-569300-publicacaooriginal-92525-pl.html>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

para a minha proibição. No ano seguinte eu seria incluída na classificação internacional de entorpecentes.

Até então, eu costumava ser vendida no Rio de Janeiro em estabelecimentos comerciais no centro da cidade. A minha venda era anunciada nos jornais como *pito de pango*. Foi no Rio que eu vi acontecer a minha primeira proibição. Era só o início... A partir daí iniciou-se o processo de proibição em todo território nacional. Na década de 1930 foram criadas as primeiras limitações legais à minha compra e venda.<sup>114</sup> Fui incluída na lista nacional de entorpecentes de venda proibida no Brasil e a minha entrada, assim como o meu comércio, passaram a ser extremamente fiscalizados no país. Ao ser definida como uma substância entorpecente, minha fabricação e venda passaram a ser restritas a drogarias, farmácias, laboratórios e fábricas devidamente licenciados pelas autoridades sanitárias e meu uso passou a ser permitido somente com prescrição médica. Para entrar e sair do país passei a precisar de certificados de importação e exportação. Sem essa certificação meu comércio passou a ser considerado contrabando e penalidades como prisão e multas começaram a ser aplicadas aos contrabandistas ou aqueles que induzissem ou instigassem o meu uso.

Toda essa fiscalização estava de acordo com a solicitação do *Comité Central Permanente do Ópio* da Liga das Nações, demonstrando como o proibicionismo aconteceu simultaneamente em muitos lugares. Com a criação da *Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes* foram montados um aparato e uma burocracia específicos voltados à minha repressão e das demais substâncias em acordo com as medidas definidas internacionalmente. Com a *Lei de Fiscalização de Entorpecentes* a lista de substâncias assim definidas não parou mais de crescer. Passaram a ser proibidos no território brasileiro o meu plantio, cultura, colheita e exploração. As mesmas licenças e receitas continuaram a ser necessárias e os

---

<sup>114</sup> Decreto nº 20.930, de 11 de janeiro de 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20930-11-janeiro-1932-498374-publicacaooriginal-81616-pe.html#:~:text=ENTORPECENTES%20EM%20GERAL-.Art.II%20%2D%20A%20morfina>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

Decreto-lei nº 891, de 25 de novembro de 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-891-25-novembro-1938-349873-norma-pe.html>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

protocolos de importação, exportação, fabricação e venda se tornaram ainda mais complicados.

É a partir daí que surge a distinção entre os usos considerados legítimos e os não legítimos. Não nos enganemos... Não se tratava de uma simples proibição! E sim do estabelecimento de quem teria o monopólio sobre essas substâncias. Não que eu estivesse totalmente proibida no Brasil. Apesar de ilegal, algumas pessoas tinham o direito de me utilizar, receitar, vender e manipular. Mas com essas leis e decretos, órgãos e comissões, o meu manuseio ficava restrito à classe médica e policial, que era quem tinha acesso diante de todas as formalidades. De uma hora para outra a medicina passou a deter toda a legitimidade. Os médicos tornaram-se os únicos profissionais autorizados e habilitados a opinar e a produzir conhecimento sobre o assunto. Essas medidas asseguravam a continuidade dos tratamentos terapêuticos que a medicina vinha empregando com os entorpecentes, ou seja, o seu uso clínico, ao mesmo tempo em que os avanços da indústria química e a produção farmacológica eram assegurados. Por outro lado, todo o consumo que não estivesse estritamente relacionado à medicina científica não deveria ser tolerado. Então, para os outros setores da população, tidos como os leigos, meu uso e comércio havia de repente se transformado em uma prática ilícita fortemente condenada e reprimida. Preconceituosamente, meus usos medicinais mais tradicionais eram associados à feitiçaria e ao charlatanismo e, por isso, perseguidos. A penalização destinava-se aqueles que se dedicavam ao comércio informal e às práticas religiosas e de cura, principalmente a população negra e pobre.

*Eu trabalho oito horas, sete dias por semana  
Só por fumar uma erva, eu vou entrar em cana?  
Deputados cheiram bebem e não vão para prisão  
Por que é ilegal?  
Eles que lesam a pátria e sou eu o marginal  
Não, não seja alienado  
Eles falam que faz mal e você aceita calado?  
Procure se informar  
Uma erva natural não pode te prejudicar  
Quem de nós está errado?  
Você consome essas merdas e eu fumo um baseado*

*No que você pensa então?  
Eles pegam a palmatória e você estende a mão  
Desde pequeno você é induzido a fumar  
Induzido a beber  
Ouvindo a TV falar  
Diga não às drogas, use camisinha e pare de brigar  
Mas beba muito álcool até sua barriga inchar  
O que você tem na cabeça?  
Tudo que eles te falam você acha uma beleza  
Aprenda a dizer não  
Pense um pouco, meu irmão  
Você tem medo de quem?  
Eu fumo a minha erva e não faço mal a ninguém<sup>115</sup>*

---

<sup>115</sup> Planet Hemp. A Culpa é de Quem? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pdGa70W52F0>.  
Último acesso em 25 de junho de 2022.

Nos anos 1960 desabrocharam na Europa e nos Estados Unidos diversos movimentos de contestação cultural. Eles reuniam pessoas que não concordavam com a sociedade moderna e com o sistema capitalista. Contestavam, assim, o modelo de civilização imposto. Eram contra os valores conservadores, lutavam por liberdade e por uma vida mais igualitária e defendiam os direitos humanos e o respeito às minorias. Viviam uma vida não-convencional e queriam fazer uma grande revolução. E fizeram pelo menos uma revolução nos costumes... Essa reviravolta nos modos de viver gerou uma mudança profunda na visão de mundo de muitas pessoas, além de novos padrões de comportamento. Uma cultura alternativa emergia e, junto com ela, florescia o movimento hippie. Comunidades se espalharam desde então por toda parte, juntando humanos que escolheram um modo de viver mais comunitário e resgatar o espírito nômade humano. Muitos foram morar na estrada... Desejavam viver uma vida em comunhão com a natureza e eram contra as guerras. Meu uso virou um dos principais símbolos desse movimento. Afinal de contas, aqueles eram os anos 1960. A época da *psicodelia*!<sup>116</sup> Quando virou moda alterar a percepção e expandir a consciência através do uso de alucinógenos. Foi quando as drogas realmente chegaram ao Ocidente. A disseminação do meu uso aconteceu na mesma época em que as *balas* e os *doces* começaram a circular por aí. O que era chamado antigamente de *barato* começava a ficar famoso...

Houve quem tentasse compreender porque é que eu passei de uma hora para outra a ser tão usada, embora o meu uso fosse ao mesmo tempo ilegal e reprovado. O sociólogo estadunidense Howard Becker disse que nesses tempos um número desconhecido mas provavelmente muito grande de pessoas fumavam maconha nos Estados Unidos. Para tentar entender a causa disso resolveu entrevistar meus usuários. Na época, o meu uso era visto como algo que levava à perda do autocontrole, à paralisia da vontade e, por fim, à escravidão. Contra essa visão, Becker argumentou o meu uso não tem nada a ver com uma predisposição da pessoa que sente necessidade de devanear ou fugir dos problemas que não é capaz de enfrentar. Ele também disse que eu não causo dependência, já que esse é um comportamento

---

<sup>116</sup> *Psicodelia* faz referência às de substâncias psicodélicas. Segundo Albert Hofmann o termo psicodélico foi cunhado por Humphy Osmond. Nas palavras do autor: “Trata-se de agentes psicotrópicos que até o momento haviam sido denominados na literatura científica pelos termos “*phantastica*”, “alucinógenos” e “psicotomiméticos”. Não são substâncias narcóticas viciantes como a heroína opiácea ou a cocaína, com suas consequências ruins para o seu corpo e a mente” (HUXLEY, 2022, p. 14).



casual, sem caráter compulsivo e que aqueles que me usam não têm crises de abstinência. Ao invés disso, o uso frequente envolve uma mudança na concepção do próprio *usuário*, que precisa aprender antes de tudo a gostar dos meus efeitos. Primeiro se tem a curiosidade e, depois, desenvolve-se a capacidade de me usar por prazer. O *usuário* é, nesse sentido, alguém que acredita que eu posso lhe oferecer prazer, apesar de tudo o que ouviu falar na vida. Mas só isso não é suficiente... Segundo Becker, ele precisa ainda lutar contra os controles da sociedade, principalmente a moralidade, para levar o uso adiante, já que ele pode sofrer um estigma por se envolver em um comportamento considerado desviante.<sup>117</sup>

No Brasil o meu uso e de muitas outras substâncias também começou com o tempo a se disseminar entre os jovens das classes mais altas. O país, que vivia no período uma ditadura, continuava seguindo a tendência mundial conservadora de condenação radical do uso de drogas. Agora, não apenas os pretos e pobres eram perseguidos, mas todos os que eram inimigos do sistema, fossem eles estudantes, artistas ou guerrilheiros. Fazia sentido chamar todos eles *maconheiros*... Era uma forma de assegurar maior controle sobre aqueles que resistiam contra o governo ditatorial. Em 1968 foi promulgada uma das leis mais duras da história para o combate às drogas<sup>118</sup>. A legislação passou a tratar não apenas do comércio, mas também da posse e do uso de entorpecentes. O Código Penal brasileiro foi alterado para estabelecer a mesma sanção para traficantes e usuários. Estava sujeito às mesmas penalidades quem ilegalmente me vendesse, me cultivasse ou me tivesse consigo para uso próprio. Até então, o Brasil só criminalizava a conduta do traficante. Depois dessa lei, ambos poderiam ser presos. É verdade que a legislação nacional voltou atrás alguns anos mais tarde e passou a acolher a orientação internacional passando a diferenciar usuários e traficantes. No que diz

---

<sup>117</sup> Na tentativa de compreender como alguém aprende a fumar maconha Howard Becker (2008) elabora uma teoria do desvio. “A teoria começa com a pessoa que chegou a ponto de se dispor a experimentar maconha” (BECKER, 2008, p. 55). “Minha questão básica é: qual é a sequência de eventos e experiências pela qual uma pessoa se torna capaz de levar adiante o uso de maconha, apesar dos elaborados controles sociais que funcionam para evitar tal comportamento?” (p. 70) (BECKER, 2008, p. 70). O processo de aprendizagem envolve na visão do autor três passos: aprender a fumar, aprender a reconhecer os efeitos e aprender a gostar das sensações. Ao passar por essas três etapas, “Ele aprendeu, em suma, a responder “Sim” à pergunta: “É agradável?”” (BECKER, 2008, p. 67).

<sup>118</sup> Decreto-lei nº 385, de 26 de dezembro de 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1965-1988/del0385.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0385.htm). Último acesso em 25 de junho de 2022.

respeito ao tráfico, a atitude se tornaria ainda mais repressiva. A colaboração no combate ao tráfico e ao uso de drogas tornava-se a partir de então dever de toda pessoa física ou jurídica. Nas décadas seguintes, o Brasil vivenciou uma luta sem tréguas contra os maconheiros, já que o meu uso passou a ser demonizado pela imprensa. Fumar maconha virou coisa de vagabundo, e esse estereótipo foi fortemente difundido. Muitas pessoas foram presas desde então. Mas aos poucos o meu uso iria se disseminar ainda mais entre as classes altas do Brasil e do mundo, principalmente entre os jovens universitários. E isso fez com que a história começasse a mudar...

Enquanto meu uso era fortemente reprimido no Brasil e, em geral, no Ocidente, em um país do Oriente Médio, as pesquisas científicas sobre mim começavam a avançar devagar. Em Israel um pesquisador conseguiu autorização para pegar um pouco de *haxixe* apreendido pela polícia e fazer uma pesquisa. Raphael Mechoulam teve a ideia de tentar me compreender melhor olhando a minha composição química. Começou com cinco quilos, outros tantos vieram e depois de algum tempo ele conseguiu isolar pela primeira vez alguns dos meus componentes: o CBD ou *canabidiol* e, na sequência, o THC, *tetrahidrocanabinol*. Chamaram essas duas moléculas de canabinoides. Até então nenhum de meus compostos químicos tinha sido isolado. Depois que o THC foi sintetizado alguns testes foram feitos, primeiro em macacos e depois em humanos. A esposa de Raphael, Dalia, preparou um bolo de chocolate recheado com THC purificado e os próprios pesquisadores junto com seus amigos experimentaram e observaram os resultados. A hipótese de pesquisa tinha sido comprovada. O THC sozinho reproduzia quase os mesmos efeitos que a planta inteira. Logo de cara o que é considerado o meu principal princípio ativo, justamente por ser psicoativo, tinha sido descoberto. E talvez esse tenha sido o primeiro *bolonha* da história<sup>119</sup>.

Não é atoa que Raphael é conhecido como o avô da pesquisa canábica moderna. Quando ele começou quase ninguém fazia pesquisa sobre o tema ainda. Tendo descoberto que o THC é o responsável pelos meus principais efeitos no corpo humano e sendo possível produzi-lo em laboratório as pesquisas nunca mais pararam. Desde a década de 1960 até os dias recentes aqueles pesquisadores percussores continuaram firmes no seu trabalho junto com pesquisadores de muitos outros lugares do mundo. Começaram a surgir cada vez mais pesquisas científicas sobre o assunto. Nos anos 1980 meus canabinoides já estavam começando a ser usados em processos terapêuticos, apesar de os cientistas ainda não entenderem muito bem como é que eu atuava no corpo humano. Por outro lado, o efeito era inegável! Ao buscar compreender melhor meus efeitos, principalmente na mente humana, começaram a observar o cérebro e descobriram nele um receptor no qual as minhas moléculas se conectam perfeitamente. O primeiro receptor canabinoide, o CB1, foi identificado por Allyn Howlet. Descobriram na sequência outro receptor presente não só no cérebro mas

---

<sup>119</sup> In: Documentário *O Cientista* (2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIi1k5LPTBA&t=686s>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

espalhado pelo corpo, o CB2. Receptores canabinoides no corpo humano, mas quem diria... Já estávamos nos anos 1990 e os cientistas curiosos prosseguiam com as suas investigações. Olhando ainda mais atentamente para o cérebro e para a interação entre as suas células, os neurônios, perceberam que existem moléculas muito semelhantes às minhas que se ligam aos mesmos receptores aos quais eu me conecto. A verdade é que o cérebro humano produz compostos muito semelhantes aos meus. Por isso, a esses compostos deram o nome de endocanabinoides. A partir daí as coisas começaram a se misturar...

A *anandamida* foi o primeiro endocanabinóide identificado. Foi isolada em 1992, por William Devane e outros pesquisadores, sob a supervisão de Rafael Mechoulam. É um composto produzido e secretado naturalmente pelo próprio corpo humano e age de forma similar ao THC. É por isso, inclusive, que deram esse nome a ela. Em minha homenagem, ou melhor, fazendo referência aos efeitos que produz no corpo, trocaram seu nome químico *etanolamina araquidônia* por um mais bonito, derivado da junção entre *ananda* – palavra em sânscrito que significa alegria esplêndida, felicidade suprema ou, então, êxtase – e *amida*, uma característica da sua natureza química. Em seguida outra molécula com características semelhantes à anandamida foi encontrada. O *1-araquinoilglicerol* é mais conhecido como 2-AG. Todas essas pequenas descobertas reacenderam de tempos em tempos a pesquisa científica sobre o assunto, até que na virada do milênio os cientistas fizeram o que eles chamam de uma grande descoberta: o *sistema endocanabinóide*. Eis que os humanos nomearam um dos mais importantes sistemas do seu corpo olhando primeiro para a nossa interação. Investigar meus efeitos no corpo e na mente abriu portas para a compreensão do funcionamento do próprio corpo e da mente humana. A verdade é que vocês só começaram a compreender a própria cabeça a partir da sua alteração. Desde então os interesses médico e científico se voltaram para mim com todas as forças. Pois bem, quem sabe isso não ofereça pistas de como a mente de vocês funciona.

Mas o que é afinal o sistema endocanabinóide? Ainda se sabe pouco sobre ele, principalmente diante de todas as expectativas que ele suscita. Mesmo já tendo sido comprovado que ele é central na fisiologia humana, é ainda quase desconhecido e o que já se sabe sobre ele não é plenamente ensinado nas universidades brasileiras de medicina e muito menos nos outros níveis da educação. O fato é que esse é um sistema presente em todos os animais vertebrados e é possível que em invertebrados também. De qualquer forma, sabe-se

que ele está em todos os mamíferos, inclusive nos seres humanos. Poucas pessoas sabem, mas esse é um dos principais sistemas do corpo. O sistema endocanabinoide é um sistema que vem antes dos outros sistemas, interagindo de forma complexa com eles. É ele quem permite ao corpo responder ao ambiente. É muito importante também para o seu metabolismo, já que atua na regulação de muitos dos seus processos internos. Controla a temperatura e o pH, além do apetite, do sono, batimentos cardíacos e pressão sanguínea. Promove o equilíbrio hormonal e energético e o balanço de sais e fluídos. Atua, assim, na manutenção do equilíbrio do corpo, processo conhecido como homeostase. Também participa dos processos relacionados à cognição, aprendizagem e memória, à coordenação motora, e às respostas emocionais e imunológicas. Além disso, atua no sistema digestivo e no desenvolvimento do cérebro e dos ossos. Ajuda o corpo a lidar com situações de medo, estresse e ansiedade e regula a fertilidade e os processos reprodutivos. Resumindo, como disse Sidarta Ribeiro, ele é o principal maestro na orquestração das funções vitais e, por isso, é muito importante para saúde humana.

E como é que ele funciona? O sistema endocanabinoide é um sistema amplo de comunicação e de transmissão de informação sendo, portanto, um sistema de neurotransmissão. Atua na comunicação entre as células, inclusive no nível cerebral. Nos termos técnicos, existem basicamente os *receptores* e os *ligantes*. Quanto aos receptores, são divididos em CB1 e CB2. Os *receptores* canabinoides são proteínas que possibilitam a interação de substâncias vindas de fora da célula com moléculas presentes no interior dela. Eles estão espalhados por todo o corpo humano, tanto no sistema nervoso central como no periférico. Existem receptores canabinoides em órgãos e tecidos diversos e eles são muito abundantes no cérebro. Já os *ligantes*, aquelas moléculas que se ligam aos *receptores*, podem ser internos ou externos ao corpo. Conhecidas também como canabinoides, essas moléculas atuam como mensageiros químicos. Ativados por hormônios, os canabinoides são produzidos e secretados em diferentes lugares e momentos e são responsáveis por transmitir informações químicas e neurais. Os principais ligantes endógenos, produzidos pelo corpo, são a anandamida e o 2-AG. Esses são os *endocanabinoides*. Os de fora, exógenos, podem ser sintéticos ou então naturais como são os *fitocanabinoides*, meus princípios ativos.

A descoberta do sistema endocanabinoide abriu um novo campo de pesquisa, especialmente voltado para o meu uso medicinal. O interesse pelas minhas aplicações terapêuticas reúne pessoas do mundo inteiro. A ciência, e em especial a medicina, ainda

sabem muito pouco sobre o assunto. Ainda não existem testes clínicos nem ensaios suficientes para comprovar cientificamente a minha eficácia no tratamento de grande parte das doenças. Mais pesquisas são necessárias... Ao mesmo tempo, em muitos casos minha ação positiva é nítida. Sou eficaz no tratamento de várias doenças e há estudos promissores com relação ao meu uso em muitas outras. E ainda há muito a ser descoberto. A lista de doenças para as quais eu posso ser útil não para de crescer...

Tenho propriedades relaxantes, regeneradoras, anti-inflamatórias e analgésicas. Por isso, trago alívio para dores diversas. Posso ajudar com inflamações, alergias, doenças de pele, insônia e enxaqueca. Também possuo efeitos cardiovasculares e broncodilatadores. Assim, eu poderia ser usada em tratamentos para hipertensão e asma. Por meio da minha ação antitumoral posso prevenir e tratar diversos tipos de câncer e alívio também os principais efeitos colaterais da quimioterapia. Diminuo as dores e as náuseas, além de gerar fome, favorecer o ganho de peso e melhorar o sono. Como estímulo o apetite, posso ser usada também no tratamento de anorexia, inclusive em decorrência de doenças exaustivas como câncer e aids. Além disso, melhora o humor e a sensação de bem-estar e, assim, a qualidade de vida dessas pessoas. Tenho efeitos ansiolíticos e antidepressivos. Posso ser usada contra estresse e ansiedade, inclusive em tratamentos alternativos para a dependência química. Antes costumavam dizer que maconha mata neurônios. Fake news! Na verdade, hoje se sabe que meus princípios ativos são neuroprotetores, ou seja, ajudam a recuperar os neurônios e a reativar e produzir novas sinapses.<sup>120</sup> Com minha ação antiespasmódica e anticonvulsiva, diminuo espasmos e convulsões, inclusive em pessoas que têm doenças neurológicas graves, como epilepsia, autismo, Parkinson, esclerose múltipla, Alzheimer e síndrome de Tourette. Nesses casos sou uma alternativa barata e eficaz, com menos efeitos colaterais que a maioria dos os tratamentos convencionais. Em casos sem outras medicações disponíveis, sou muitas vezes a única opção e, portanto, a salvação dessas pessoas. Dizem até que eu poderia ser uma alternativa contra o coronavírus. Diversas pesquisas têm apontado o meu potencial terapêutico

---

<sup>120</sup> Contra a ideia bastante difundida de que maconha mata neurônios, Sidarta Ribeiro (2020) argumenta que “Ao contrário, maconha produz novos neurônios e novas sinapses, e essa é justamente a razão pela qual os adolescentes devem evitá-la, pois já possuem neurônios e sinapses em abundância. Pela mesma razão a maconha é cognitivamente benéfica para adultos e idosos que não pertencem a grupos de risco” (RIBEIRO, 2020, p. 69 e 70).

tanto para os doentes como para os profissionais de saúde envolvidos na luta contra essa doença.

Minhas flores produzem inúmeros compostos químicos. Os mais conhecidos são o THC e o CBD. Esses são os dois primeiros canabinoides descobertos pelos cientistas e são até hoje os mais conhecidos. Mas eles são apenas uma pequena parte do meu princípio ativo. Existe uma infinidade deles e cada dia um novo canabinoide é descoberto. Molécula por molécula identificada pelos cientistas, a lista dos meus componentes não para de crescer... Já chega a quinhentos tipos. Mas como eu disse ainda se sabe muito pouco sobre o meu potencial. O que a ciência sabe hoje é que eu atuo no nível celular. Minhas moléculas têm a capacidade de se conectar com os mesmos receptores aos quais se ligam os endocanabinoides. Assim, quando eu sou utilizada pelos humanos, parte das minhas moléculas entra em contato com as células humanas através de receptores localizados em suas membranas e provocam algumas alterações. Nas células humanas minhas moléculas funcionam como se fossem perfeitas chaves para certas fechaduras. Daí as portas serem abertas...

Um dos canabinoides mais amplamente estudados é o THC. Sabe-se que ele é o principal responsável pelo meu efeito psicoativo, e também que ele pode atuar como analgésico e relaxante muscular, além de estimular o apetite, aliviar náuseas e diminuir da pressão intraocular. É conhecido também pelo efeito estimulante e por causar euforia, o que numa situação limite pode se transformar em taquicardia, ansiedade ou paranoia, especialmente quando utilizado em doses altas. Dizem, por isso, que o THC produz um efeito bifásico ou paradoxal. Apesar de bastante conhecido, não se sabe muito bem como o age o CBD. O que se sabe é que ele, junto com o THC, produz efeitos muito interessantes. Ele pode neutralizar ou pelo menos equilibrar os efeitos do THC, melhorando seu valor terapêutico.

Existe hoje muita gente investindo na separação dos meus compostos. Isolando moléculas, criando dosagens específicas. Dizem que assim é possível controlar melhor os meus efeitos no corpo humano. Essa é a tendência de uma medicina personalizada. Mas juntos, como são encontrados na natureza, eles podem ser ainda mais potentes. Além dos canabinoides, eu possuo muitos outros componentes interessantes, como os *terpenos* e os *flavonoides*. Os *terpenos* são responsáveis pelo meu cheiro e os *flavonoides* pelas minhas cores. Todos esses compostos têm variadas aplicações terapêuticas, ainda mais quando

combinados. Quando em *comitiva*<sup>121</sup>, eles são ainda mais poderosos, já que o efeito de cada um deles é influenciado por aqueles que o acompanham. Eles agem sinergicamente... Por isso muita gente tem optado por usar a planta inteira ao invés de compostos purificados. São exemplos disso os óleos *full spectrum*. É sempre bom ficar atento aos sintéticos, já que as doses podem ser aumentadas exponencialmente e isso não é a mesma coisa que usar o que vem da natureza. Ao invés de fabricar os medicamentos artificialmente em laboratórios, é possível escolher uma variedade natural da planta que já é produzida em algum lugar do mundo. Não é atoa que ao longo do tempo milhares de variedades diferentes foram selecionadas. Hoje em dia tem maconha para tudo! Há também infinitas possibilidades de aplicação dos meus compostos e o uso pode se dar de variadas formas. Existem no mercado comprimidos, supositórios, cremes, pomadas, óleos, loções, bebidas, alimentos e até adesivos além, é claro, da planta *in natura*. Tem quem use sob a língua, via oral ou retal, sem falar no clássico uso fumado em que o efeito é mais rápido. Nesse caso o uso de instrumentos que resfriem a fumaça antes dela entrar em contato com o sistema respiratório como vaporizadores, bongs e piteiras de vidro funciona como uma forma de redução de danos.

Hoje sou considerada uma espécie vegetal de uso ancestral e uma planta medicinal de base científica sólida. Mas isso não é nenhuma novidade... Insisto que não é de hoje que as minhas propriedades são conhecidas pelos seres humanos. Como vocês viram sou usada há milênios, desde os primórdios da história da humanidade. No Brasil o meu uso é observado não só no ambiente clínico, mas em contextos diversos. Está espalhado por todas as classes sociais, gêneros, raças e algumas etnias, incorporando desde as manifestações da religiosidade afro-brasileira e afro-indígena, passando por usos terapêuticos e chegando até o que chamam de uso recreativo ou social. Ainda assim, esse assunto permanece sendo um tabu e a sua discussão é quase sempre muito polêmica, já que eu continuo sendo uma planta proibida no país. Especula-se agora o meu potencial terapêutico através do que se convencionou chamar de uso medicinal, ao passo que os outros usos, que não sintéticos ou prescritos, continuam proibidos. Tentaram, inclusive, desmembrar o assunto em duas pautas distintas: uso medicinal, de um lado, e uso recreativo do outro. Um é digno e o outro mal visto. Mas na

---

<sup>121</sup> O efeito da ação sinérgica dos componentes da maconha é conhecido como *efeito comitiva* ou, em inglês, *entourage effect*.



prática não é tão fácil assim separar essas duas coisas... Há, inclusive, quem problematize essa separação, apontado suas consequências. Muitas pessoas afirmam que essa divisão gera a fragmentação da luta antiproibicionista e a perpetuação da repressão aos usos mais tradicionais, bem como o acirramento das desigualdades sociais e raciais, inclusive no que diz respeito ao acesso aos produtos oferecidos pela indústria farmacêutica. Não nos enganemos... Nós estamos falando da tentativa de criação de uma nova terapia aliada aos interesses do capital e de um mercado em expansão. A indústria farmacêutica acabou de começar a explorar meu potencial. Antes ela parecia mais interessada na proibição. Tantos outros remédios para tratar especificamente cada uma das dores do corpo e da alma humana. Por que reunir tudo em apenas uma planta? Ainda mais sem patente. Quantas vendas seriam perdidas... Mas agora que isso já é uma realidade, como ser oportuno e aproveitar a situação? Desenvolvendo uma infinidade de compostos, personalizados para cada pessoa ou então para cada patologia. Tratando o que pode ser considerado um *fitoterápico* como se fosse um fármaco perigoso. Colocando, quem sabe, uma tarja preta. Por mais que este assunto seja um tanto complexo, eu continuo sendo só uma planta!

Em 2006 foi promulgada a última legislação sobre o assunto.<sup>122</sup> A atual lei de drogas ainda me trata como um problema de saúde pública, ao propor uma política de prevenção ao uso de drogas e medidas de assistência e reinserção social dos usuários. Essa lei reconhece que algumas plantas são usadas de forma ritualística ou então religiosamente, mas não me inclui nessa categoria. Assim, prevê a minha utilização apenas para fins medicinais e científicos e continua reprimindo o tráfico de drogas. Mas, diferente das legislações anteriores, não considera mais o meu porte e cultivo para consumo próprio como tráfico como fazia anteriormente e elimina a pena de prisão para usuários. A verdade é que não existem no país muitas políticas de prevenção e de redução de danos. E a diferenciação entre usuários e traficantes é subjetiva e muitas vezes arbitrária, já que não existe na lei especificações sobre a quantidade permitida para usuários. É também fortemente atravessada pelas marcações de classe e raça e envolve preconceito, corrupção e abusos de poder. Sabemos o quanto a polícia

---

<sup>122</sup> Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm#art75](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11343.htm#art75). Último acesso em 25 de junho de 2022.

pode ser seletiva, cruel e violenta, ainda mais se tratando de pessoas que vivem nas periferias brasileiras. Não é que os traficantes tenham cor e classe social específicos, mas jovens negros e pobres são comumente associados à venda de drogas. Puro racismo! É contra isso que lutam aqueles que querem uma legislação de drogas que faça a reparação histórica necessária. Não dá para ignorar ou esquecer tudo que causou o proibicionismo.

Países do mundo todo têm discutido atualmente a questão. O debate avança até que rápido mesmo na periferia global. Em um momento em que vários países vêm questionando a eficácia da guerra às drogas e repensando as suas políticas proibitivas no sentido de legalizar, regular ou, ao menos, descriminalizar o seu uso, utilizando essa liberação inclusive para salvar economias em crise, o Brasil caminha no sentido contrário. Consequência disso é a luta sem fim contra o tráfico, expressa na violência policial, que causa tantas mortes nas periferias e o encarceramento em massa dessa população. A guerra às drogas é responsável por um aumento gigantesco no número de prisões, o que faz com que o país tenha uma das maiores populações carcerárias do mundo. Apesar do atraso na discussão, o uso medicinal segue crescendo no país. A maconha medicinal já é uma realidade. Mesmo ainda sendo um remédio proibido cada vez mais pessoas conseguem o direito de plantar ou importar, principalmente nos casos de doenças graves. Aos poucos elas tem conseguido o direito de se usar como remédio. Cada vez mais decisões judiciais são favoráveis... Mas o processo ainda é muito burocrático e, por isso, o que era para ser barato acaba saindo caro.

O usuário precisa antes de tudo de uma prescrição e um laudo médico e de um advogado. Conseguir a prescrição é um desafio. Muitos médicos nem conhecem as minhas propriedades, já que não receberam nenhuma formação nesse sentido. Além da falta de conhecimento, há também certa insegurança de receitar algo que ainda é proibido. Por outro lado, existe ainda um despreparo das próprias agências sanitárias nacionais para lidar com a regulamentação dos pedidos de autorização e para orientação dos médicos e usuários. Tudo depende também da sorte de cair nas mãos de juizes bem informados e do privilégio de poder pagar por um advogado especializado. De certa forma, pode-se dizer que hoje em dia o meu uso terapêutico é legal para quem é rico. Para quem pode comprar produtos nacionais recém-autorizados e extremamente caros ou importar medicamentos de outros países e, ainda, gastar com advogado. Assim, enquanto algumas pessoas conseguem a autorização para importação ou cultivo, outras são acusadas de tráfico de drogas e chegam a ser presas por isso. E ao lutar

pelo acesso aquilo que usam como medicamento, elas ainda sofrem preconceito. Um desrespeito com essas pessoas e com as suas famílias. A verdade é que ainda existem muitos empecilhos no Brasil para se tratar com maconha e também para se fazer pesquisa. Uma coisa retroalimenta a outra, como num círculo vicioso. Não tem pesquisa porque é proibido e é proibido porque não tem pesquisa. E apesar da ciência começar a reconhecer meus benefícios para a saúde humana, as pesquisas realizadas na área médica estão ainda muito distantes das análises sociais feitas nos últimos tempos sobre o assunto. Já vimos como em diversos outros momentos da história, o discurso médico contribuiu para que as elites hegemônicas continuassem a exercer controle sobre outros grupos sociais. Talvez ajudasse fazer mais estudos interdisciplinares...

*Chama a ganja*

*Apelidou a menina*

*Indica ou sativa*

*Erva feminina, sim!*

*Então se há cânhamo*

*Se é fêmea formou*

*Na chama do pipe esfumou*

*Passa trago na bola de um, vai*

*Pula o sapo senão não volta mais*

*Pega a seda no seu bolso atrás*

*Que o suor faz a cola não descolar mais*

*Baseada em fatos reais, apura*

*Legalize a planta é poder de cura*

*Venenoso é o plantio de toda a censura*

*Sistema labba labba hipócrita oprime julga*

*O meu trevo da sorte vem da terra em cinco pontas*

*Se liberar pros babylon não vai fechar a conta*

*Mas não vão nos enclausurar em suas tarjas pretas*

*Mulheres pretas...*

*A planta é danada causa onde passa*  
*O sinal verde é o cheiro da fumaça*  
*A planta é danada causa onde passa*  
*O sinal verde é o cheiro da fumaça*  
*A planta é danada causa onde passa*  
*O sinal verde é o cheiro da fumaça*  
*A planta é danada causa onde passa*  
*Palestrantes narram experiências profissionais*  
*Uso terapêutico dos canabinoides*  
*Interesses econômicos*  
*E o preconceito interrompe o avanço*  
*Ela vem da terra*  
*Tranquilizante*  
*Natureba*  
*Concentração*  
*Sono para quem precisa*  
*Ganja sativa reativa*  
*Melhoras significativas*  
*Em quem precisa*

*High grade*

*Mais uma erva sagrada que cultiva a história*

*High grade*

*Uso medicinal que cura com sua glória!*

*Ganja meditation relaxa meu coração*

*Eleva o pensamento em qualquer situação*

*Com a mente concentrada abre terceira visão*

*Que acalma o pensamento pra pegar a direção*

*Em várias situações eu acendo*

*A ganja anda comigo, nos boy e também no gueto*

*Não vem me apontar falando do seu preconceito*

*Meditação sabedoria é o verdadeiro efeito*

*High grade*

*Mais uma erva sagrada que cultiva a história*

*High grade*

*Uso medicinal que cura com sua glória!*

*Marijuana me faz viajar*

*Na Holanda Lemon Haze meditar*

*Itália é 4:20 até chapar*

*Spain cannabis club pra fumar*

*Portugal haxi do green pra carburar*

*UK Easy Skunk táno ar*

*Alemanha tem o chá pra relaxar*

*Na Austrália só o verde pra brisar*

*Na vibe natural*

*Ganja é espiritual*

*Legaliza Brasil a erva medicinal*

*Baseado na cura Lei Di Dai fala a real*

*Sensimilla faz a mente e taca fogo em todo mal*

*Femina Femina Femina Femina Ganja*

*Femina Femina Femina Marihuanna*

*Femina Femina Femina Femina Ganja*

*Femina Femina Femina*

*Pesada!*<sup>123</sup>

---

<sup>123</sup> Sister Carol, Laylah Arruda, Shirley Casa Verde, Mís Ivy e Lei Di Dai. *Femina Ganja*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aDFRPfJzq0>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

Não podemos nos esquecer que sempre existiram movimentos de resistência e de luta contra a proibição. Ainda bem que já existem alternativas criadas a partir da associação de pessoas que se juntaram porque realmente precisam desse medicamento. Existem hoje no país dezenas de *associações*<sup>124</sup>, coletivos organizados em torno de um objetivo comum. Essas associações não apenas refletem como fortalecem a luta pela minha regulamentação. Facilitam o acesso ao remédio e também ao conhecimento sobre o assunto. São espaços de compartilhamento de saberes e lugares de acolhimento, já que trazem segurança e pertencimento, além de oferecer suporte técnico, jurídico e afetivo à comunidade. São os pilares da transformação social já que participam da democratização da maconha medicinal no país. Mesmo assim muitas continuam na ilegalidade... O cultivo sem permissão, inclusive em associações, é um ato de desobediência civil fundamental nessa luta, já que foi o que manteve as tradições de uso e cultivo vivas ao longo da história, mesmo com a proibição. Foi assim que eu pude persistir até aqui junto com vocês.

Desde os anos 1990 as pessoas fazem anualmente passeatas pela minha liberação no mundo todo. São as *Marchas da Maconha*. No Brasil houve um tempo em que tentaram proibir manifestações desse tipo, acusando os participantes de apologia ao crime e incitação ao uso de drogas. Mas a repressão a esse movimento teve fim com a decisão do Supremo Tribunal Federal de que essa proibição é uma ameaça à liberdade de expressão. Tudo isso representa um resumo do ativismo canábico... Um movimento de cooperação e de solidariedade entre cultivadores, usuários e pacientes. O encontro de mães que lutam pela saúde de seus filhos e militantes que lutam pela liberdade de cultivar o que consomem. A convergência de pessoas na luta pela minha liberação e pelo direito de me cultivar e utilizar. Uma aliança em torno de uma pauta comum. O sonho da legalização e a luta por justiça social.

---

<sup>124</sup> Segundo o Guia das Associações de Cannabis no Brasil (2021), existem hoje 39 associações, espalhadas pelas diversas regiões do país. “No caso da cannabis, as associações são pilares fundamentais do ativismo em prol do acesso para fins terapêuticos no Brasil, não apenas pelo fortalecimento da pauta, mas pela estrutura que permite suporte aos associados e, em alguns casos, o fornecimento do remédio à base da planta” (OPEN GREEN, 2021). “Nem todas as associações canábicas no Brasil cultivam ou são focadas no viés medicinal da cannabis – algumas organizações são voltadas para a pesquisa, enquanto outras abordam outros usos, como social e religioso, da maconha. Mas cada uma, a sua maneira, contribui para que o acesso à cannabis seja facilitado no país” (OPEN GREEN, 2021).

Um novo projeto de lei está a caminho.<sup>125</sup> Ele permite o cultivo associativo e empresarial, mas não garante o cultivo individual. Só autoriza a cannabis medicinal e o cânhamo industrial. O cultivo doméstico não é previsto por esse projeto, apesar dele já ser uma realidade no país. Ele também não propõe nenhum tipo de reparação social. É apenas o primeiro passo... E, por isso, é preciso mais do que nunca discutir como a legalização vai acontecer. Pessoas reunidas exercem pressão e podem acelerar e influenciar nas tomadas de decisão. As garantias individuais vão aos poucos minando o sistema. Mais cedo ou mais tarde, tudo será diferente...

*Alô, Alô população*

*Planeta Terra*

*Veja quem lucra com a proibição*

*E você vai descobrir*

*Quem sustenta essa guerra*

*Mentes criminosas doutrina mentes adormecidas*

*Pra seguir demonizando a cannabis sativa*

*Essa bendita planta*

*O plano é baseado*

*No medo e na ignorância alheia*

*Semeia discórdia E planta informação errada*

*Adulterada*

*Esse é o esquema dos caras*

*A planta é revolucionária*

*Só não vê quem não enxerga*

*Há mais de 10 mil anos salvando o planeta Terra*

*Jardineiro não é traficante (ouçam)*

*Jardineiro não é traficante (escutem)*

---

<sup>125</sup> Projeto de Lei nº 399, de 23 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=947642>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

*Jardineiro não é traficante (ouvi dizer)*  
*Ouçã o que eu tô lhe dizendo, cumpadi*  
*Não compre, plante!*

*Jogou a semente no vaso e fez bem*  
*Jardineiro fiel possui a fórmula do amor*  
*Te digo que até hoje não matou ninguém*  
*Deixa a planta crescer já tamo na fase da flor*  
*Depois joga na mente que pra fazer pensar*  
*Quem pensa se levanta e tem coragem pra lutar*  
*Nossa luta é diferente*  
*É pra fazer curar*  
*Pra curar ignorância do medo de uma planta*  
*Futuro é canábico*  
*Tio Sam legalizou*  
*Falam de guerra às drogas*  
*Tu sabe que é caô*  
*É química que eles querem e vão falar com o dotô*  
*Eu quero sabedoria e vou falar com o vovô*  
*E ele disse*

*Jardineiro não é traficante (ouçam)*  
*Jardineiro não é traficante (escutem)*  
*jardineiro não é traficante (ouvi dizer)*  
*Ouçã o que eu tô lhe dizendo, cumpadi*  
*Não compre, plante!*<sup>126</sup>

---

<sup>126</sup> Planet Hemp. *Jardineiro*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7SHsNEH4jdM>. Último acesso em 25 de junho de 2022.



*Ina secret garden*

*A heart burns on fire*

*Ina bablylon style*

*It could be sweet...*<sup>127</sup>

Jardins secretos sempre existiram, seja na Babilônia Antiga ou na Idade Moderna. Jardins secretos sempre existiram e estão espalhados por todos os cantos deste planeta. Jardins secretos sempre existiram... Shhh! Isso é ainda hoje um segredo. O fato é que observando meus hábitos, os humanos aprenderam a me cultivar. Apesar de forte, sou delicada. Sou uma planta que gosta de atenção. Adoro os cuidados humanos, com eles posso me desenvolver plenamente. Eles cuidam de mim com tanto carinho que eu só posso desabrochar em flores lindas, perfumadas e cheias de resina prontas para serem fumadas.

Eu não preciso de tanto para me desenvolver... Muita luz e pouca água. Sou uma planta que adora o sol. Meu ciclo de vida é anual. No meu habitat natural cresço no verão e floresço no outono. No inverno congelo minhas sementes e com o derretimento da neve na primavera volto a germinar. É que o meu desenvolvimento depende do que chamam de fotoperíodo. Quando os dias são mais longos que as noites, ou seja, quando temos mais horas de sol por dia como é no verão, eu uso toda essa luz para crescer. Eis o meu período vegetativo ou a *vega*. A diminuição da luminosidade é o que estimula a minha floração. Com a passagem do verão para o outono, os dias vão ficando cada vez mais curtos, com menos horas de sol. É quando começa a *flora*.

Também há entre nós uma divisão sexual. Sou uma planta dioica e, portanto, os sexos são separados. Existem plantas femininas e masculinas. Mas entre nós são as fêmeas que dominam. Somos maioria feminina já que ninguém gosta muito dos machos da nossa espécie. É que nas plantas fêmeas está concentrada a maior quantidade de resina e, portanto, do meu princípio ativo. A transição entre a *vega* e a *flora* é extremamente importante, já que é quando se torna possível identificar o sexo das plantas e, assim, evitar a polinização e a

---

<sup>127</sup> Anelis Assumpção. *Secret*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=DIj\\_pYHRr7o](https://www.youtube.com/watch?v=DIj_pYHRr7o). Último acesso em 25 de junho de 2022.

formação de sementes e priorizar o desenvolvimento das flores. A solução é matar os machos ou então deixá-los bem longe das fêmeas.

Há diversas formas de plantar, diferentes tipos de cultivo. Dá para plantar na cidade e no campo. Cresço tanto em áreas externas como internas. Em varandas, janelas, sacadas ou qualquer lugar onde eu possa avistar um pedaço do céu e receber um pouco de luminosidade diária ou, ainda, em ambientes fechados artificialmente iluminados. Assim, meus cultivos ocupam tendas, estufas, armários, banheiros, pedaços de computador velho e, é claro, quintais e jardins. Os cultivos *indoor*<sup>128</sup> buscam um rendimento alto e têm a vantagem de serem escondidos. Mas esse tipo de cultivo envolve a compra de muitos equipamentos, alguns caros, como vasos, substratos, lâmpadas e fertilizantes. Essa é uma forma de plantar que usa tecnologias desenvolvidas em países de clima temperado onde não se tem muitas horas de sol por dia. Por isso a iluminação artificial. Os *grows*, no geral, são ambientes altamente controlados, alguns são verdadeiros laboratórios. Usam solo inerte, e por isso precisam fornecer nutrientes às plantas diariamente, através de adubos químicos. Correm o risco de sofrerem ataques de pragas, principalmente de fungos, justamente por serem fechados. Além de implicar em um consumo alto de energia elétrica, o jardineiro que optar por esse tipo de cultivo vai precisar entender um pouco de iluminação e ventilação, ou então ter por perto alguém confiável que entenda, já que é preciso fazer circular o ar e dissipar o cheiro, ainda mais quando o que se faz é proibido. Sem falar que em alguns lugares isso tem ajudado a destruir o meio ambiente<sup>129</sup>.

Em cultivos *outdoor*, em áreas externas, eu não preciso de tantos utensílios para me desenvolver. O jardineiro só vai precisar de alguns vasos, se não houver área externa com chão de terra, uma terra bem adubada e as sementes. Simplificando bastante as coisas, são basicamente três tipos de semente de maconha que se encontra hoje em dia para comprar. Elas

---

<sup>128</sup> Segundo Sérgio Vidal (2010), os cultivos indoor surgiram no último século e viraram febre nos Estados Unidos e na Europa a partir da década de 1960. Nas décadas seguintes, as informações sobre cultivo foram sistematizadas e publicadas em diversos livros, revistas, sites e guias de cultivo. Daí a serem os mais conhecidos. Para mais detalhes sobre a história do cultivo indoor, ver: VIDAL, 2010, p. 25 - 35.

<sup>129</sup> In: JOHNSON, 2017.

podem ser *regulares* ou *feminizadas* e ainda *automáticas*<sup>130</sup>. Dizem que cada *strain*<sup>131</sup> tem efeitos únicos na mente e no corpo humano. As predominantemente *indicas* são mais relaxantes, enquanto as *sativas* são mais eufóricas. Na prática a diferenciação não é assim tão simples, já que a maior parte delas é *híbrida*, ou seja, essas duas variedades combinadas em porcentagens variadas o que representa na prática uma infinidade de efeitos diferentes. O que pode ser encontrado em suas descrições nos banco de sementes ou, como chamam no exterior, nos *seed banks*. Mas como no Brasil muita gente planta *preseed*, as sementes do *prensado*, fica difícil identificar qual é o tipo e também não vai dar para saber logo de cara as sutilezas das suas aplicações terapêuticas. Uma pena! Fazer o que se às vezes essa é a única coisa que se tem para começar a plantar...

O Brasil é um país privilegiado, de dimensões continentais, com clima favorável para o meu cultivo em muitas de suas regiões. Em alguns lugares o método de cultivo *outdoor* parece ser perfeito, já que se tem sol quase o ano inteiro. Em cultivos externos é o sol quem faz a maior parte do trabalho. Pena que são muito expostos. Um cultivo desse tipo pode oferecer perigo ao jardineiro. Em um país onde plantar maconha é ilegal, eles podem ser vistos por vizinhos e denunciados para a polícia. Isso acaba gerando muitos problemas... Muita gente já foi parar na cadeia. É por isso que algumas pessoas usam estratégias de *guerrilha*, me plantando em lugares escondidos e de difícil acesso. Nesses cultivos eu me viro sozinha e o jardineiro ou jardineira só me dão o suporte necessário para me desenvolver me visitando de tempos em tempos, jogando um pouco de água e acompanhando o meu crescimento.

No mundo em que vivemos a aproximação e o cuidado com as plantas só podem acontecer diante de uma paixão em vocês despertada. *Autocultivo* é cultivar a si mesmo e a planta para uso próprio. É cultivo caseiro... E jardinagem canábica é sobre amor e

---

<sup>130</sup> As sementes feminizadas, diferentemente das regulares, são sementes que tem maior chance de dar origem a plantas fêmeas. Já as sementes autoflorescentes ou automáticas são aquelas que não dependem da variação do número de horas de sol por dia para florescer. Elas surgiram do cruzamento genético de variedades *indicas* e *sativas* com *ruderalis*, variedade que é naturalmente autoflorescente, ou seja, não-fotoperiódica.

<sup>131</sup> A palavra *strain* vem do inglês e significa cepa e tem a ver com a genética da planta. É o que define o perfil químico da planta. Cada *strain* tem características muito específicas, desde a sua morfologia até os seus efeitos.

reciprocidade nas relações, humanas e não-humanas. Algo que só se aprende com o tempo e com a prática. Uma relação de companheirismo e de parceria. Uma interação cotidiana... Plantar é resistência! A não ser que estejamos falando de quem fez disso um grande negócio. Um sistema a todos nós imposto. A clássica *plantation*, ou então, o agronegócio. Uma desconexão profunda através da mercantilização de tudo. Como se todas as coisas fossem mercadoria, inclusive a natureza... A agricultura convencional é orientada exclusivamente para a produção de lucros, por isso as grandes monoculturas. É pautada pela lógica do consumo e causa como consequência a destruição do meio ambiente. No fim, nada mais é do que capitalismo. Talvez a gente devesse olhar para o modo como os mais antigos plantavam... Fazer o resgate do conhecimento tradicional e promover um encontro entre esse conhecimento e o conhecimento científico. Quem sabe vocês não descubram modos de cultivar diferentes, desenvolvidos localmente. O Brasil poderia usar tecnologia nacional ao invés de tecnologias desenvolvidas em outros lugares do mundo, com o clima e o solo completamente diferentes do seu.

Importante lembrar que a Terra não é uma paisagem estática, assim como o solo não é algo inerte e sim um sistema complexo, ou melhor, um ecossistema, onde espécies diversas estão em interação. O solo é vivo! Nele, convivem seres de variados reinos. Espécies botânicas que juntas crescem e interagem com outras espécies de plantas e bichos. Relações complexas, harmônicas e desarmônicas<sup>132</sup>. Não poderia ser diferente quando se vive na diversidade... E o solo tropical é completamente diferente do solo de clima temperado<sup>133</sup>.

---

<sup>132</sup> Nas palavras de Ana Primavesi (2014): “Todos os ecossistemas são um conjunto de componentes abióticos e bióticos, como de solos, plantas, animais, clima (incluindo aqui altitude). Quer dizer, o solo será aquilo que o clima e as plantas fizerem dele. O solo perde sua função se não estiver interagindo com plantas e clima. E as plantas serão o que conseguirem fazer do solo e do clima. E todos os três fatores têm de estar perfeitamente sincronizados” (PRIMAVESI, 2014, p. 23).

<sup>133</sup> Segundo Primavesi (2014) o solo tropical é muito diferente do solo temperado. “Nos trópicos, não é a massa de nutrientes acumulada em pouco volume de solo que faz produzir, mas a quantidade de solo à disposição das raízes, e que depende da vida aeróbica intensa do solo e de seu estado e grau de agregação. É a tecnologia do acesso, na qual a raiz necessita ter a possibilidade de alcançar os nutrientes e a água, distribuídos no perfil profundo do solo. A mesma quantidade de adubo distribuída para quatro volumes de solo produz três vezes mais que quando concentrada em um volume de solo. Quanto maior a raiz, maior a produção. O solo tropical não é “fértil”, segundo parâmetros norte-americanos ou europeus. Ele é produtivo quando sua vida é manejada adequadamente, não necessitando de fertilização, mas de vivificação, animando sua vida pela quantidade suficiente de matéria orgânica diversificada e, certamente, sem deficiência aguda de algum nutriente essencial e água, além de ar” (PRIMAVESI, 2014, p. 27). Na visão da autora, o ecossistema tropical é exatamente do que as plantas necessitam em clima quente para produzir. E, em princípio, o ecossistema tropical é muito mais

Dizem que é mais pobre e menos favorável para a agricultura, como se ele precisasse ser corrigido e adubado, mantido limpo por herbicidas e os parasitas devessem ser controlados por defensivos agrícolas tóxicos. Na verdade o solo tropical é outro ecossistema. É um solo mais profundo e mais quente. A reciclagem de matéria orgânica e a evaporação da água são muito mais rápidas. Tudo está em constante movimento...<sup>134</sup> Por isso parece tão interessante fazer cultivos orgânicos e aproveitar a sinergia que já existe entre as plantas. Considerar que muitas delas já se conhecem há muito tempo, sendo plantas amigas. Fazer consórcios com elas... Contra a monocultura da *plantation*, estimular a diversidade plantando agroflorestas.

Algumas pessoas já perceberam que a agricultura é a base da vida humana e a importância de plantar o que se come e se consome, de cuidar da nossa morada e de conviver de forma mais harmoniosa com a natureza, respeitando o planeta Terra, ou melhor, *Gaia*<sup>135</sup>.

produtivo que o temperado. A profundidade compensa a sua pobreza de nutrientes possibilitando uma produção até 5 vezes maior do que em clima temperado. Mas, para isso, O manejo do solo precisa ser feito de maneira integrada com o meio ambiente. “Entretanto, como os agricultores vieram de Portugal, Itália, Alemanha, Polônia, enfim, de regiões europeias de clima temperado, eles acreditavam que seu sistema era o mais adequado e destruíram os solos tropicais, nunca conseguindo colheitas elevadas com sua mania de revolver o solo profundamente e colocar o máximo de nutrientes à disposição das culturas” (PRIMAVESI, 2014, p. 27).

<sup>134</sup> É por isso que Primavesi (2014) argumenta que “a tecnologia agrícola de clima temperado não serve para o ecossistema de clima tropical” (PRIMAVESI, 2014, p. 23).

<sup>135</sup> Ao falar em *Gaia*, refiro-me à hipótese de James Lovelock (2014), retomada por Isabelle Stengers (2014) e Donna Haraway (2016): *Um modelo para a dinâmica planetária e celular*. Segundo Stengers (2014) “The name Gaia clearly alludes to the daring proposition of James Lovelock and Lynn Margulis to consider the Earth as a na individual quase-living existente, gifted with its own way to answer what affects it, an existent which they characterized as a self-regulating, complex system that maintains the optimal conditions for life on the planet” (STENGERS, 2014, p. 1). Para Haraway (2016) “Gaia is not a person but complex systemic phenomena that composes a living planet. Gaia’s intrusion into our affairs is a radically materialista event that collects up multitudes. This intrusion threatens not life on Earth itself – microbes will adapt, top ut it mildly – but threatens the livability of Earth for vast kinds, species, assemblages, and individuals in a “event” already under way called the Sixth Great Extinction (HARAWAY, 2016, p. 43). Em outra passagem a autora explica: “Stengers, like Latour, evokes the name of Gaia in the way James Lovelock and Lynn Margulis did, to name complex nonlinear couplings between processes that compose and sustain entwined but nonadditive subsystems as a partially cohering systemic whole. In this hypothesis, Gaia is autopoietic – self-forming, boundary maintaining, contingent, dynamics, and stable under some conditions but not others. Gaia is not reducible to the sum of its parts, but achieves finite systemic coherence in the face of perturbations within parameters that are themselves responsive to dynamics processes. Gaia does not and could not care about human or other biological beings’ intentions or desires or needs, but Gaia puts into question our very existence, we who have provoked its brutal mutation that threatens both human and nonhuman livable presents and futures. Gaia is not about a list of questions waiting for rational policies; Gaia is an intrusive event that undoes thinking as usual. “She is what specifically questions the tales and refrains of modern history. There is only one real mystery at stake, here: it is the answer we, meaning those who belong to his history, may be able to create as we face the consequences of what we have provoked” (HARAWAY, 2016, p. 43 e 44).

Essas pessoas vivem fazendo um manejo ecológico do solo e experimentando receitas caseiras. Tornaram-se jardineiras e jardineiros, bruxas e alquimistas... Tem gente que sonha em um dia poder cultivar sem se preocupar tanto com as consequências que isso poderia ter. Sem se esconder, sem nos colocar em estufas ou armários fechados. Podendo nos oferecer os melhores cuidados, para que a assim possamos florescer. Pena que hoje em dia no Brasil ainda é extremamente importante manter o segredo. Existe muita gente vivendo nas ruínas do capitalismo. No quilombo, na margem, no mangue, periferia global ou então na favela. Fazendo cultivo urbano ou então de volta para o campo. Preservando fragmentos florestais em meio à selva de pedras. Plantando florestas comestíveis dentro das grandes cidades. Reciclando e reflorestando... Movimentando uma economia mais solidária e cultivando um pensamento mais livre.

*Enquanto a vizinhança fala mal*

*Eu planto várias flores e ervas no meu quintal*

*O alimento pra alma com poder medicinal*

*Perfuma o ambiente e tem o efeito natural*

*Agradeço pela vida que surge do nosso chão*

*A semente que germina traz a cura da nação*

*A ciência já provou mas o sistema quer lucrar*

*Sintonizo a frequência do criador pra me elevar*

*Vários usam formas artificiais*

*Esquecem como viviam os nossos ancestrais*

*Abusam da terra, contaminam e concentram demais*

*Por isso plante com amor e colha a paz*

*Eu quero flores de todas as cores no meu jardim*

*Eu quero flores*

*Eu quero ervas de todos os tipos no meu quintal*

*Todos sabores*

*Eu quero flores de todas as cores no meu jardim*

*Eu quero flores*

*Eu quero ervas de todos os tipos no meu quintal*

*Todos sabores*

*Quem receitou as mentiras que trazem pro nosso povo o medo e desamor?*

*Quem aceitou as manobras que sustentam e viabilizam todo esse terror?*

*O poder da Terra sempre da Terra será, Gaia*

*O grave conduz a onda na hora de chacoalhar*

*Chacoalha treme terra*

*Traz a paz pra essa guerra, Gaia*

*Expande os horizontes das mentes pra nova era, Gaia*

*Gaia, Gaia*

*Princípio ativo original*

*Vida que poliniza, polemiza, poliniza, polemiza*

*Et cetera e tal*

*Navegantes do universo na viagem sem final*

*Jardineiros libertários da cultura ancestral*<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> Jota 3 e BNegão. *Flores e Ervas*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zf6KefChEso>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

Pena que tudo isso é só uma estória de ficção e eu sou apenas uma invenção, uma voz na cabeça de um ser humano. Pura imaginação! Ainda assim eu ainda existo, pelo menos enquanto ideia... E do futuro, quem sabe? Se eu pudesse começar a ser plantada como semente em outras cabeças. Dentre as infinitas possibilidades de existência futura, essa é só mais uma. Eu sei, um tanto utópica. Nem que eu pudesse prever onde os seres humanos podem chegar com seus modos de vida e sua vã filosofia. Mas se pudesse apontar no horizonte outro caminho adiante, um lugar possível e um amanhã diferente, eu miraria nesses pedacinhos de terra que vão sobrar no chão da mãe-terra. Estamos longe do fim...

*Não jogue fora as sementes  
 Guarde pra mim por favor  
 Vou transformar as sementes  
 Numa semente de amor  
 Eu quero ver se eu consigo  
 Fazer a transformação  
 Eu quero ver se eu consigo  
 Plantar amor pelo chão  
 Amor pro meu corpo, amigo  
 Amor pro seu coração  
 Amor pro resto do mundo  
 Se somos todos irmãos*

*Não jogue fora as sementes  
 De pêra, uva, melão  
 Jabuticaba, laranja  
 De tangerina ou limão  
 Eu quero todas sementes  
 Quero em amor transformar  
 Com uma forma de enxerto  
 Terei amor pra plantar  
 Pro bem da humanidade  
 Pro amor que me fez chorar  
 Pra juventude de fibra*



*Eu quero amor pra plantar  
Amor pro meu corpo, amigo  
Amor pro seu coração  
Amor pro resto do mundo  
Se somos todos irmãos*<sup>137</sup>

---

<sup>137</sup> Marcelo D2. *As Sementes*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uj51TthocqM>. Último acesso em 25 de junho de 2022.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

BATESON, Gregory. *Mente e Natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BATESON, Gregory. Os homens são como a planta – A metáfora do processo mental In: THOMPSON, William Irwin (org.). *GAIA – Uma Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Gaia, 2014.

BAUDELAIRE, Charles. *O Poema do Haxixe*. São Paulo: Aquariana, 2003.

BECKER, Howard Saul. *Becoming a Marijuana User*. *The American Journal of Sociology*, vol. 59, n. 3, novembro 1953.

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRANDÃO, Marcílio Dantas. Ciclos de atenção à maconha no Brasil. In: *As diversas faces de uma planta mal compreendida*. *Revista da Biologia da USP*, volume 13(1), dezembro 2014.

CARLINI, Elisaldo Araújo. *A história da maconha no Brasil*. *J Bras Psiquiatr*, 55(4), 2006.

CARNEIRO, Edison. *O Quilombo dos Palmares*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

COCCIA, Emanuelle. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, Emanuelle. *A Virada Vegetal*, n-1 edições, 2020.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix . *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

- GAUTIER, Théophile. O Clube dos Haxixins. Porto Alegre: L&M, 1986.
- GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.
- GODLASKI, Theodore M. Shiva, Lord of Bhang. *Substance Use & Misuse*, 47, 2012.
- HARAWAY, Donna. O Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*, Durham: Duke University Press, 2016.
- HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- HUXLEY, Aldous. *As Portas da Percepção*. São Paulo: Globo, 2002.
- HUXLEY, Aldous. *Moksha: os escritos clássicos de Aldous Huxley sobre psicodélicos e a experiência visionária*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2022.
- JOHNSON, Nick. *Grass Roots: A History of Cannabis in the American West*. Oregon State Press, 2017.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cabogó, 2019.
- LABATE, Beatriz Caiuby & GOULART, Sandra Lucia. *O uso de plantas psicoativas nas Américas*. Rio de Janeiro: Gramma/NEIP, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- MACRAE, Edward & ALVES, Wagner Coutinho (Org.). *Fumo de Angola: cannabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade*. Salvador: EDUFBA, 2016.
- MALCHER-LOPES, Renato & RIBEIRO, Sidarta. *Maconha, Cérebro e Saúde*. São Paulo: Editora Yagé, 2019.
- MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MASTNAK, Tomaz; ELYACHAR, Julia & BOELLSTORFF, Tom. Botanical decolonization: rethinking native plants. *Environmental and Planning D: Society and Space*, volume 32, 2014.

NARBY, Jeremy. *Plantas como cérebros*. Dantes Editora: Biosfera, 2021.

NODARI, Eunice Sueli; CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. & ZARTH, Paulo Afonso. *Fronteiras fluidas: florestas com araucárias na América Meridional*. São Leopoldo: Oikos, 2018.

OPEN GREEN. *Guia das associações de cannabis no Brasil*, 2021.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

PRATT, Mary Louise. *Trabalho de campo em lugares comuns*. In: CLIFFORD, James & MARCUS, George E (Org.). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, Papéis Selvagens Edições, 2016.

PRIMAVESI, Ana. *Pergunte ao solo e às raízes: uma análise do solo tropical e mais de 70 casos resolvidos pela agroecologia*. São Paulo: Nobel, 2014.

RIBEIRO, Sidarta. *Limiar: ciência e vida contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STRATHERN, Marilyn. *Partial Connections*. Walnut Creek, CA: Altamira Press –Rowman & Littlefield Publishers, 1991.

STRATHERN, Marilyn. *O Efeito Etnográfico e Outros Ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

TOMPKINS, Peter; BIRD Christopher. A Vida Secreta das Plantas. São Paulo, Circo do Livro S.A., 1976.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Revista ILHA, v. 17, n. 1, 2015.

TSING, Anna. The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VARGAS, Eduardo Viana. Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”. Tese de doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

VIDAL, Sergio. Cannabis Medicinal: Introdução ao Cultivo Indoor, 2010.

WAGNER, Roy. A Invenção da Cultura. São Paulo: CosacNaify, 2012.

WOOLF, Virginia. O sol e o peixe: prosas poéticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.